

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Psicologia
Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento

**Estórias pessoais e fictícias:
estudo comparativo sobre verbosidade
fora de tópico em jovens e idosos**

Dissertação de mestrado

Lenisa Brandão

Porto Alegre, 2002

SUMÁRIO

Lista de tabelas	4
Lista de figuras.....	5
RESUMO.....	6
ABSTRACT.....	7
INTRODUÇÃO.....	8
OBJETIVOS.....	25
1. Objetivo Geral.....	25
2. Objetivos Específicos	25
HIPÓTESES.....	26
METODOLOGIA.....	27
1. Participantes.....	27
2. Delineamento, procedimentos e instrumentos.....	27
3. Análise dos dados.....	29
RESULTADOS.....	33
1. Comparação quanto às proporções e aos valores absolutos das variáveis de discurso	33
2. Comparação dos grupos quanto aos resultados de Fluência e Stroop	39
3. Correlações dos resultados dos testes Stroop e Fluência Verbal com as variáveis de discurso de jovens e idosos.....	40
DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	44
1. Comparação quanto às proposições e aos valores absolutos das variáveis de discurso e tipo de narrativa fictícia.....	44
2. Narrativas pessoais de jovens e idosos	44
3. Narrativas fictícias de jovens e idosos	46
4. Narrativas pessoais e fictícias de jovens e idosos	48
5. Narrativas pessoais e fictícias no total da amostra.....	49
6. Comparação dos grupos quanto ao desempenho nos testes Stroop e Fluência Verbal	49
7. Correlações das variáveis dos testes de inibição com as variáveis de discurso em forma de proporções de proposições.....	50
CONCLUSÃO.....	54
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	57

ANEXOS	63
ANEXO A – CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA	65
ANEXO B – TERMO DE CONSENTIMENTO	73
ANEXO C – MINI-MENTAL	75
ANEXO D – ESCALA DE DEPRESSÃO GERIÁTRICA	78
ANEXO E - QUESTIONÁRIO SÓCIO-CULTURAL	80
ANEXO F – STROOP DE CORES E PALAVRAS	86
ANEXO G – COEFICIENTES DE CORRELAÇÃO DOS JUÍZES	90
ANEXO H – NARRATIVAS DAS AMOSTRAS	93

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – Comparação das proporções relacionada às variáveis de discurso por grupo etário nas narrativas pessoais.....	34
TABELA 2 – Comparação das proporções relacionadas às variáveis de discurso por grupo etário nas narrativas fictícias	35
TABELA 3 – Médias e desvios padrão das proporções dos discursos pessoais e fictícios de jovens e idosos.....	36
TABELA 4 – Comparação das proporções entre discursos pessoais e fictícios utilizando a amostra total	37
TABELA 5 – Comparação das variáveis nos relatos pessoais e nas histórias fictícias por grupo	38
TABELA 6 – Médias e desvio padrão dos diferentes tipos de proposições nas histórias pessoais e fictícias do total da amostra	39
TABELA 7 – Médias e desvio padrão de todos participantes, do grupo dos jovens e dos idosos nos testes de Fluência e Stroop	40
TABELA 8 – Matriz de correlação entre Fluência, Stroop e diferentes tipos de proposições nos discursos pessoais	41
TABELA 9 – Matriz de correlação entre Fluência, Stroop e variáveis de discursos pessoais (jovens).....	42
TABELA 10 - Matriz de correlação entre fluência, Stroop e proporção não relevante (idosos)	43
TABELAS DE CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA	65

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Relações entre os tipos de representação e processamento na compreensão.....	18
FIGURA 2 – Processo de produção do discurso, reconstruído por Belinchón e cols. (1996), a partir de Van Dijk (1980).....	19
FIGURA 3 – Explicações para as mudanças de tópico, com base na teoria de Kintsch e Van Dijk	23

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Hipóteses sobre as diferenças entre os discursos de jovens e idosos	26
---	----

RESUMO

Este estudo teve o objetivo de investigar as hipóteses de “falha do supervisor mental” e razões contextuais“ para as mudanças de tópico no discurso narrativo de idosos, através da teoria de Kintsch e Van Dijk (1978). Participaram do estudo vinte idosos e vinte jovens com nível universitário, tendo sido excluídos casos de depressão e patologias neurológicas. Os participantes de ambos os grupos realizaram duas avaliações da função de inibição (Teste de Fluência Verbal e Stroop) e foram solicitados a narrar uma história pessoal e outra fictícia, com um tema definido. Cada proposição dos discursos foi classificada como relevante, indiretamente relevante ou irrelevante ao tópico, verificando também o uso de “estratégias de intenção do emissor” nas proposições não relevantes. Foi investigado também o número total de proposições, apreciações subjetivas e proposições repetidas. Os grupos etários e os gêneros narrativos foram comparados e foram estudadas correlações entre os testes neuropsicológicos e as variáveis de discurso. Os resultados do estudo indicaram que os idosos emitem mais informação indiretamente relevante e subjetiva em narrativas pessoais do que os jovens. Ambos os grupos apresentam uma maior proporção de proposições indiretamente relevantes em histórias pessoais e os idosos apresentaram preferência pelo relato pessoal em narrativas fictícias. Embora o desempenho dos idosos tenha sido mais baixo no teste Stroop do que o desempenho dos jovens, somente em jovens foi observada correlação entre proposições não relevantes e inibição. Os achados apoiaram a hipótese de razões contextuais para a menor focalização do idoso no tópico proposto, sugerindo que com o envelhecimento, ocorre uma mudança pragmática.

Palavras-chave: verbosidade fora de tópico, inibição, coerência, envelhecimento, narrativas

ABSTRACT

Personal and fiction stories: a study about off-target verbosity in young and old adults

The present study was designed to test the inhibitory deficits and the pragmatic change hypotheses concerning off-topic verbosity in older adults narrative discourse. Individuals were screened to exclude neurologic and psychiatric pathologies and two groups of 20 young and 20 old adults with university level education were designated to participate in the investigation. The participants were assessed individually. Two cognitive-inhibition-related measures were administered (Verbal Fluency and Stroop) and each participant was instructed to tell a personal and a fiction story, about given topics. The stories were transcribed and analysed in terms of propositions by three trained judges. Each proposition was classified as relevant, indirectly relevant and irrelevant according to the given topic. The analysis also included the use of intention strategies expressed to promote coherence in the presence of irrelevant propositions. Older adults had lower scores in the Stroop test and there was not found significant differences in the proportion of irrelevant speech between the groups. Older adults narratives were not less coherent, but presented a greater proportion of indirectly relevant propositions than stories told by the younger group. The elderly preferred to make up fiction stories where they were the protagonists. Their narratives also expressed more subjective content, as well as repeated more propositions than the young group, data that can be inferred to be a strategy of on-line production and emphasis to certain aspects of the story. Differently than young adults, no correlation between the proportion of non relevant propositions and the inhibition score was found in the old adult group. Although it was shown by the results of the younger adults that inhibition is one of the key aspects involved in the expression of non relevant information, there was sufficient evidence to support the pragmatic change hypotheses. Non-relevant information is expressed by older adults, regardless of the inhibition deficits that appear in aging. Old adults intend to tell personal stories guided by their emotions and opinions.

Key-words: off-target verbosity, aging, inhibition, coherence, stories, narratives.

INTRODUÇÃO

Este estudo tem como tema o envelhecimento e a linguagem. O assunto “envelhecimento” está em crescente evidência, devido ao aumento da expectativa de vida na maioria dos países do mundo. No Brasil, o número de indivíduos com idades acima de sessenta anos na população é cada vez maior e observa-se um aumento de grupos de idosos e de profissionais que buscam uma melhor qualidade de vida para aqueles que se encontram nesta etapa (Lehr, 1999). Esse interesse com relação ao idoso vem se expressando na literatura, observando-se um número cada vez mais elevado de pesquisas de diversas áreas sobre o envelhecimento. A reflexão sobre o assunto vem demonstrando que não existem “normas de idade”, mas variações e diferentes “padrões de envelhecimento”. Sendo ampla e multidimensional, a velhice ainda permanece um conceito em aberto. As ciências não conseguiram compor definições que satisfaçam integralmente um conceito sobre esta etapa de vida. O que está claro é o fato de que o envelhecimento é um processo, ao mesmo tempo, biológico, social e cultural (Debert, 1999).

A Neuropsicologia do envelhecimento tem focalizado o desempenho cognitivo do idoso, utilizando o delineamento transversal na maioria dos estudos (Woodruff-Pak, 1997). As pesquisas nessa área iniciaram demonstrando o declínio de algumas funções cognitivas, como a memória de trabalho, fornecendo explicações como a diminuição espacial deste sistema e a redução na velocidade de processamento cognitivo. Atualmente, o termo “estratégia compensatória” tem sido utilizado para dar conta da manutenção do nível de desempenho competente, apesar da possível diminuição de algumas habilidades, através da reorganização dos recursos cognitivos para realizar uma tarefa (Pratt & Norris, 1994). Evidências de déficits na memória de trabalho e da diminuição da velocidade no funcionamento cognitivo dão suporte a hipóteses de declínio na linguagem do idoso, pois essas funções exercem um papel importante no processamento da mesma. Entretanto, os neuropsicólogos divergem muito quanto às influências da deterioração destas capacidades na linguagem e sobre a própria hipótese de declínios na linguagem com o aumento da idade (Cerella, 1990; Kemper, 1988; Light, 1991; Obler, 1989; Pratt & Norris, 1994; Salthouse, 1985; Salthouse, 1991).

Os estudos sobre a linguagem do idoso vêm despontando de forma crescente na literatura (Shaden, 1994). Esses trabalhos procuram explicar como ocorrem as possíveis mudanças na linguagem dos idosos. Evidentemente, é necessário que os métodos permitam distinguir entre as mudanças lingüísticas que podem ocorrer no processo de

envelhecimento e os distúrbios ou características de linguagem acarretados por patologias que comprometem alguns idosos, como as demências e a depressão. As demências originam o comprometimento cognitivo, tanto de funções lingüísticas, como de funções executivas, como a inibição - habilidade cognitiva que será explicada mais adiante (Girelli, Sandrini, Cappa & Butterworth, 2001). A depressão também pode causar déficit na função de inibição do indivíduo, demonstrado a partir do baixo desempenho em testes como Fluência Verbal e Stroop (Beatty, Wonderlich, Staton & Ternes, 1990; Crews, 1999; Fisher, Sweet, Pfaelzer-Smith, 1986). A depressão leva ao isolamento e à falta de motivação, diminuindo o grau de interação do indivíduo com os outros, o que pode resultar em uma produção de discurso reduzida (Stoppe, 1997).

Um dos aspectos levantados na literatura sobre a produção do discurso do idoso sem patologias neuropsicológicas é a presença de fala aumentada e caracterizada por mudanças súbitas e repentinas de tópico. Esta característica da fala do idoso, encontrada em vários estudos, é denominada *verbosidade fora de tópico* e tem sido atribuída a diferentes razões, gerando um debate entre hipóteses.

Indivíduos com verbosidade fora de tópico falam “copiosamente” e exibem uma perda contínua do foco no discurso, realizando diversas mudanças de tópico, o que demonstra falta de coerência no discurso (Arbuckle & Gold, 1993; Gold, Andres, Arbuckle & Zieren, 1993; Gold & Arbuckle, 1995). A falha na manutenção do foco do discurso distingue a verbosidade fora de tópico da fala prolongada denominada *talkativeness* que, apesar de prolongada, permanece dentro do tópico, desenvolvendo uma seqüência coerente na narrativa (Gold, Andres, Arbuckle & Shwartzman, 1988).

Achados sobre a produção do discurso de indivíduos idosos demonstram que a verbosidade fora de tópico surge no discurso do idoso em conversações que têm tópicos autobiográficos (Arbuckle & Gold, 1993). Esses dados levantam um debate acirrado entre as pesquisas que têm se posicionado a favor da hipótese do déficit de inibição e os estudos que defendem a hipótese da mudança pragmática.

A hipótese do déficit de inibição postula que uma minoria de idosos saudáveis sofre um declínio específico no mecanismo de inibição, considerado uma função executiva do lobo frontal do cérebro (Sweeney, Rosano, Berman & Luna, 2001). O mecanismo de inibição é fundamental na expressão e compreensão da linguagem, além de outras habilidades (Arbuckle & Gold, 1993).

Uma série de estudos demonstra que indivíduos com lesão no lóbulo pré-frontal apresentam dificuldade em focalizar a atenção, vulnerabilidade à interferência e tendência a reagir de forma não apropriada ao contexto. O comportamento desinibido e não

apropriado para o contexto é acompanhado de dificuldades na produção de um discurso coerente (Campbell, Duffy & Salloway, 1994; Duffy & Campbell, 1994; Malloy & Richardson, 1994; Mega & Cummings, 1994; Salloway, 1994). O impacto no que concerne à suscetibilidade à interferência, leva ao fracasso em inibir respostas irrelevantes (Damasio & Anderson, 1993; Petrides & Milner, citados por Stuss, 1986).

Stuss (1986) descreve as relações entre algumas funções lingüísticas e áreas específicas do lobo frontal. A região orbital seria responsável pelo monitoramento e comparação da emissão com as intenções de fala, estando diretamente relacionada ao desenvolvimento das narrativas. A região dorso-lateral do lobo frontal estaria relacionada à organização seqüencial de informações lingüísticas. Tais lesões podem causar um desempenho inadequado no Wisconsin Card Sorting Test (WCST, Milner, 1964), exame associado à capacidade de inibir informação irrelevante.

Pesquisadores liderados por Gold (Gold e cols., 1988; Arbuckle & Gold, 1993; Gold e cols., 1993; Gold & Arbuckle, 1995), trabalhando com a hipótese do déficit de inibição, têm realizado estudos que comparam as narrativas de idosos mais jovens e idosos mais velhos, relacionando os dados de verbosidade fora de tópico com resultados de testes cognitivos - Wisconsin Card Sorting Test (Milner, 1964), Trail Making Test (Reitan & Davison, 1974), Stroop (Trenerry, Crosson, DeBoe & Leber, 1989) e o Teste de Fluência Verbal (Benton & Hamsher, 1976) - considerados medidas relacionadas à função de inibição, e com o desempenho em testes psicológicos que avaliam neuroticismo, extroversão, saúde, bem estar, experiências de vida, suporte e atividade social.

Os resultados demonstram que parte dos idosos produz fala mais prolongada e irrelevante ao assunto, caracterizando verbosidade fora de tópico (Arbuckle & Gold, 1993; Pushkar, Basevitz, Arbuckle, Nohara-LeClair, Lapidus & Peled, 2000). Os dados apresentam associação significativa com o baixo desempenho nos testes usados para avaliar a inibição em tarefas não discursivas, e não apresentaram associação com outras variáveis intelectuais, como vocabulário. Os autores relacionam a identificação deste déficit cognitivo com os achados de processos de declínio das funções do lobo frontal em idosos. Os dados também confirmam a mediação de fatores psicossociais. No entanto, os autores relacionam estas variáveis à característica de fala aumentada (*talkativeness*), afirmando que os fatores psicossociais não são realmente associados à verbosidade fora de tópico, mas ao aumento da fala.

Em outras palavras, segundo esses estudos os fatores psicossociais não atuam como causas da verbosidade fora de tópico, mas como facilitadores da mesma. A experiência provocada por níveis de vigília alterados e a necessidade de lidar com o *stress*,

provavelmente reduzem a capacidade cognitiva disponível para a inibição da fala irrelevante. Além disso, indivíduos com personalidades extrovertidas e sociáveis são habitualmente mais falantes. A combinação de *stress* e extroversão pode levar ao aumento da fala irrelevante, expondo o já deficitário controle de atenção inibitório. O pensamento não verbalizado de indivíduos menos extrovertidos e falantes e de sujeitos menos estressados pode apresentar a mesma falta de coerência, mas não ser tão aparente, devido ao menor tamanho do discurso. Além disso, os autores sugerem ser possível que o empobrecimento da atenção possa levar ao aumento do *stress* psicológico, e que a verbosidade fora de tópico possa causar diminuição do contato familiar. Esta suposição contraria a idéia de que fatores psicossociais seriam a causa da verbosidade fora de tópico. Os autores apresentam a hipótese de que os fatores psicossociais não só podem servir como desencadeadores da verbosidade fora de tópico, como podem também ser o efeito da mesma (Arbuckle & Gold, 1993; Gold e cols., 1988; Gold e cols., 1993; Gold & Arbuckle, 1995). Críticas a esta abordagem foram levantadas, argumentando-se que a verbosidade fora de tópico aparece apenas em narrativas autobiográficas, devido ao desejo do idoso de relatar suas experiências, não sendo observada esta característica em descrições de figuras (Burke, 1997; James, Burke, Austin & Hulme, 1998).

No entanto, recente estudo, realizado pelo grupo de Gold, apresentou uma tarefa diferente da narração e descrição para demonstrar que a verbosidade fora de tópico emergiria em qualquer contexto discursivo. Os autores apresentaram uma tarefa de comunicação a sujeitos idosos com o objetivo de verificar se a verbosidade fora de tópico afetaria a comunicação de informações não autobiográficas. A tarefa proposta consistiu em um “jogo” realizado em duplas. Foi feita uma análise da eficiência comunicativa dos jogadores, incluindo o número total de palavras e tópicos irrelevantes à tarefa. Os resultados demonstraram que escores altos de verbosidade fora de tópico estão associados à comunicação ineficiente de informação na tarefa comunicativa. Os jogadores com escores altos de verbosidade fora de tópico levaram mais tempo, usaram mais palavras, produziram menos símbolos e forneceram informações mais redundantes, confusas e difíceis de compreender. Ademais, pareceram menos “afinizados” com seu companheiro de jogo, fornecendo descrições de modo a emitir informações desnecessárias ou até mesmo não apropriadas. Os autores concluíram que a verbosidade fora de tópico afeta a fala em diferentes contextos e o conteúdo da fala irrelevante pode modificar-se de acordo com a tarefa. Os resultados demonstraram que as informações irrelevantes ao tópico não são apenas de natureza pessoal, como observado em narrativas. A indicação de verbosidade fora de tópico relacionou-se à falta de coerência, pois os idosos demonstraram dificuldade

em manter o foco do discurso, apresentando informações repetidas e inadequadas (Arbuckle, Nohara-Le Claire & Pushkar, 2000).

A hipótese pragmática é defendida pelos pesquisadores que criticam a hipótese do déficit de inibição, postulando que a intenção comunicativa é determinante na qualidade e no estilo do discurso. Através deste ponto de vista, a competência cognitiva não estaria por trás do estilo de discurso considerado verboso e fora de tópico pelo grupo de Gold. Segundo os defensores da hipótese da mudança pragmática, a teoria do déficit de inibição não apresenta um modelo bem especificado para a predição de novos achados, produzindo confusão entre inibição em tarefas cognitivas e inibição no discurso. Para esses autores, o determinante da mudança de tópicos no discurso dos idosos estaria no contexto social e na identidade do falante. Segundo os seguidores dessa hipótese, os resultados que demonstram discurso com verbosidade fora de tópico podem ser atribuídos a fatores como vocabulário diminuído e aspectos psicossociais. Além de enfatizarem o não aparecimento de verbosidade fora de tópico em descrições, esses autores atribuem qualidade superior às narrativas dos idosos (Burke, 1997; James e cols., 1998).

A análise de conversação, como método para verificar a significância da estória de vida ou narrativa pessoal, tem dado suporte para a perspectiva da mudança pragmática. Com esta abordagem, as pesquisas demonstram que a lembrança do passado é freqüente nas conversas entre idosos, aparecendo bem menos na interação de jovens. Os autores afirmam que as narrativas pessoais ocorrem com grande freqüência na fala de indivíduos mais velhos, dada a tendência natural dos idosos em tornarem-se “contadores de estórias”. A categoria *tempo* percorre a construção dos tópicos, que se bipartem entre o passado e o presente. O passado é utilizado para a análise do presente, sendo mais importante para o falante idoso, pois ele crê e pretende demonstrar os valores de antigamente. Assim, ele apresenta o objetivo de preservar sua imagem social através da linguagem (Boden & Bielby, 1983; Pretti, 1991). Este último autor se refere ao julgamento de uma melhor qualidade nas estórias dos idosos afirmando que, apesar dos tópicos serem guiados pelo interesse pessoal do idoso - talvez mais do que pelo interesse de seu interlocutor - seu discurso geralmente é considerado interessante pelo ouvinte. Justifica-se o sucesso nas narrativas pelo grau de originalidade. Segundo o autor, quanto mais os fatos se apresentam como inusitados, tanto maior a atenção do ouvinte ao discurso narrativo. Esta característica dos fatos é, de certa forma, uma condição que favorece sua ativação na memória episódica, mais preservada do que a memória de trabalho em idosos. Justamente a característica de contar fatos inusitados, mais fixados na memória, valoriza o discurso do idoso, fazendo “desfilar perante o ouvinte cenas, fatos públicos, episódios familiares, tipos humanos que

podem remontar há mais de meio século” (p. 108). O idoso, com suas experiências passadas e referências familiares e culturais, apresenta uma possibilidade diferente de memória do que aquela apresentada pelos jovens. O idoso possui como que um “pano de fundo” para sua memória atual. A lembrança do passado não representa para ele um descanso em seu cotidiano. O idoso se ocupa dela de forma atenta em sua vida. É como se ele apresentasse o comprometimento social de lembrar (Bosi, 1995).

Autores que se posicionam dentro dessa corrente sugerem uma série de mudanças positivas na produção e compreensão da narrativa com o envelhecimento. Embora ocorra uma diminuição do tempo que resta ao idoso para viver novas experiências, reduzindo a expectativa de construir novas histórias, a “narrativa interna” não deixa de expandir-se e não há uma diminuição da capacidade de interpretar sua história pessoal. Ao contrário, com o envelhecimento, parece surgir um tempo de encontrar sentido para a história de vida. O idoso tende a expressar mais apreciações subjetivas e a expressão de suas emoções apresenta mais nuances. Pode haver um aumento da complexidade na expressão subjetiva, devido à riqueza de experiências pessoais, que o jovem ainda não possui. Em virtude do enorme número de associações e memórias relacionadas às experiências de vida do idoso, a história pessoal pode tornar-se mais intensa no que concerne à emissão de conteúdos relacionados à emoção (Randall, 1999). Os idosos estão mais interessados no relato pessoal, na reminiscência e no estabelecimento de sua identidade no discurso. Apresentam intenção de comunicar descrições significativas do passado e não descrições concisas de ações. Parece que, ao invés de violarem as regras de relevância, os idosos apresentam objetivos que requerem mais informação subjetiva do que os jovens em narrativas pessoais (James e cols., 1998).

Os principais argumentos utilizados pelos defensores da hipótese pragmática para criticar a hipótese do déficit inibitório, se referem às evidências de estabilidade de várias habilidades lingüísticas no idoso, especialmente aquelas relacionadas a tarefas de compreensão. Burke (1997) realizou uma revisão que focaliza os processos de compreensão e produção da linguagem - domínios de cognição supostamente vulneráveis ao déficit inibitório, ligado ao aumento da idade. Várias pesquisas foram relatadas, demonstrando constância nos níveis de desempenho lingüístico de idosos, principalmente no que concerne à compreensão. Estes resultados foram referidos pela autora como contrários à teoria do déficit de inibição. No entanto, grande parte das pesquisas sobre a compreensão do idoso não apresenta a mesma constância de achados relatada por Burke, divergindo muito a respeito do declínio ou manutenção dessa habilidade.

Apesar de existirem estudos que demonstram a preservação de habilidades relacionadas à compreensão e a tendência a reproduzir textos mais subjetivos (Parente, Capuano & Nespoulous, 1999; Parente, Saboskinski, Ferreira & Nespoulous, 1999) e marcados pela emoção (Cartensen, Isaacowitz & Charles, 1999), há trabalhos que indicam que ocorre um declínio na compreensão em tarefas que exigem uma capacidade processual mais alta (Kemtes & Kemper, 1999; Paul 1996; Stine & Wiengfield, 1990) e outros estudos que sugerem um claro déficit da compreensão em indivíduos idosos (Cohen, 1979; Juncos-Rabadán, 1996). As controvérsias não param por aí, pois existem pesquisadores que defendem a hipótese de uma assimetria no declínio da linguagem do idoso, afirmando que os processos de produção são mais afetados do que os de compreensão (Mac Kay, Abrams & Pedroza, 1999).

O estudo de Korolija (2000) examinou as estratégias de coerência utilizadas por um grupo de idosos. Embora o trabalho dessa autora focalizasse o discurso conversacional, os idosos apresentavam relatos pessoais e os achados desse estudo apresentam concordância com muitas pesquisas sobre a narrativa do idoso. Os idosos desse estudo também apresentavam grande preferência por temas relacionados a sua experiência pessoal. Frequentemente passavam de um tema geral para temas pessoais e individuais. A autora levantou duas possíveis explicações para esse resultado: (1) a preferência pelo relato pessoal poderia refletir uma estratégia para encontrar situações discursivas já manejadas antes, compensando possíveis dificuldades na produção do discurso; ou (2) a passagem para o relato pessoal poderia representar uma estratégia do idoso para encontrar coerência na sua própria experiência pessoal, buscando sentido para suas vivências. Os resultados do estudo também demonstraram que os idosos realizaram um grande número de apreciações subjetivas, o que reforça a segunda explicação esboçada.

Além disso, Korolija encontrou dados que contrariam os estudos sobre verbosidade fora de tópico (Arbuckle & Gold, 1993; Arbuckle e cols., 2000; Gold e cols., 1988; Gold e cols., 1993; Gold & Arbuckle, 1995; James e cols., 1998). O grupo de idosos de sua pesquisa não apresentou tendência de realização demasiada de mudanças de tópico. Embora a amostra desse estudo seja menor do que a dos trabalhos mencionados, a análise qualitativa de Korolija levanta questões pertinentes. De acordo com a autora, os idosos mantinham-se no tema, porém não havia uma progressão das ações relatadas. Predominou a análise subjetiva e apareceram muitas repetições dentro do tópico falado. Esse achado pode sugerir uma diferença na análise dessa autora sobre o que é realmente informação irrelevante ao tópico. Se a apreciação subjetiva dos participantes fosse considerada irrelevante, evidentemente o estudo estaria de acordo com os trabalhos mencionados.

Somente a presença de repetições no relato dos idosos está em concordância com os resultados daqueles estudos, pois estas podem denotar informação redundante e portanto, irrelevante. Porém, segundo a análise adotada, a natureza da informação irrelevante apresentada pelos idosos não foi fora de tópico. O estudo concluiu que o idoso apresenta uma forma diferente de permanecer no tópico, sendo que a coerência do discurso do idoso é guiada pela sua intenção em comunicar conteúdos pessoais e subjetivos.

Considerando as pesquisas sobre o discurso do idoso realizados até o momento, o estudo da narrativa configura-se como um terreno rico a ser explorado. Sabe-se que a construção de narrativas é um processo fundamental da linguagem e sua investigação vem sendo considerada como uma nova revolução cognitiva, possibilitando uma abordagem mais interpretativa dos processos mentais, interessada na produção de significado.

O homem parece apresentar uma predisposição inata para a organização narrativa, que permite com que a compreenda e a use facilmente. Além dessa capacidade inerente ao homem, a cultura o equipa com novos poderes de narração, através da tradição de contar e interpretar histórias (Bruner, 1997). A narrativa parece ser a principal forma utilizada pelo homem para comunicar lingüisticamente seus conteúdos mentais para si e para os outros (Siegel, 1996).

Os principais gêneros narrativos são as histórias pessoais ou autobiográficas e as histórias fictícias. As narrativas pessoais, não se referem a fatos reais, mas a seleções do narrador. Documentam os eventos da vida, geralmente derivando significados, na tentativa de encontrar sentido para os fatos (Ochs, 2001; Siegel, 1996). Já as narrativas fictícias caracterizam-se pela suspensão do tempo e aspectos fatuais em favor de um tempo e espaço fictícios (Scliar-Cabral, 1983). Embora as histórias fictícias contem fatos hipotéticos, podendo exigir uma produção mais focalizada no tema, as fronteiras entre narrativas pessoais e fictícias nem sempre são bem marcadas, pois as últimas podem apresentar-se na forma de relatos pessoais. Os relatos pessoais, fictícios ou não, contam experiências do narrador (Ochs, 2001).

Para compreender a produção de narrativas, é necessário estudar o processamento cognitivo do discurso. As pesquisas que têm como tema central a verbosidade fora de tópico em narrativas têm se restringido a análises que não consideram a organização proposicional. Além disso, os estudos citados não consideram a presença de determinadas “estratégias de intenção do emissor”, que podem indicar razões contextuais para as mudanças de tópico. A teoria de Kintsch e Van Dijk (1978), exposta a seguir, proporciona esta análise, o que leva a crer que sua utilização poderá iluminar algumas questões relacionadas a esse tema.

Segundo Kintsch e Van Dijk (1978), as proposições são utilizadas para representar o significado dos textos. De acordo com Belinchón, Rivière e Igoa (1996), a idéia de proposição surge na psicologia cognitiva por influência da lógica, no intuito de dar conta do significado, sem atribuir-lhe características de imagem ou linguagem na forma como empregamos normalmente este termo. As proposições são unidades abstratas que possibilitam que a linguagem tenha significado, sendo como que uma outra espécie de linguagem na mente. De acordo com Kintsch (1974), a base semântica de um texto é composta por listas ordenadas de proposições, constituídas por um predicado e um ou dois argumentos. O predicado é considerado um conceito relacional, podendo ser um verbo, adjetivo, advérbio ou conectivo de sentença. Os argumentos podem apresentar diversas funções, como as de agente, paciente, instrumento, objeto, fonte ou meta.

O encontro produtivo de Kintsch e Van Dijk proporcionou a formulação de uma teoria que se concentraria no estudo do discurso relacionado ao processamento cognitivo. Automaticamente, os autores focalizaram-se no processo da compreensão, que possibilitava maiores condições de controle e manipulação, devido ao fornecimento de um *input* conhecido, isto é, o texto, denominado *texto de superfície*. Segundo Van Dijk (1943/1996), embora as estratégias de produção devam apresentar diferenças daquelas utilizadas na compreensão, provavelmente esses dois sistemas não são completamente diferentes e independentes. Para compreender a produção do discurso, que é o tema central deste trabalho, é necessário que nos detenhamos nas explicações de Kintsch e Van Dijk a respeito da compreensão, sobre as quais se apoia grande parte de sua teoria.

Segundo Kintsch e Van Dijk (1978), a compreensão de um discurso inicia-se na criação mental de um *texto base*, que organiza todas as idéias explícitas do *texto de superfície*. De acordo com Kintsch e Van Dijk, o sujeito processa o discurso em tempo real, com os recursos cognitivos de que dispõe e com as restrições de sua atenção e memória de curto prazo. A cada momento, o sujeito pode ativar somente um número limitado de idéias antes de incorporar novas idéias ao processamento. Assim, é necessário que o sujeito descarte a microestrutura do discurso e selecione, a cada fase, as principais idéias, ou seja, aquelas que se repetem com maior frequência e que formam a macroestrutura do discurso.

Como afirmam Kintsch e Van Dijk (1978), um discurso é coerente somente se suas proposições estão conectadas e se essas proposições estão organizadas globalmente, a nível macroestrutural. Segundo Kintsch (1990) e Belinchón e cols. (1996), a elaboração da macroestrutura de um discurso constitui um dos processos mais complexos na compreensão, e há evidências de que a produção de discursos e textos bem organizados

facilita o processamento macroestrutural, enquanto que a produção de discursos mal organizados e vagos dificulta este processamento.

Sempre que ouvimos um discurso, ou lemos um texto, recordamos sobretudo as idéias mais importantes e esquecemos as irrelevantes. Esta é uma característica que confere inteligência e funcionalidade à mente, havendo uma relação entre a memória e o nível hierárquico das proposições do discurso. O produto desta relação é denominado “efeito de níveis”. A partir desses fundamentos, vários estudos sobre memória textual, demonstraram que as idéias principais dos discursos (macroestrutura) são mais recordadas do que as idéias acessórias (microestrutura). (Guindon & Kintsch, 1984; Kintsch & Kozminsky, 1977; Parente, Capuano & Nespoulous, 1999).

Em virtude de um compromisso pragmático de ser “claro” com seu interlocutor, aquele que produz o discurso tende a marcar as informações sobre o tópico, possibilitando melhores condições de compreensão e memória. Proposições de um mesmo tópico formam episódios que, na linguagem escrita, são marcados pelos parágrafos. O tópico é identificado por um conjunto de proposições associadas a uma macroproposição de nível hierárquico mais alto. Os quatro níveis relacionados ao processamento do discurso, *texto de superfície*, *texto base*, macroestrutura e organização tópica, interconectam-se mutuamente (Figura 1).

Tipos de Representação e Processamentos

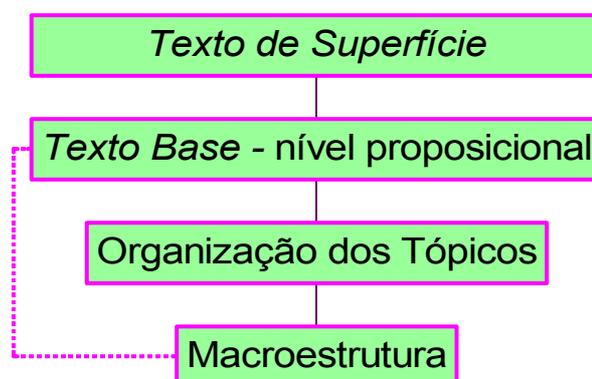


Figura 1 - Relações entre os tipos de representação e processamento na compreensão

Ao estudar o processo de produção de um discurso, devemos ter em mente que durante a atividade da fala, os sujeitos devem selecionar o conteúdo de suas mensagens a partir de representações previamente ativadas ou disponíveis em sua memória de trabalho. A seleção de uma certa representação como conteúdo potencial de uma mensagem lingüística implica na realização de operações mentais sobre tal representação, como a elaboração de objetivos pragmáticos ou intenções comunicativas que consideram o contexto e o conhecimento do interlocutor (Kintsch & Van Dijk, 1978).

A produção de um discurso dotado de coerência global exige do falante as seguintes operações: a) a definição do conteúdo pragmático do discurso, ou seja, daquilo que o falante pretende dizer; b) a elaboração da macroproposição que define o conteúdo semântico geral, que se estabelece a partir do que o falante reconhece como relevante; c) a construção de uma hierarquia de tópicos mais específicos, a partir desta macroproposição (Van Dijk, 1980). Assim, de acordo com o esquema reconstruído por Belinchón e cols. (1996), a partir do autor citado anteriormente (ver Figura 2), as fases iniciais de planejamento do discurso são compostas primeiramente pelo processamento pragmático e posteriormente pelo processamento semântico. No processamento pragmático, ocorre a ativação de esquemas armazenados a respeito do conhecimento sobre o mundo e sobre a produção de discursos, a definição da intenção do falante, a representação da situação e do interlocutor e a elaboração prévia da informação do discurso. A partir daí, ocorre a elaboração da macroproposição ou tópico. Somente após esta fase, ocorre o processamento semântico, em que são definidos e ordenados os subtópicos para posterior seleção das proposições individuais. Nestas fases iniciais da produção do discurso está contida toda bagagem de processos necessários para a codificação lingüística da oração, composta dos processamentos sintático, morfo-léxico e fonológico, para finalmente ocorrer a produção da fala através da execução de um plano motor.

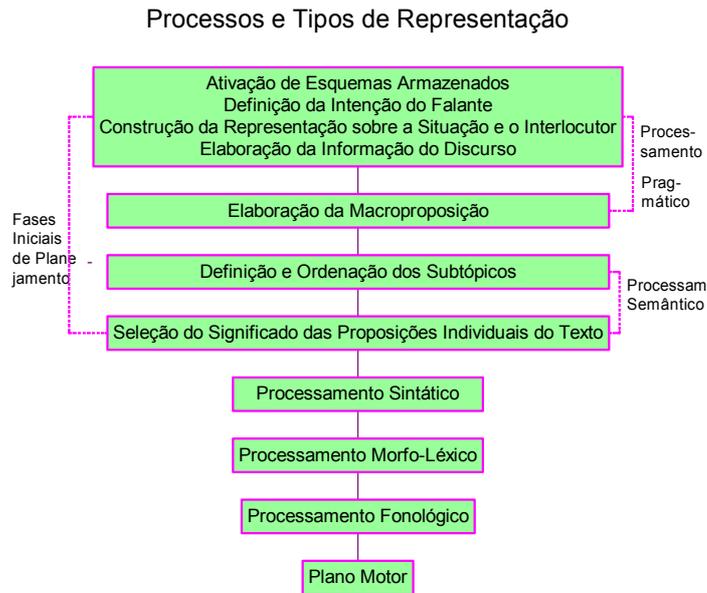


Figura 2 - Processo de Produção do Discurso, reconstruído por Belinchón e cols. (1996), a partir de Van Dijk (1980)

A teoria de Kintsch e Van Dijk incorporou também explicações sobre o conhecimento utilizado na compreensão e produção de discursos. Logicamente, o falante utiliza grande quantidade de informações para derivar a macroestrutura. Assim a noção de *script* foi referida por Belinchón e cols. (1996) como sendo um pacote de informação relativa a situações convencionais. De acordo com Van Dijk (1980/1996), os sujeitos ativam *scripts* para produzir um discurso. Porém esta noção não era suficiente para abarcar todo o conhecimento envolvido, daí o surgimento dos modelos mentais. Esses modelos se referem a tipos específicos de estruturas de conhecimento na memória e dão conta do papel que o conhecimento pessoal sobre situações reais ou imaginárias tem na produção dos discursos. Modelos mentais, situacionais ou de evento são representações de experiências pessoais.

A introdução da noção de modelo possibilitou o estabelecimento de um ponto de partida para os processos de produção. Assim, como afirma Van Dijk (1983/1996), o processo de produção do discurso começaria com a representação de uma experiência pessoal ou com conhecimentos específicos sobre o mundo.

Além do modelo mental, os sujeitos possuem também um modelo de contexto. Os falantes geralmente apresentam modelos dos eventos em que participam, com objetivos, opiniões e conhecimentos próprios sobre o discurso em questão. Representam-se como

participantes de um discurso, construindo uma versão mental do espaço, do tempo, das circunstâncias, dos sujeitos e das ações presentes no contexto.

Os modelos de contexto devem estar aptos a constantes mudanças, ocorrendo monitoramentos e ajustes necessários à adaptação destes, para proporcionar um discurso apropriado ao contexto. Devido à complexidade do contexto, nem todas as informações do meio podem estar contempladas no modelo de contexto. O falante deve ser capaz de subtrair os detalhes do contexto, inferindo macro-conceitos que descrevem aspectos relevantes do que está acontecendo no ambiente em que o discurso se dá, como o tópico, o gênero do discurso, as informações gerais do ambiente, os participantes e o objetivo geral da interação. Assim, o sujeito é capaz de manter-se nos limites da relevância, focalizando seu discurso naquilo que é importante, guiando-se pela macroestrutura do discurso e não atendendo a detalhes ou informações de nível “micro” do contexto, que serão processadas mas que surgirão no discurso somente se necessário. O conceito crucial deste critério é a *relevância*. Somente a informação essencial do modelo de contexto deve ser expressa no discurso. Assim, os sujeitos evitariam a expressão de eventos que não devem ou não necessitam aparecer no discurso.

Entretanto, num discurso não dizemos continuamente a mesma coisa sobre os mesmos indivíduos. Um discurso coerente terá relações de diferenças e mudanças. Em primeiro lugar, podemos introduzir novos indivíduos dentro do universo do discurso ou estabelecer novas propriedades e relações com indivíduos já referidos. Parece intuitivamente razoável requerer que os indivíduos introduzidos relacionem-se novamente com, pelo menos, um dos indivíduos presentes anteriormente. Do mesmo modo, propriedades novas devem ter relação com propriedades já mencionadas. E, finalmente, uma mudança de cenário ou situação deverá estar também ligada por algumas relações de acessibilidade ao cenário ou situação já estabelecida. Em outras palavras, as mudanças devem ser homogêneas, de algum modo. Isto é, devem operar-se nos limites de algum princípio de nível superior que determina os indivíduos e as propriedades possíveis de algum universo do discurso. As mudanças de indivíduos, propriedades ou relações, devem ser operadas em relação a indivíduos, propriedades ou relações já mencionados. Estas relações não são apenas entre seqüências de proposições mas, principalmente, entre as proposições e o tópico principal do discurso. Desse modo, Van Dijk (1998) sugere que um discurso coerente é formado por proposições relevantes e indiretamente relevantes ao tema.

Quando são emitidas mais proposições indiretamente relacionadas ao tema do que proposições relevantes, ou mesmo, mais qualificações do que ações, verifica-se o excesso

de informações e descrições de estado. Nesse caso, a narrativa pode ser considerada um discurso supra-completo, condição que favorece a incoerência do discurso. Sendo as ações os componentes essenciais da narrativa, a descrição detalhada de objetos é inadequada no ato da narração. No entanto, existem narrativas que apresentam maior número de descrições de estado e qualificações do que outras, por razões estéticas. É possível que o narrador opte por um gênero de discurso que privilegia a descrição de estados e a apreciação subjetiva da estória (Van Dijk, 1998).

Van Dijk (1980/1996) fornece diversas razões para explicar quando as regras da relevância não são respeitadas, verificando-se a presença de proposições irrelevantes, ou seja, quando são fornecidos detalhes desnecessários, e a natureza das idéias expressas não é adequada ao contexto. Van Dijk (1983/1996) afirma que, apesar de saber da existência dessas regras, é possível que os sujeitos não as obedeçam sempre, por exemplo, os sujeitos podem dizer coisas que seus interlocutores já sabem, ou podem falar coisas que sabem que seus interlocutores não querem saber, ou então podem falar de coisas das quais eles mesmos desconhecem. Por vezes, existem razões contextuais que justificam a fala irrelevante ou inadequada. Quando o falante expressa idéias inadequadas e conhece as expectativas do outro, pode estar pretendendo ameaçar seu interlocutor, expressando informações incompatíveis com os desejos e interesses do mesmo. A expressão de idéias irrelevantes também pode significar que o sujeito tem especial interesse em que seu interlocutor tome conhecimento de algo, ou que o sujeito sabe que seu interlocutor tem especial interesse por esse algo, ou que o interlocutor age como se não soubesse desse algo ou que o sujeito tem necessidade emocional de comunicar. Van Dijk também salienta que é preciso levar em conta o fato de que o falante expressa suas idéias não em função do mundo real, mas em função de seu modelo mental do contexto. Desse modo, a posição que ocupa mentalmente certamente aparecerá em seu discurso, muitas vezes revelando-se através da recusa intencional dos padrões sociais compartilhados, em favor da demonstração de resistência, desafio, criatividade, originalidade e defesa da categoria social. Assim, o modo como o falante se define como participante da interação terá impacto sobre seu discurso, afetando a seleção de tópicos e as relações de coerência. De acordo com Van Dijk (1983/1996), os tópicos não só podem expressar os modelos individuais do sujeito, como também os modelos do seu grupo social. A relevância é dada em função daquilo que o falante considera importante para o seu modelo de contexto, não significando que este está de acordo com a realidade ou em conformidade com o modelo de contexto de seu interlocutor.

Mas como saber se o falante está emitindo informação considerada irrelevante por razões contextuais? É possível que o uso de estratégias de “intenção do emissor” referidas por Van Dijk (1983/1996), indique quando o falante realiza uma mudança de tópico por essas razões. De acordo com o autor, o falante utiliza-se de estratégias de produção, como o uso de indicadores de mudança de tópico que motivam aparentes desvios dos princípios de coerência. Além disso, utiliza-se de regras de antecipação ou de explicação, prevendo possíveis interpretações do ouvinte. O uso destas estratégias favorece a coerência do discurso. Elas podem envolver pequenos cortes interpretativos ou a solução efetiva de dúvidas de interpretação, quando o falante aparentemente fala “fora de tópico”. Estas mudanças de tópico são voluntárias quando o sujeito pretende fornecer uma explicação sobre algo que ele antecipa como sendo desconhecido de seu interlocutor. Nesses casos, o falante mostra-se ciente de sua mudança, utilizando estratégias para a manutenção da coerência do discurso.

A permanência no tópico também depende de um mecanismo cognitivo considerado como uma noção alusiva da consciência. Os modelos de contexto parecem atuar como um sistema de controle (ou ao menos como a base de informação deste sistema de controle) que lida com a expressão de idéias relevantes. De acordo com Van Dijk (1983/1996), existem evidências da existência deste sistema de controle, “supervisor mental”, responsável por coordenar as várias tarefas durante o discurso, ativando e desativando informações e ligando os processos em curso com os objetivos gerais do discurso. Esse sistema de controle cuidaria de tudo isso para a memória de trabalho que, por ser limitada, não poderia realizar tantas tarefas e ainda derivar as macroproposições (tópicos), definir a superestrutura (estrutura esquemática do discurso) e dar conta das informações do contexto. Van Dijk (1983/1996) afirma, no entanto, que o monitor ou sistema de controle das informações a serem expressas em um discurso ainda precisa ser identificado. Segundo o autor, a ciência ainda não desvendou estes “componentes cognitivos” responsáveis pela formação e ativação do modelo de contexto durante a produção do discurso. Ainda não se sabe quais as estratégias utilizadas para analisar e armazenar as situações contextuais do discurso. Sabe-se, no entanto, que os sujeitos são incapazes de interagir de forma inteligível e efetiva se não possuírem um monitoramento eficaz dos sinais do contexto em que seu discurso é produzido.

A partir desses fundamentos, depreende-se que as mudanças de tópico na fala do idoso podem ser atribuídas a duas causas: (1) falhas no “supervisor mental”, que acarretam o aparecimento de proposições irrelevantes ao tópico, com redução ou ausência de

estratégias de “intenção do emissor”, provocando um prejuízo da coerência no discurso; (2) razões contextuais, caracterizando-se pela presença de proposições irrelevantes ao tópico, porém com a presença de estratégias de “intenção do emissor”, favorecendo a coerência do discurso (Figura 3).



Figura 3 - Explicações para as mudanças de tópico, com base na teoria de Kintsch e Van Dijk

Verifica-se que existem relações importantes entre os dados teóricos de Kintsch e Van Dijk e os estudos empíricos sobre a presença da verbosidade fora de tópico nos discursos de idosos. A hipótese da existência de falhas no “supervisor mental” identifica-se com a suposição de um déficit inibitório, enquanto que a hipótese da existência de razões contextuais identifica-se com a idéia de uma mudança pragmática. Embora aparentemente exista uma continuidade de hipóteses, a presença dessa identificação não representa uma estagnação na investigação da verbosidade fora de tópico em idosos. Propõe-se um mesmo método para avaliar as duas possibilidades, introduzindo a análise proposicional e a identificação de estratégias de “intenção do emissor”. Essa análise possibilita que ambas as hipóteses sejam examinadas de forma coerente e cuidadosa, à luz de uma mesma teoria.

OBJETIVOS

1. Objetivo Geral

Investigar as hipóteses de “falha no supervisor mental” e “razões contextuais” para as mudanças de tópico, através da teoria de Kintsch e Van Dijk (1978), verificando se os discursos narrativos de jovens e idosos diferem quanto à coerência e se a presença de fala irrelevante ao tópico está associada à falhas de inibição globais.

2. Objetivos Específicos

- Examinar a coerência das narrativas de jovens e idosos e verificar possíveis diferenças entre os grupos e tipos de narrativas;
- Verificar possíveis diferenças entre os grupos nas proporções de proposições relevantes, indiretamente relevantes e irrelevantes ao tópico;
- Comparar os dois grupos quanto ao total de proposições, apreciações subjetivas e proposições repetidas;
- Comparar os dois grupos quanto ao uso de estratégias semânticas em proposições irrelevantes e indiretamente relevantes ao tópico;
- Verificar se a expressão de proposições de diferentes graus de relevância está relacionada à inibição.
- Examinar se o número de proposições irrelevantes e indiretamente relevantes com estratégias está relacionado à inibição;

HIPÓTESES

Foram traçadas hipóteses de duas naturezas: (1) quanto às diferenças entre os discursos de jovens e idosos na manutenção do tópico e as possíveis explicações para essas diferenças; (2) quanto às diferenças entre os tipos de narrativas.

- (1) No que concerne às diferenças entre os grupos etários, idosos apresentarão uma proporção maior de proposições não relevantes ao tópico. Essa característica do discurso do idoso poderá ser explicada por duas hipóteses alternativas, expostas de forma sintética, no Quadro 1. (2) As narrativas pessoais apresentarão maior proporção de proposições não relevantes, maior número de apreciações subjetivas e maior número de proposições.

Quadro 1: Hipóteses sobre o discurso dos idosos

	Falhas do supervisor mental	Razões Contextuais
Proposições irrelevantes com estratégias	-	+
Apreciações subjetivas irrelevantes	+	s.d.
Total de apreciações subjetivas	s.d.	+
Preferência pelo relato	s.d.	+
Correlação negativa entre proposições não relevantes e inibição	sim	não

+ = mais do que os jovens

- = menos do que os jovens

s.d. = sem diferenças com relação aos jovens

METODOLOGIA

1. Participantes

Os participantes do estudo constaram de uma amostra de 20 jovens, com idades entre 20 e 30 anos e de uma amostra de 20 idosos com idades entre 65 e 75 anos, ambos os grupos com escolaridade universitária incompleta e completa, respectivamente. Os grupos estão caracterizados no Anexo A.

Todos os sujeitos foram selecionados a partir de (1) um questionário sociocultural que excluiu deficiências sensoriais severas e patologias psiquiátricas; (2) uma avaliação cognitiva que excluiu casos de processos demenciais e outras patologias neurológicas; e (3) uma escala de depressão, que excluiu casos de depressão. Estes instrumentos serão detalhados adiante. Os sujeitos foram informados de que o trabalho visava comparar aspectos da linguagem do jovem e do idoso. Foi explicado que o sigilo dos resultados e o anonimato dos participantes seria mantido. A participação no estudo foi voluntária e os sujeitos assinaram um consentimento informado (Anexo B).

2. Delineamento, Procedimentos e Instrumentos

O estudo caracteriza-se por apresentar um delineamento transversal, em que os participantes foram entrevistados, avaliados e solicitados a produzir duas narrativas orais em um tempo total de aproximadamente uma hora. O local de coleta dos dados, inicialmente proposto para todos os participantes do estudo, foi a sala do Laboratório de Neuropsicologia do Instituto de Psicologia da UFRGS. No entanto, os grupos apresentaram preferências distintas quanto ao local da pesquisa. O grupo dos jovens apresentou disponibilidade para a realização das sessões na universidade, enquanto o grupo dos idosos demonstrou resistência para deslocar-se até o local proposto, oferecendo-se para a realização da pesquisa em casa. Em decorrência disso, jovens foram entrevistados no ambiente universitário e idosos, no ambiente doméstico. Essa é uma situação que ocorre freqüentemente em estudos com idosos, tendo sido relatada por outros pesquisadores (Arbuckle & Gold, 1993; Gold, Andres, Arbuckle & Schwartzman, 1988; Gold, Andres, Arbuckle & Zieren, 1993). Embora essa diferença no local das narrativas possa representar um limite do estudo, Schiffrin (1997) enfatiza que o contexto do discurso representa mais do que o espaço físico, dependendo em grande parte do propósito e situação de

comunicação estabelecidos entre os falantes. Além disso, devem ser respeitadas diferenças entre grupos. Provavelmente, por serem estudantes, os jovens da pesquisa sentiram-se mais a vontade no ambiente universitário do que os idosos. Durante as sessões, foram realizadas as avaliações e a solicitação de narrativas, descritas a seguir.

1) Mini-mental (Chaves & Izquierdo, 1992):

Este teste é um exame breve do estado mental universalmente utilizado como triagem na avaliação de processos demenciais. Ele inclui cinco áreas cognitivas: (1) orientação temporal e espacial; (2) capacidade de decodificação verbal; (3) cálculo e atenção; (4) memória de curto prazo e (5) linguagem (Anexo C).

2) Escala de Depressão Geriátrica Yesavage (Yesavage, Brink, Rose & Lurn, 1983): Esta escala consistiu em uma breve triagem para a detecção de depressão, composta por 30 perguntas com respostas de “sim” ou “não”. (Anexo D)

3) Questionário de dados socioculturais e aspectos da saúde:

Os sujeitos foram instruídos a responder um questionário investigando questões, tais como hábitos de linguagem e saúde. Este questionário possibilitou a seleção da amostra e a obtenção da caracterização dos grupos no que se refere aos aspectos socioculturais investigados (Anexo E).

4) Avaliações neuropsicológicas relacionadas à função de inibição:

- Stroop de Cores e Palavras (Trenerry, M. R., Crosson, B., DeBoe, J., Leber, W.R., 1989). Este teste foi utilizado para avaliar a inibição dos participantes. Esse instrumento possibilita verificar a capacidade que a pessoa apresenta em inibir uma resposta habitual em favor de uma não habitual, conforme demandas modificadoras. O teste consiste de três cartões brancos, cada um contendo cinco colunas de vinte itens. O primeiro cartão apresenta nomes de cores escritos com tinta preta, que os participantes foram solicitados a ler. No segundo cartão, os participantes nomearam as cores de pontos coloridos. No terceiro cartão, os nomes das cores estão escritos com tintas coloridas, sendo que a cor escrita não corresponde à cor da tinta. Nessa última fase, a instrução dada foi para que apenas fossem nomeadas as diferentes cores da impressão de cada palavra escrita, evitando a leitura. Os participantes foram instruídos a ler ou nomear as listas de cores o mais rápido possível. Foram anotados os números de palavras emitidas corretamente no tempo de 45 segundos.

- Fluência Verbal (Spreen & Strauss, 1991): Este teste foi empregado para avaliar a disponibilidade lexical e a capacidade de inibir palavras contidas na memória verbal que não representam o grupo alvo. Os participantes foram solicitados a emitir o maior número possível de palavras com três determinadas letras iniciais (F, A, S), o mais rápido possível. O tempo limite para a emissão de palavras com cada inicial é de 1 minuto. Os participantes foram instruídos a não emitirem nomes próprios e palavras derivadas. As palavras foram anotadas para posterior análise dos dados.

5) Narrativas Orais:

Os participantes foram solicitados a realizar duas narrativas: uma pessoal e a outra fictícia. Esses dois tipos de narrativas foram posteriormente comparados para verificar possíveis diferenças quanto à presença de verbosidade fora de tópico e outras características do discurso. A primeira narrativa foi sobre um tópico pessoal, no caso, sobre um episódio engraçado que ocorreu com o participante ou que o mesmo presenciou. A instrução fornecida foi: “Conte-me uma estória curta, engraçada, que tenha se passado em sua vida.” No segundo discurso, ou seja, na narrativa fictícia, os participantes puderam escolher entre dois temas. Foi dada a seguinte instrução: “Conte-me uma estória curta, sobre um dos temas - “Ruído de passos à noite” ou “Visão de uma luz estranha”. Os participantes não foram interrompidos para retorno ao tópico proposto, somente foram fornecidos apoios verbais e não verbais para encorajá-los a elaborarem seu discurso livremente (por exemplo: “sim”, “continue”). As narrativas foram gravadas e, posteriormente, transcritas para derivação das proposições e análise quanto ao tipo de estrutura.

3. Análise dos dados

- Análise das avaliações Neuropsicológicas relacionadas à função de inibição:

Stroop (Trenerry, M. R., Crosson, B., DeBoe, J., Leber, W.R., 1989). Foi calculado o escore cor-palavra predito a partir da multiplicação dos escores de palavra e cor (primeiro e segundo cartões) dividida pela soma de ambos. O escore de cor-palavra (terceiro cartão) subtraído pelo escore de cor-palavra predito, forneceu o escore de *interferência* (Anexo F).
Fluência Verbal – Foi feita a soma das palavras corretamente emitidas.

Na análise estatística, os resultados dos idosos e dos jovens nos testes acima foram comparados através do teste de Mann-Whitney. Também foi investigada a possibilidade de correlações entre esses testes e as variáveis de discurso descritas mais adiante. Para esse

propósito, foi utilizado o coeficiente de correlação de Spearman, que é uma medida no intervalo de -1 até $+1$ que indica o grau de associação entre um par de variáveis. Valores próximos de $+1$ indicam forte associação direta, enquanto valores próximos a -1 apontam forte associação inversa. As análises estatísticas foram realizadas através do pacote estatístico SPSS (*Statistical Package for Social Science*, 1993).

- Questionário Sociocultural e de saúde: A partir desse instrumento foram obtidos os seguintes dados dos grupos: pessoas com quem vive, escolaridade do cônjuge e dos filhos (somente idosos), frequência com que recebe e realiza visitas, frequência de leitura de jornais e escrita de textos, atividades que realiza (sociais, intelectuais, profissionais e de vida diária), participação e frequência em grupos religiosos e esportivos e auto-avaliação subjetiva simples. Esses dados foram apresentados na forma de porcentagens de indivíduos de cada grupo (Anexo A).

- Narrativas

A análise de discurso utiliza métodos que se baseiam em fundamentos teóricos sobre a natureza da linguagem e as complexas relações dessa com a cognição, comunicação e aspectos socioculturais (Joones & Viechnicki, 1997; Schiffrin, 1997).

Além de fazer comparações entre os grupos etários, o trabalho buscou comparar os tipos de narrativa para verificar se haveria diferenças quanto à manutenção do foco no tema. As histórias emitidas por cada participante foram analisadas nos seguintes aspectos:

1) Relevância das proposições com relação ao tópico

Uma proposição foi definida como uma unidade de significado formada por um predicado (que poderia ser um verbo, um adjetivo ou um advérbio) e um ou mais argumentos (que poderia ter funções de agente, paciente, objeto, instrumento e fonte).

Cada proposição foi classificada nos seguintes tipos:

a) Proposições relevantes ao tópico – aquelas que apresentavam relações diretas com o tópico. Por exemplo, proposições que informavam: o cenário, protagonistas e suas ações, características indispensáveis dos primeiros para a compreensão da narrativa, conflito, resolução e apreciações subjetivas essenciais ao entendimento da história.

b) Proposições indiretamente relevantes ao tópico – aquelas que não eram essenciais para a compreensão do discurso, mas relacionadas às relevantes ao tópico. Por exemplo, características dispensáveis do local e dos protagonistas, sentimentos relacionados aos fatos e protagonistas, citação de ações que ocorreram como causas ou

consequências da estória, apreciações subjetivas sobre os protagonistas, cenário e fato relatado.

c) Proposições irrelevantes ao tópico – aquelas que não apresentavam relações (causais, de comparação, especificação ou de significado) com o tópico sugerido. Por exemplo, estado de espírito atual do narrador, atividades que este realiza, religião, opiniões relacionadas a outros assuntos, reflexões sobre a vida, outros fatos que não fazem parte da estória, citação de pessoas que não tinham relação com o episódio relatado.

2) Apreciações subjetivas

Foram consideradas apreciações subjetivas, proposições que emitiam opiniões pessoais e sentimentos do narrador. Por exemplo: *Eu achei essa estória maravilhosa.* ou *Eu sempre fui assim, brincalhona, por isso tenho essa estória engraçada pra te contar*”. Foi verificado tanto o número total de apreciações subjetivas dos participantes, como sua classificação quanto ao tipo de proposição (relevante, indiretamente relevante ou irrelevante).

3) Proposições repetidas

Foram consideradas proposições repetidas aquelas proposições que apareciam por mais de uma vez no discurso, sendo obtidos os totais de proposições repetidas.

4) Estratégias de intenção do emissor – foram analisadas as estratégias que acompanharam as proposições indiretamente relevantes e irrelevantes ao tópico. Elas foram classificadas em dois tipos:

a) Indicadores de mudança de tópico:

Expressões que acompanhavam proposições irrelevantes e indiretamente relevantes ao tópico, como *por outro lado, mas, mudando de assunto, quero te contar outra coisa, porém, ainda assim, enquanto isso*.

b) Proposições explicativas:

Estas ocorreram quando os falantes expressavam esclarecimentos e forneceram explicações que se referiam a seus *scripts* e conhecimento de mundo (por exemplo: “Fomos ao baile com a mamãe. *Naquele tempo as moças direitas deveriam ir a bailes acompanhadas*”).

5) Total de proposições:

Foi fornecido o total de proposições emitidas em cada discurso dos participantes.

Devido à natureza abstrata da proposição e aos critérios qualitativos, bem como categorias relacionadas ao conceito de relevância (Van Dijk, 1992), a análise foi realizada de forma independente por três juízes treinados na derivação e classificação das proposições. Foi verificado alto índice de concordância entre eles, através do Teste Tau de

Kendall (Anexo G). A discussão dos resultados dos juizes originou os dados de consenso, que foram utilizados para a análise estatística.

As variáveis de discurso “Total de apreciações subjetivas”, “Proposições repetidas” e “Total de proposições” foram medidas na forma de números absolutos, para a comparação entre jovens e idosos, bem como entre narrativas pessoais e fictícias. O teste estatístico utilizado foi a prova não paramétrica de Mann-Whitney. As demais variáveis foram transformadas em proporções, obtendo números relativos aos totais de proposições, que permitiram uma comparação adequada aos objetivos. As proporções derivadas para comparar as narrativas de jovens e idosos, bem como os discursos pessoais e fictícios foram:

- Proporção de proposições relevantes;
- Proporção de proposições indiretamente relevantes;
- Proporção proposições irrelevantes;
- Proporção de apreciações subjetivas relevantes;
- Proporção de apreciações subjetivas indiretamente relevantes;
- Proporção de apreciações subjetivas irrelevantes;
- Proporção de proposições indiretamente relevantes com estratégias sobre o total de proposições indiretamente relevantes.

As proporções de proposições irrelevantes com estratégias sobre o total de irrelevantes não apareceram em número significativo para constar na análise.

As comparações das proporções entre os grupos também foram realizadas por meio do teste não-paramétrico de Mann-Whitney. Para comparação das proporções nos discursos pessoais e fictícios de um mesmo indivíduo, foi utilizado o teste “Postos com Sinal” de Wilcoxon, semelhante ao teste Mann-Whitney, porém próprio para amostras pareadas. Segundo Siegel (1975), essas são as principais técnicas não-paramétricas utilizadas nas ciências cognitivas e comportamentais. Os métodos não paramétricos podem ser utilizados mais amplamente nas aplicações reais do que métodos paramétricos, pois não fazem restrições quanto ao comportamento probabilístico das variáveis e podem ser utilizados em amostras pequenas.

4) Quanto ao tipo de narrativa fictícia:

As narrativas fictícias foram divididas em duas categorias: (1) quanto à criação de um relato pessoal inventado, ou seja, quando o próprio narrador participa como protagonista; ou (2) quando a estória contém personagens imaginários. As variável categórica “tipo de narrativa fictícia” foi comparada por grupo através do teste Qui-

quadrado. Nesse caso específico o teste qui-quadrado foi utilizado para comparação entre grupos, sendo que um resultado significativo do teste indica, portanto, diferenças entre os grupos.

RESULTADOS

Os resultados desta pesquisa, realizada com o intuito de investigar as hipóteses de “falha do supervisor mental” e “razões contextuais” para as mudanças de tópico de jovens e idosos, através da teoria de Kintsch e Van Dijk (1978), serão expostos em três partes principais: (1) comparação dos grupos e tipos de narrativas quanto a proporções, valores absolutos das variáveis de discurso e tipos de narrativa fictícia; (2) comparação dos grupos quanto às variáveis utilizadas no intuito de avaliar a inibição, ou seja, os valores absolutos dos resultados dos testes Stroop e Fluência Verbal; e (3) correlações das variáveis dos testes mencionados com as variáveis de discurso em forma de proporções de proposições.

1. Comparação quanto às proporções e aos valores absolutos das variáveis de discurso

Nessa fase foram feitos vários tipos de comparação: (1) narrativas pessoais de jovens e idosos; (2) narrativas fictícias de jovens e idosos; (3) narrativas pessoais e fictícias de jovens; (4) narrativas pessoais e fictícias de idosos; e (5) narrativas pessoais e fictícias no total da amostra (jovens e idosos).

Comparando as proporções dos diferentes tipos nas narrativas pessoais entre idosos e jovens, verificou-se a existência de duas diferenças estatisticamente significativas, expostas na Tabela 1:

- a) a proporção de proposições relevantes foi superior no grupo dos jovens, que apresentaram, em média, 81,3% de proposições relevantes, enquanto os idosos apresentaram, em média, 63,9% de proposições relevantes ($z=2,64$; $p< 0,007$);
- b) a proporção de proposições indiretamente relevantes mostrou-se superior no grupo dos idosos, que apresentou, em média, 28,8% de proposições indiretamente relevantes, enquanto os jovens apresentaram, em média, 18% ($z= -2,04$; $p< 0,04$).

Tabela 1 – Comparação das proporções relacionadas às variáveis de discurso por grupo etário nas narrativas pessoais

Proporções	Grupo	n	Média	Desvio-padrão
Proporção de proposições relevantes	Jovens	20	81,3%**	12,0%
	Idosos	20	63,9%**	22,9%
Proporção de proposições indiretamente relevantes	Jovens	20	18,0%*	11,5%
	Idosos	20	28,8%*	17,2%
Proporção de irrelevantes	Jovens	20	0,6%	2,0%
	Idosos	20	7,2%	22,6%
Proporção de indiretamente relevantes com estratégias	Jovens	17	58,4%	32,5%
	Idosos	18	67,7%	20,8%
Proporção de apreciações subj. Relevantes	Jovens	18	12,5%	32,4%
	Idosos	16	0,0%	0,0%
Proporção de apreciações ind. Relevante	Jovens	18	81,3%	35,6%
	Idosos	16	93,8%	25,0%
Proporção de apreciações irrelevantes	Jovens	6	18,5%	31,9%
	Idosos	3	33,3%	57,7%

* Diferença entre grupos significativa ao nível de 5%.

** Diferença entre grupos significativa ao nível de 1%.

Nas narrativas fictícias, não foram detectadas diferenças significativas entre jovens e idosos quanto aos diferentes tipos de proposições, como demonstra a Tabela 2.

Tabela 2 – Comparação das proporções relacionadas às variáveis de discurso por grupo etário nas narrativas fictícias

Proporções	Grupo	n	Média	Desvio- Padrão
Proporção de proposições relevantes	Jovens	20	88,1%	11,4%
	Idosos	20	65,0%	36,5%
Proporção de proposições indiretamente relevantes	Jovens	20	10,8%	9,6%
	Idosos	20	19,9%	21,6%
Proporção de proposições irrelevantes	Jovens	20	1,1%	3,5%
	Idosos	20	15,2%	33,3%
Proporção de indiretamente relevantes com estratégias	Jovens	17	41,1%	37,9%
	Idosos	16	62,0%	42,6%
Proporção de apreciações relevantes	Jovens	4	21,4%	42,9%
	Idosos	11	9,4%	30,1%
Proporção de apreciações indiretamente relevantes	Jovens	4	66,1%	41,8%
	Idosos	11	81,5%	40,3%
Proporção de apreciações irrelevantes	Jovens	1	50,0%	
	Idosos	3	44,4%	50,9%

Na tabela 3, podemos observar o desempenho dos dois grupos etários separadamente. O grupo dos jovens, emitiu uma proporção significativamente mais elevada de proposições indiretamente relevantes com estratégias nos discursos pessoais. Significa que, do total de proposições indiretamente relevantes em narrativas pessoais, 58,4%, em média, apresentavam estratégias de intenção. Já nas narrativas fictícias, apenas 41,1% das proposições indiretamente relevantes tinham estratégias ($z=-2,20$; $p<0,028$). O grupo dos idosos, entretanto, não apresentou diferenças significativas quanto ao tipo de proposições utilizadas quando comparadas suas narrativas pessoais e fictícias, como pode ser visto abaixo.

Tabela 3 – Médias e desvios padrão das proporções dos discursos pessoais e fictícios de jovens e idosos

Variáveis	n	Pessoais		Fictícias	
		Média	Desvio- Padrão	Média	Desvio- Padrão
Jovens					
Proporção de proposições relevantes	20	81,3%	12,0%	88,1%	11,4%
Proporção de ind. Relevantes	20	18,0%	11,5%	10,8%	9,6%
Proporção de irrelevantes	20	0,6%	2,0%	1,1%	3,5%
Proporção de indiretamente relevantes com estratégias	17	58,4%	32,5%*	41,1%	37,9%*
Proporção de apreciações subj. Relevantes	4	12,5%	32,4%	21,4%	42,9%
Proporção de apreciações ind. Relevante	4	81,3%	35,6%	66,1%	41,8%
Proporção de apreciações irrelevantes	1	18,5%	31,9%	50,0%	0,0%
Idosos					
Proporção de proposições relevantes	20	63,9%	22,9%	65,0%	36,5%
Proporção de indiretamente. Relevantes	20	28,8%	17,2%	19,9%	21,6%
Proporção de irrelevantes	20	7,2%	22,6%	15,2%	33,3%
Proporção de indiretamente relevantes com estratégias	16	67,7%	20,8%	62,0%	42,6%
Proporção de apreciações subjetivas. Relevantes	11	0,0%	0,0%	9,4%	30,1%
Proporção de apreciações indiretamente. Relevante	11	93,8%	25,0%	81,5%	40,3%
Proporção de apreciações irrelevantes	3	33,3%	57,7%	44,4%	50,9%

* Diferença entre grupos significativa ao nível de 5%.

Ao se comparar as narrativas pessoais com as fictícias de ambos os grupos (tabela 4), observou-se que os discursos pessoais apresentaram uma proporção significativamente mais elevada de proposições indiretamente relevantes no total da amostra (Pessoais = 23,4%; Fictícias = 15,3%; $p < 0,05$).

Tabela 4 – Comparação das proporções entre discursos pessoais e fictícios utilizando a amostra total

Variáveis	n	Pessoais		Fictícias	
		Média	Desvio- Padrão	Média	Desvio- Padrão
Proporção de proposições relevantes	40	72,6%	20,1%	76,5%	29,1%
Proporção de indiretamente relevantes	40	23,4%*	15,4%	15,3%*	17,1%
Proporção de irrelevantes	40	3,9%	16,2%	8,1%	24,4%
Proporção de indiretamente relevantes com estratégias	33	63,2%	27,1%	51,2%	41,0%
Proporção de apreciações subjetivas relevantes	15	6,6%	24,1%	12,6%	32,7%
Proporção de apreciações indiretamente relevantes	15	87,2%	31,2%	77,4%	39,8%
Proporção de apreciações irrelevantes	4	23,5%	39,1%	45,8%	41,7%

* Diferença estatisticamente significativa ao nível de 5%.

No estudo da comparação dos totais de emissões classificadas como proposições, apreciações subjetivas e proposições subjetivas (Tabela 5), verificou-se que nas histórias pessoais, a variável “Total de Proposições Repetidas” apresentou diferença estatisticamente significativa entre grupos ($U = -2,27$, $p < 0,003$), sendo que os idosos apresentaram um maior número de proposições repetidas. Como pode ser observado na Tabela 5, os idosos apresentaram uma média de 1,3 proposições repetidas, enquanto os jovens apresentaram uma média de 0,6 repetições nos discursos pessoais. Já nas histórias fictícias, o grupo dos idosos produziu significativamente mais apreciações subjetivas. Conforme o exposto na Tabela 5, enquanto os idosos apresentaram uma média de 4,05 apreciações subjetivas, os jovens apresentaram, em média, apenas 0,55 apreciações subjetivas ($U = -2,41$, $p < 0,04$).

Tabela 5 – Comparação das variáveis das narrativas pessoais e fictícias por grupo

	Variáveis	Grupo	n	Média	Desvio-padrão
Estórias pessoais					
	Total Proposições	Jovens	20	55,40	43,02
		Idosos	20	47,05	24,83
	Total Apreciação subjetiva	Jovens	20	3,65	2,81
		Idosos	20	5,85	9,02
	Total de proposições repetidas	Jovens	20	0,60	0,94
		Idosos	20	1,30*	1,08
Estórias fictícias					
	Total Proposições	Jovens	20	48,50	39,55
		Idosos	20	47,85	25,17
	Total Apreciações subjetivas	Jovens	20	0,55*	1,60
		Idosos	20	4,05*	7,30
	Total de proposições repetidas	Jovens	20	0,75	1,20
		Idosos	20	0,85	1,27

* Diferença estatisticamente significativa ao nível de 5%.

No total da amostra (jovens e idosos), foram observadas mais apreciações subjetivas em narrativas pessoais do que em narrativas fictícias (Tabela 6). As narrativas pessoais apresentaram, em média, 4,75 apreciações subjetivas, enquanto que as narrativas fictícias tiveram uma média de apenas 2,30 apreciações subjetivas ($Z=-3,45$, $p < 0,001$).

Tabela 6 – Médias e desvio padrão dos diferentes tipos de proposições nas estórias pessoais e fictícias do total da amostra

Variáveis	n	Pessoais		Fictícias	
		Média	Desvio-padrão	Média	Desvio-Padrão
Total Proposição	40	51,23	34,93	48,18	32,73
Total Apreciação subjetiva	40	4,75	6,69*	2,30	5,51*
Total de proposições repetidas	40	0,95	1,06	0,80	1,24

* Diferença entre grupos significativa ao nível de 5%.

Comparando-se as narrativas fictícias de jovens e idosos quanto ao tipo (“estórias com personagens inventados” ou “relato pessoal”) verificou-se uma diferença significativa entre os grupos, quanto ao tipo de narrativa. 80% das narrativas fictícias de idosos foram do tipo “relato pessoal”, enquanto que os jovens não demonstraram preferência pela produção de um tipo de estória fictícia. A produção de estórias com personagens inventados foi observada em 55% das narrativas fictícias de jovens, enquanto que 45% foram relatos pessoais.

2. Comparação dos grupos quanto aos resultados de Fluência e *Stroop*

A comparação dos resultados de fluência e de *Stroop* por grupo etário mostrou valores significativamente mais elevados no teste *Stroop*, no grupo dos jovens ($U=-4,06$, $p<0,001$). Não foi verificada diferença significativa entre grupos com relação aos valores de Fluência Verbal. A Tabela 7 apresenta as estatísticas descritivas para fluência e *Stroop* para o total da amostra e a os resultados de jovens e idosos nessas avaliações neuropsicológicas.

Tabela 7 – Médias e desvio padrão de todos participantes, do grupo dos jovens e de idosos nos testes de Fluência e *Stroop*

	Grupo	N	Média	Desvio-padrão
Fluência	Todos	40	15,02	3,51
	Jovens	20	15,13	3,32
	Idosos	20	14,91	3,78
Stroop	Todos	40	3,96	8,11
	Jovens	20	8,97**	6,77
	Idosos	20	-1,06**	6,03

** Diferença estatisticamente significativa ao nível de 1%.

3. Correlações dos resultados dos testes *Stroop* e de Fluência Verbal com as variáveis de discurso de jovens e idosos

Como exposto na Tabela 8, observou-se correlação significativa e positiva entre o desempenho no teste *Stroop* e a proporção de proposições relevantes, indicando que, quanto maior o valor no teste *Stroop*, maiores tendem a ser as proporções de proposições relevantes nas narrativas pessoais. Ao mesmo tempo, foi constatada correlação significativa e negativa entre os resultados do teste *Stroop* e a proporção de proposições indiretamente relevantes, indicando que quanto maior o valor de *Stroop*, menor tendem a ser as proporções de proposições indiretamente relevantes no discurso pessoal. O mesmo ocorreu com as proposições indiretamente relevantes com estratégias.

Tabela 8 – Matriz de correlação entre Fluência, *Stroop* e diferentes tipos de proposições nos discursos pessoais (amostra total)

		Fluência	Stroop
Proporção de proposições relevantes	Correlação	-0,227	0,374*
	Significância	0,158	0,017
	N	40	40
Proporção de ind. Relevantes	Correlação	0,192	-0,332*
	Significância	0,236	0,036
	N	40	40
Proporção de irrelevantes	Correlação	-0,047	-0,088
	Significância	0,776	0,587
	N	40	40
Proporção de indiretamente relevantes com Estratégias	Correlação	0,008	-0,351*
	Significância	0,962	0,039
	N	35	35
Proporção de apreciações subjetivas relevantes	Correlação	0,106	0,214
	Significância	0,552	0,224
	N	34	34
Proporção de apreciações ind. Relevante	Correlação	0,026	-0,094
	Significância	0,882	0,596
	N	34	34
Proporção de apreciações irrelevantes	Correlação	-0,015	-0,376
	Significância	0,970	0,318
	N	9	9
FLUENCIA	Correlação	1,000	0,127
	Significância		0,435
	N	40	40
STROOP	Correlação	0,127	1,000
	Significância	0,435	
	N	40	40

* Correlação significativa ao nível de 5%. ** Correlação significativa ao nível de 1%.

Nas histórias fictícias (amostra total), entretanto, os resultados de Fluência Verbal e *Stroop* não se correlacionaram com nenhum dos tipos de proposições estudados.

Nas histórias pessoais de jovens, observou-se a existência de duas correlações negativas de variáveis de discurso com os valores de *Stroop*. Como mostra a tabela 9,

quanto maior a proporção de proposições indiretamente relevantes com estratégias e a proporção de apreciações subjetivas, mais baixo foi o desempenho no *Stroop* de jovens ao narrar histórias pessoais.

Tabela 9 – Matriz de correlação entre Fluência, *Stroop* e variáveis de discursos pessoais (jovens)

		Fluência	Stroop
Proporção de proposições relevantes	Correlação	-0,004	0,233
	Significância	0,987	0,323
	N	20	20
Proporção de indiretamente relevantes	Correlação	0,020	-0,160
	Significância	0,932	0,499
	N	20	20
Proporção de irrelevantes	Correlação	-0,409	-0,148
	Significância	0,073	0,535
	N	20	20
Proporção de indiretamente relevantes com Estratégias	Correlação	0,027	-0,572*
	Significância	0,917	0,016
	N	17	17
Proporção de apreciações subjetivas relevantes	Correlação	0,012	0,008
	Significância	0,962	0,975
	N	18	18
Proporção de apreciações indiretamente relevantes	Correlação	0,189	0,211
	Significância	0,452	0,402
	N	18	18
Proporção de apreciações irrelevantes	Correlação	-0,338	-0,845*
	Significância	0,512	0,034
	N	6	6
FLUENCIA	Correlação	1,000	-0,093
	Significância		0,697
	N	20	20
STROOP	Correlação	-0,093	1,000
	Significância	0,697,	
	N	20	20

* Correlação significativa ao nível de 5%. ** Correlação significativa ao nível de

1%.

Ao contrário dos jovens, o discurso pessoal de idosos mostrou que as variáveis de discurso que representam a expressão de proposições não relevantes ao tópico não estão relacionadas ao baixo desempenho no teste *Stroop*. Além desse achado, constatou-se uma correlação negativa ($r = -0,587$; $p < 0,01$), não esperada, entre as proporções de proposições relevantes e o desempenho no teste de fluência, reforçando a sugestão de que este teste não avalia a função de inibição. Na busca de uma maior consistência para essa hipótese, foi feita a soma das proporções de proposições indiretamente relevantes e irrelevantes dos idosos, formando uma nova categoria – proporção não relevante. Ao investigar se haveria correlação positiva entre essa variável de discurso e o escore de fluência verbal, foi encontrada uma confirmação, mostrada a seguir, na Tabela 10.

Tabela 10 - Matriz de correlação entre fluência, *stroop* e proporção não relevante (idosos)

		Fluência	Stroop
Proporção não relevante (pessoais)	Correlação	0,587**	-0,020
		0,935	
Proporção não relevante (fictícias)	Correlação	-0,029	0,136
		0,903	

** Correlação significativa ao nível de 1%.

As proposições de histórias fictícias de jovens não apresentaram nenhuma correlação significativa com o teste de *Stroop* e com o de Fluência Verbal, diferindo, portanto, das histórias pessoais, no que concerne à correlação da expressão de proposições não relevantes ao tema e ao baixo desempenho no *Stroop*. Nas narrativas fictícias de idosos, também não foi detectada nenhuma correlação significativa entre as variáveis de discurso e os desempenhos nos testes Fluência Verbal e *Stroop*.

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Para proporcionar maior clareza na discussão dos resultados encontrados neste estudo, serão mantidas as mesmas três partes do capítulo de resultados: (1) Discussão dos resultados da comparação dos grupos e tipos de narrativas quanto à proporções, valores absolutos das variáveis de discurso e tipos de narrativa fictícia; (2) Discussão dos resultados da comparação dos grupos quanto às variáveis utilizadas no intuito de avaliar a inibição, ou seja, os valores absolutos dos resultados dos testes Sorte e Fluência Verbal; e (3) Discussão dos resultados das correlações das variáveis dos testes mencionados com as variáveis de discurso em forma de proporções de proposições.

1. Comparação dos grupos e tipos de narrativas quanto a proporções, valores absolutos das variáveis de discurso e tipos de narrativa fictícia

1.1. Narrativas pessoais de jovens e idosos

As histórias pessoais de jovens apresentaram uma maior proporção de proposições relevantes do que as histórias pessoais de idosos. Estes últimos, por sua vez, apresentaram em seus discursos, uma proporção maior de proposições indiretamente relevantes do que os jovens. Em síntese, os idosos mantiveram-se menos focalizados ao tema proposto do que os jovens. Até certo ponto esses achados concordam com diversos estudos (Arbuckle & Gold, 1993; Arbuckle, Nohara-Le Clair, Pushkar, 2000; Gold, Andres, Arbuckle & Schwartzman, 1988; Gold, Andres, Arbuckle, & Zieren, 1993; Gold & Arbuckle, 1995; James, Burke, Austin & Hulme, 1998). Porém, é preciso analisar esse dado com cuidado, para não incorrer na interpretação fácil e equivocada ao atribuir esses resultados à idéia de que a expressão de proposições indiretamente relevantes em narrativas de idosos se deve a falhas do supervisor mental, por déficit de inibição, devido ao fato de os idosos não terem apresentado mais estratégias de intenção do emissor do que os jovens. De acordo com a análise adotada por este estudo, as informações indiretamente relevantes devem fazer parte das narrativas, pois promovem uma maior tensão ao enredo. Bruner (1997) afirma que o auge de muitos gêneros narrativos está relacionado à atenção dada à “paisagem mental”, que inclui os estados emotivos, a moral, as perspectivas e os motivos dos protagonistas de uma ação relevante. Essa “paisagem mental” é responsável pelo clima psicológico que pinta os protagonistas como heróis ou como bufões de comédia. No caso de uma narrativa em que o falante tem como tema contar uma história engraçada, é a “paisagem mental” que

irá tornar a narrativa engraçada. Do mesmo modo, uma narrativa que tem um tema de suspense só provocará o efeito de expectativa no interlocutor na presença da “paisagem mental”. Além disso, narrativas de comédia e de suspense podem caracterizar-se pelo fornecimento de informações indiretamente relacionadas ao tema e pela demora em revelar aspectos relevantes da estória, no intuito de criar a tensão dramática. Se fossem revelados todos os fatos relevantes desde o princípio, que suspense ou graça teriam as estórias?

A expressão de proposições indiretamente relevantes não viola as regras de coerência. Segundo Van Dijk (1998), as mudanças de indivíduos, propriedades ou relações devem ser operadas com relação a indivíduos, propriedades ou relações já mencionados. Desse modo, depreende-se que um discurso coerente é formado por proposições relevantes e indiretamente relevantes ao tema.

Neste estudo, proposições indiretamente relevantes e irrelevantes não foram somadas para fornecer um único escore indicando verbosidade fora de tópico, como foi feito nos estudos sobre verbosidade fora de tópico mencionados. Além disso, a maior adoção de estratégias por parte dos idosos seria importante para manter a coerência, no caso da proporção de proposições irrelevantes, que não apresentou diferenças significativas entre os grupos.

Embora o excesso de proposições indiretamente relacionadas ao tema e a diminuição de proposições relevantes possam caracterizar um discurso como supra-completo, condição que pode favorecer a incoerência (Van Dijk, 1998), seria necessário uma concordância dos demais achados do estudo para favorecer a hipótese de falhas no supervisor mental. Van Dijk alerta que, por razões de estilo, determinadas narrativas podem apresentar um maior número de descrições de estado e qualificações do que outras. Segundo o autor, é possível que os narradores optem por um gênero de discurso que privilegia descrições indiretamente relacionadas à estória. Resultados discutidos mais adiante fortalecem essa idéia.

Contrariando os achados de diversos estudos sobre verbosidade fora de tópico (Arbuckle & Gold, 1993; Arbuckle e cols., 2000; Gold e cols., 1988; Gold e cols., 1993; Gold & Arbuckle, 1995; James e cols., 1998), não foram observadas diferenças entre os grupos quanto à emissão de proposições irrelevantes ao tópico e quanto ao número total de proposições. Foi, entretanto, observada concordância com o estudo de Korolija (2000). O grupo de idosos de sua pesquisa não apresentou tendência à realização demasiada de mudanças de tópico. As amostras do presente estudo e também do trabalho de Korolija foram menores do que a dos trabalhos mencionados, com exceção do estudo de James e col. (1998), que teve o mesmo número de participantes do que esta pesquisa. Certamente,

esse é um fator que promove limites. Entretanto, a análise qualitativa de grupos de comparação menores pode levantar questões pertinentes, como por exemplo, sobre os critérios de análise para a classificação de informações como fora de tópico em narrativas.

Os resultados obtidos na comparação das médias de proposições repetidas demonstraram que o grupo dos idosos apresentou um número superior de repetições. Novamente observou-se concordância com os dados de Korolija (2000). De acordo com a autora, os idosos de seu estudo também não emitiram idéias completamente fora do tema, porém não havia uma progressão das ações relatadas. Predominou a análise subjetiva e apareceram muitas repetições dentro do tópico falado. A presença de repetições no relato dos idosos está em concordância com os resultados de um dos estudos realizados pelo grupo de Gold (Arbuckle e cols., 2000), que afirmam que as repetições podem denotar informação redundante e, portanto, irrelevante. Entretanto, sob um outro ângulo, as repetições podem ser consideradas estratégias utilizadas para enfatizar determinados aspectos do discurso, assim como para permitir o macroplanejamento do discurso, possibilitando ao falante um recurso pragmático que promove a coerência enquanto ocorre a produção *on-line* do discurso (Roberts & Kirsner, 2000).

1.2. Narrativas fictícias de jovens e idosos

Diferentemente do que ocorreu nas narrativas pessoais, não foram observadas diferenças no que concerne às proporções de tipos de proposição com relação ao tópico e nem no que se refere ao uso de estratégias. Esse dado demonstrou que em histórias fictícias, idosos expressaram tantas proposições relevantes, indiretamente relevantes e irrelevantes quanto os jovens. Desponta aqui um resultado que se repete em todo o estudo: as narrativas pessoais parecem evocar mais proposições indiretamente relevantes do que as narrativas fictícias, tanto para jovens quanto para idosos. O estudo de James e col. (1998) sugere a mesma idéia. A pesquisa desses autores comparou narrativas pessoais e descrições de figuras de jovens e idosos. As descrições de figuras não apresentaram diferenças significativas quanto à expressão de proposições indiretamente relevantes. Por outro lado, as diferenças foram observadas na produção de histórias pessoais, demonstrando uma maior expressão dessas proposições por idosos.

Quanto ao número total de proposições, verificou-se que não houve uma diferença significativa quanto à média de idéias expressas no discurso de idosos e jovens. Embora outros estudos tenham comparado apenas o número de palavras dos discursos de jovens e idosos (Arbuckle & Gold, 1993; Arbuckle e cols., 2000; Gold e cols., 1988; Gold e cols.,

1993; Gold & Arbuckle, 1995; James e cols., 1998), esse resultado pode sugerir oposição à idéia de que o idoso apresenta *talkativeness*, falando mais do que o jovem.

No que concerne ao número total de apreciações subjetivas, verificou-se que o grupo dos idosos apresentou um número maior de proposições desse tipo. Significa que, no discurso dos idosos, foram expressas mais proposições que emitiam sentimentos e opiniões, independentemente de sua classificação com relação à relevância ao tópico. Novamente esse dado reforça a idéia de que as histórias pessoais tendem a apresentar mais informação tangencial e subjetiva do que outros tipos de discursos, pois a diferença entre o total de apreciações subjetivas de jovens e idosos não havia surgido em histórias pessoais. Esse resultado vem responder à pergunta que James e cols. (1998) lançaram quando sugeriram que futuras pesquisas verificassem se seria o estilo narrativo em si que apresentaria essa tendência de evocar a expressão de idéias não relevantes ou se seriam realmente as histórias pessoais que teriam essa particularidade. Parece que realmente esta é uma característica própria das histórias pessoais.

Devido à tendência de jovens e idosos de apresentarem maior número de proposições indiretamente relevantes e subjetivas, somente nas fictícias foi possível verificar que os idosos apresentaram uma tendência maior à expressão de conteúdo subjetivo. Isso pode ter ocorrido pela própria opção do tipo de narrativa fictícia feita pelos idosos. Verificou-se que a grande maioria dos idosos preferiu a forma de relato pessoal, enquanto os jovens não apresentaram preferências entre inventar histórias em que os protagonistas fossem personagens imaginários ou eles mesmos.

Esse dado demonstra que os idosos se utilizam de suas experiências de vida para produzir narrativas. Randall (1999) parece estar certo quando afirma que a “narrativa interna” não deixa de expandir-se e não há uma diminuição da capacidade de interpretar a história pessoal com o envelhecimento. Ao contrário, o idoso parece estar interessado em encontrar sentido para a sua história de vida. Ele tende a expressar mais apreciações subjetivas e a expressão de suas emoções apresenta mais nuances. Há um aumento da expressão subjetiva, devido a riqueza de experiências pessoais, que o jovem ainda não possui. Em razão do enorme número de associações e memórias relacionadas às experiências de vida do idoso, a história pessoal pode tornar-se mais intensa no que concerne à emissão de conteúdos relacionados à emoção (Randall, 1999). Os idosos estão mais interessados no relato pessoal, na reminiscência e no estabelecimento de sua identidade no discurso. Apresentam intenção de comunicar descrições significativas do passado e não descrições concisas de ações. Parece que, ao invés de violarem as regras de

relevância, os idosos apresentam objetivos que requerem mais informação subjetiva do que os jovens (James e cols., 1998).

Ochs (2001) revisa as características da narrativa, concentrando-se no gênero específico de relato pessoal. A autora afirma que embora essas narrativas devam relatar ações dignas de menção, não devem ser concebidas apenas como descrições de fatos, mas como seleções e interpretações de acontecimentos. Segundo Bruner (1997), um relato conta uma experiência pessoal em que a descrição dos estados mentais do protagonista mescla-se às circunstâncias e ações da narrativa, imprimindo colorido a esta através da expressão de pensamentos e sentimentos. Dessa maneira, as narrativas servem para compreender o excepcional e construir explicações sobre os fatos. A presença de uma avaliação moral é considerada por Bruner como indicadora de um relato mais plenamente formado. Embora este estudo não tenha avaliado e comparado a qualidade das histórias, como no trabalho de James e cols. (1998), a interpretação dos resultados, baseada nos argumentos teóricos expostos, parece indicar que os idosos podem apresentar narrativas que seriam avaliadas como mais interessantes.

1.3. Narrativas pessoais e fictícias de jovens e idosos

Novamente foi observada uma maior expressão de proposições indiretamente relevantes em narrativas pessoais de jovens, o que confirma a idéia expressa e discutida acima, de que a diferença entre os grupos só se expressou nas narrativas fictícias devido ao apelo que as histórias pessoais têm para a emissão de proposições menos focalizadas no tema.

Verificou-se que os idosos não apresentaram diferenças significativas quanto às variáveis de discurso investigadas em narrativas pessoais e fictícias. Este resultado está em harmonia com os achados anteriores, já que os idosos apresentaram preferência pelo relato pessoal nas narrativas fictícias. Por isso, não foram observadas diferenças. É como se os idosos tenham se utilizado mais do recurso de ativar seus modelos mentais do que os jovens para a produção do discurso. De acordo com Van Dijk (1983/1996), os modelos referem-se a tipos específicos de estruturas de conhecimento na memória. Esses dão conta do papel que o conhecimento pessoal sobre situações reais ou imaginárias tem na produção dos discursos. Modelos mentais, situacionais ou de evento são representações de experiências pessoais. A introdução da noção de modelo possibilitou o estabelecimento de um ponto de partida para os processos de produção. Assim, como afirma Van Dijk (1983/1996), o processo de produção do discurso começaria com a representação de uma

experiência pessoal ou com conhecimentos específicos sobre o mundo. Parece que os idosos optaram por produzir suas histórias com maior base em suas experiências, com a diferença de que as narrativas pessoais contaram fatos como os narradores entenderam que realmente tenham ocorrido e as narrativas fictícias contaram experiências pessoais imaginárias contidas na memória episódica. Essa construção da narrativa pela seleção de experiências através do modelo mental pode ser ilustrada pela frase de um dos idosos participantes da pesquisa: *Eu não tenho bastante imaginação pra inventar, mas eu já vivi muito né, e eu acho até, bastante intensamente, então eu creio que posso pegar algumas memórias e fazer* (Anexo H).

1.4. Narrativas pessoais e fictícias no total da amostra (jovens e idosos)

O resultado dessa comparação confirma novamente a idéia já discutida de que as narrativas pessoais propiciam uma produção maior de proposições indiretamente relevantes ao tópico e um número bem superior de apreciações subjetivas, independente do grupo.

2. Comparação dos grupos quanto ao desempenho nos testes *Stroop* e Fluência Verbal

A comparação dos grupos quanto ao desempenho nos testes referidos demonstrou uma média de escores mais baixos no *Stroop* para idosos. Esse achado confirma a hipótese de estudos que postulam que o idoso apresenta dificuldades de inibição por apresentar baixo desempenho no teste *Stroop* (Arbuckle, Nohara-LeClair, Pushkar, 2000; Girelli, Sandrini, Cappa, Butterworth, 2001). De acordo com Girelli e col. (2001), os idosos apresentam dificuldade em ignorar informações irrelevantes, apresentando déficits na atenção seletiva. No entanto, como foi visto posteriormente, os níveis baixos de inibição não têm relação com a emissão de um maior número de proposições indiretamente relevantes por idosos.

Em oposição à comparação dos resultados dos grupos etários no teste anterior, não foram observadas diferenças significativas entre o desempenho de jovens e idosos no teste

de Fluência Verbal. Também ao derivar-se a categoria de discurso proporção não relevante (ver Tabela 10), verifica-se correlação positiva entre o desempenho neste teste e a proporção de proposições não relevantes em narrativas pessoais de idosos. Esses achados contrariam os resultados de Arbuckle & Gold (1993) e Arbuckle, Nohara-LeClair, & Pushkar (2000), que postulam que os idosos têm um desempenho pior neste teste do que jovens e de que este pior desempenho estaria associado ao aumento da fala não relevante. Burke (1997) afirma que é necessário mais pesquisa para esclarecer se a função de inibição é avaliada pelo teste de Fluência Verbal. Segundo a autora, os mecanismos cognitivos subjacentes ao teste de fluência são complexos, havendo relações entre a Fluência Verbal e a capacidade de associação de palavras ou organização semântica, habilidade que não tem relação com a inibição. Pode-se inferir que a presença de proposições não relevantes em discursos pessoais de idosos estaria relacionada à associação semântica possivelmente medida pelo teste de Fluência e não à inibição.

Além disso, Burke sugere que suprimidos os efeitos de tempo de processamento, desaparecem possíveis diferenças no desempenho de jovens e idosos. Acrescenta-se que, de acordo com o estudo de Bolla, Gray, Resnick, Galante & Kawas (1998), escores elevados em um teste de inteligência e altos níveis de educação estiveram associados ao teste Fluência Verbal em idosos. Desse modo, pode ser que o nível de educação da amostra dos idosos tenha sido responsável pela ausência de diferenças significativas entre os escores de idosos e jovens neste estudo.

3. Correlações das variáveis dos testes de inibição com as variáveis de discurso em forma de proporções de proposições

Os resultados demonstraram correlação positiva entre os escores de *Stroop* e a proporção de proposições relevantes expressa pela amostra total. Significa que quanto melhor foi o desempenho no *Stroop*, maior a proporção de proposições relevantes no grupo como um todo. Além disso, foi observada correlação negativa entre os escores de *Stroop* e a proporção de proposições indiretamente relevantes ao tópico. Estes resultados devem-se ao grupo dos jovens, pois isolando os grupos, a diferença nas correlações apareceu. Independente do fato de que somente o grupo dos jovens tenha apresentado as correlações mencionadas, os resultados demonstram claramente que a dificuldade de inibição está relacionada à expressão de idéias não relevantes, concordando com os estudos que postulam que um déficit de inibição pode provocar verbosidade fora de tópico (Arbuckle & Gold, 1993; Arbuckle e cols., 2000; Gold e cols., 1988; Gold e cols., 1993; Gold &

Arbuckle, 1995). Entretanto não cabe aqui uma conclusão precipitada para a hipótese de déficit de inibição como sendo relacionada à maior quantidade de fala indiretamente relevante em idosos, pois a questão revela-se mais complexa. Como foi visto nos resultados, esses dados não se confirmaram na análise das mesmas correlações em histórias produzidas somente por idosos, que apresentam mais proposições indiretamente relevantes e desempenho mais baixo no *Stroop*.

Além disso, a proporção de proposições indiretamente relevantes com estratégias apresenta correlação negativa com o desempenho no *Stroop*. No caso de proposições irrelevantes, se esperaria que o uso de estratégias pudesse apresentar uma correlação positiva com o desempenho no *Stroop*. Porém, não foi observado um número significativo de proposições irrelevantes para verificar a possibilidade de tal correlação. O resultado obtido, sobre estratégias em proposições indiretamente relevantes, demonstra que a presença de estratégias em proposições desse tipo não aparece somente para indivíduos com escores mais altos no *Stroop*, assim como também não influi significativamente para a coerência na fala. Conforme mencionado anteriormente, as estratégias influenciam para manter a coerência na expressão de proposições irrelevantes e não em proposições indiretamente relevantes. Por já existir uma relação coerente entre as proposições indiretamente relevantes e as proposições relevantes (Van Dijk, 1998), o uso de estratégias de coerência é desnecessário. Desse modo, a presença de estratégias em proposições indiretamente relevantes foi considerada indiferente, permanecendo a correlação negativa de proposições indiretamente relevantes com escores de *Stroop*.

Como não foram observadas proporções suficientes de proposições irrelevantes e, também, devido ao tamanho da amostra, não foi possível detectar correlações entre as proporções de proposições irrelevantes e proposições irrelevantes com estratégias com os escores de *Stroop*. Isso aconteceu em todas as demais correlações que serão apresentadas a seguir.

No discurso pessoal de jovens, maiores proporções de proposições com conteúdo indiretamente relacionado ao tema e apreciações subjetivas irrelevantes apresentaram correlação com baixo desempenho no *Stroop*, demonstrando que a expressão desse tipo de informação pode surgir com mais facilidade quando o jovem apresenta dificuldades de inibição. De acordo com Arbuckle & Gold (1993), o mecanismo de inibição é fundamental na expressão e compreensão da linguagem, além de outras habilidades.

Confirmou-se o achado de que o teste de Fluência não apresentou relações com a fala indiretamente relevante ao tópico, assim como não apresentou correlações com o teste *Stroop*, sugerindo que estes testes não medem a mesma função. Desse modo, verifica-se

concordância com Burke (1997), que afirma que a correlação entre *Stroop* e Fluência Verbal é controversa, o que sugere a necessidade de futuros estudos com amostras maiores para esclarecer essa questão.

Nas narrativas pessoais de idosos, nas quais seria esperada uma correlação negativa entre os escores de *Stroop* e a proporção de proposições indiretamente relevantes, devido aos resultados em narrativas pessoais de jovens, não apareceu correlação significativa, mesmo que a amplitude de variação dos escores e das proporções não fosse significativamente mais baixa do que no grupo dos jovens. Esse dado pode estar demonstrando que o idoso, independente de apresentar dificuldades de inibição que podem aumentar a produção de fala indiretamente relevante e proposições repetidas, apresenta uma mudança pragmática. Há uma valorização por parte do idoso pela expressão de idéias que não estão diretamente relacionadas ao tema. Isso ocorre independente de seu déficit de inibição, sendo que idosos com escores melhores do que outros no *Stroop*, podem apresentar mais proposições indiretamente relevantes ao tema do que idosos com níveis mais baixos de inibição. Embora as correlações observadas no grupo de jovens demonstrem que há fundamento na hipótese de déficit de inibição e que, realmente, este pode provocar um aumento de fala não relacionada diretamente ao tópico, a produção do discurso do idoso apresenta particularidades próprias. Devido à possível mudança pragmática que ocorre com o envelhecimento, independente de um deficitário nível de inibição, a correlação em idosos não é observada. Assim, há concordância com a conclusão de Korolija (2000), que constatou que o idoso apresenta uma forma diferente de permanecer no tópico. A coerência do discurso do idoso é guiada pela sua intenção em comunicar idéias não focalizados diretamente ao tema, conteúdos pessoais e subjetivos. Embora os resultados do presente estudo não tenham proporcionado identificar a razão das mudanças de tópico através da forma como se propunha inicialmente, utilizando-se da investigação das estratégias de intenção que poderiam acompanhar proposições irrelevantes, a base teórica sobre a narrativa e a expressão de proposições indiretamente relevantes foi suficiente para estabelecer uma posição favorável à hipótese de razões contextuais para um menor foco no tema, por parte dos idosos. A ausência de correlações entre o desempenho no *Stroop* e os tipos de proposições fortaleceu ainda mais essa posição.

Talvez em amostras grandes, com sujeitos mais velhos, e com desempenhos mais baixos de inibição, a correlação negativa entre maior proporção de proposições irrelevantes se sobressaísse, como mostram os estudos do grupo de Gold (Arbuckle & Gold, 1993; Arbuckle e cols., 2000; Gold e cols., 1988; Gold e cols., 1993; Gold & Arbuckle, 1995),

que argumenta ser necessário utilizar amostras grandes para observar a correlação que pode surgir com uma minoria da população. Porém nossa amostra reduzida foi suficiente para verificar que para a maioria dos idosos, a expressão de idéias não relacionadas diretamente ao tópico não deve ser atribuída a falhas do supervisor mental, mas a razões contextuais, demonstradas pela preferência por uma maior expressão de idéias indiretamente relacionadas ao tema, pela apreciação subjetiva e pelo relato pessoal.

CONCLUSÕES

Este trabalho demonstrou que o mecanismo de inibição pode afetar a organização tópica do discurso. Os jovens, que em geral parecem apresentar um estilo narrativo mais objetivo, ao expressarem uma maior proporção de proposições indiretamente relevantes, podem estar refletindo um nível mais baixo de inibição. Entretanto, tratando-se de idosos que apresentam níveis de inibição mais baixos do que os jovens, e que tendem a possuir um estilo narrativo mais subjetivo e menos focalizado, a maior expressão de proposições não relevantes não está relacionada à função de inibição.

Esses resultados conduziram à concordância com a hipótese de que a razão para que o idoso apresente um discurso menos focalizado no tema, é de natureza contextual. Desse modo, o estudo apoia a idéia de que a linguagem do idoso passa por uma mudança pragmática. Independentemente de apresentar déficit de inibição, os idosos optam por um estilo menos objetivo e conciso do que os jovens, privilegiando a expressão de sentimentos e opiniões. O padrão jovem, de discurso mais focado na expressão de ações relevantes para a estória não deve ser considerado como o único padrão competente para a coerência narrativa. As estórias dos idosos apresentam coesão própria. Não deixam de apresentar relações entre as proposições emitidas, pois as idéias se inter-relacionam de forma direta e indireta. Há um espaço maior para a expressão subjetiva e para a ênfase através da repetição. Essas nuances que se manifestam nas estórias do idoso, constroem a “paisagem mental” do discurso, podendo beneficiar a apreciação do ouvinte. A “paisagem mental” da narrativa do idoso se revela porque ele se utiliza mais de seu modelo mental para a produção do discurso do que o jovem, talvez por estar em uma etapa de vida em que está interessado em encontrar sentido nas suas experiências. Esse interesse encontra terreno fértil na produção da narrativa pessoal.

O gênero narrativo tem uma influência primordial na expressão de proposições indiretamente relacionadas ao tópico. O relato pessoal, evidentemente, evoca mais a experiência autobiográfica na memória episódica. Assim, o falante constrói seu discurso a partir de suas inúmeras vivências, mesclando a expressão de emoções e opiniões ao discurso de ações. A narrativa fictícia com personagens inventados evoca com menos intensidade as idéias indiretamente relacionadas ao tema. Pode-se inferir que isso ocorre porque nesse tipo de discurso o falante tem de construir um enredo a partir de esquemas em que as associações de suas reminiscências estão menos acessíveis. A constatação de que existe uma organização tópica distinta nesses gêneros narrativos, sugere possíveis

diferenças no processamento cognitivo envolvido durante a produção de narrativas pessoais e fictícias. Sugere-se que outros componentes, como a criatividade, sejam explorados em futuros estudos que examinem esse tema.

Embora tenham sido identificados limites da pesquisa, como a utilização de amostras menores e de apenas dois instrumentos com o intuito de avaliar a função de inibição (encontrando razões suficientes para questionar o uso de um destes), o embasamento na teoria de Kintsch e Van Dijk possibilitou uma compreensão aprofundada sobre a coerência na narrativa. Foi possível investigar a narrativa do idoso de uma forma que possibilitou examinar duas hipóteses, aparentemente inconciliáveis, e encontrar sentido em achados que poderiam parecer contraditórios. Essa ambivalência dos resultados, levou a concluir que a produção do discurso do idoso é uma questão complexa, que não deve ser investigada sob prismas isolados, que combatem evidências da existência de um supervisor mental do discurso, sujeito a déficits, ou que negam o poder que a intenção comunicativa do falante tem sobre a produção da narrativa. Dessa forma, o enfoque no processamento cognitivo do discurso, na produção proposicional e na organização tópica mostra-se uma ferramenta teórica sólida para o estudo da coerência na fala do idoso, além de possibilitar a investigação dos gêneros narrativos em si.

O presente estudo demonstrou que, embora possam surgir déficits cognitivos no envelhecimento, há mudanças que podem representar uma evolução da cognição do idoso. A neuropsicologia do envelhecimento vem se deparando, cada vez mais, com resultados de estudos que demonstram que o processo de envelhecer implica mudanças mais complexas do que o simples declínio de funções cognitivas. O cérebro humano é dotado de plasticidade, o que favorece a mudança e a evolução das habilidades mentais, como a linguagem. Um dos pontos essenciais da reabilitação cognitiva é tirar proveito das capacidades cognitivas do indivíduo. Apesar da reabilitação cognitiva dirigir-se essencialmente a pacientes com lesão cerebral ou com severas disfunções, recentemente vários autores têm proposto intervenções cognitivas para idosos com queixas de falhas de memória ou de linguagem.

Os resultados do presente trabalho apoiam Birren & Deutchman (1991), que propõem uma intervenção que possibilite ao idoso desenvolver a compreensão e a valorização de suas experiências através da narrativa. É necessário possibilitar maiores condições de expressão para o idoso, já que está numa etapa em que parece necessitar encontrar o sentido de sua vida no mundo. As narrativas pessoais ou autobiográficas parecem se delinear como excelentes ferramentas para que o idoso possa adaptar-se ao envelhecimento e realizar escolhas positivas para si mesmo, ao mesmo tempo em que

exercita um importante papel na sociedade: o comprometimento de lembrar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Arbuckle, T., Gold, D. (1993). Aging, inhibition, and verbosity. *Journal of Gerontology: Psychological Sciences*, 48 (5), 225-232.
- Arbuckle, T., Nohara-Le Clair, M., Pushkar, D. (2000). Effect of off-target verbosity on communication efficiency in a referential communication task. *Psychology and Aging* 15(1), 65-77.
- Beatty, W., Wonderlich, S., Staton, R. & Ternes, L. (1990). Cognitive functioning in bulimia: comparison with depression. *Bulletin of the Psychonomic Society* 28(4), 289-292.
- Belinchón, M; Rivière, A., Igoa, J. (1996). *Psicologia del lenguaje. Investigacion y Teoría*. Madrid: Trotta.
- Benton, A & Hamsher, K. (1976). *Multilingual aphasia exam*. Iowa City: University of Iowa.
- Bereiter, C. (1983). Story grammar as knowledge. *The behavioral and brain sciences*, 6(4),593-594.
- Birren, J.; Deutchman, D. (1991). *Guiding Autobiography Groups for Older Adults: Exploring the Fabric of Life*. London: The Johns Hopkins University Press.
- Black, J. (1983). Are stories good for anything? *The behavioral and brain sciences*, 6(4), 594-595.
- Bolla,K., Gray, S., Resnick S., Galante, R. & Kawas, C. (1998). *Clinical Neuropsychologist* 12(3), 330-338.
- Bosi, E. (1995). *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Britton, 1983). What makes stories interesting? *The behavioral and brain sciences*, 6(4), 596-597.
- Boden, D. & Bielby, D. (1983). The past as resource: A conversational analysis of elderly talk. *Human Development*, 26, 308-319.
- Bruner, J. (1997). *Atos de significação*. (S. Costa, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Bruner, J. (1999). Narratives of aging. *Journal of Aging Studies*, 13(1), 1-7.
- Burke, D. (1997). Language, aging, and inhibitory deficits: Evaluation of a theory. *Journal of Gerontology: Psychological Sciences*, 52B (6), 254-264.
- Campbell, J., Duffy, J. & Salloway, S. (1994). Treatment strategies for patients with dyexecutive syndromes. *The Journal of Neuropsychiatry and Clinical Neurosciences*, 6 (4), 411-418.

- Cartensen, L., Isaacowitz, D. & Charles, S. (1999). Taking time seriously: A theory of socioemotional selectivity. *American Psychologist*, *54*(3), 165-181.
- Cerella, J. (1990). Aging and information processing rate. Em J. E. Birren & K. W. Schaie (Orgs.), *Handbook of the psychology of aging* (pp. 201-221), San Diego: Academic Press.
- Chaves, M.L. & Izquierdo, I. (1992). Diferencial diagnosis between dementia and depression: A study of efficiency increment. *Acta Neurologica Scandinavia*, *85*, 378-382.
- Cohen, G. (1979). Language comprehension in old age. *Cognitive Psychology*, *11*, 412-429.
- Crews, D.V. Jr. (1999). Neuropsychological test performances of young depressed outpatient women: an examination of executive functions. *Arquivos of Clinical Neuropsychology* *14*(6), 517-529.
- Damasio, A & Anderson, S. (1993). The frontal lobes. Em Helman, K. & Valenstein, E. (Orgs.). *Clinical Neuropsychology* (pp.409-460), Oxford: Oxford University Press.
- Debert, G. (1999). *A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento*. São Paulo: Edusp.
- Duffy, J. & Campbell, J. (1994). The regional prefrontal syndromes: A theoretical and clinical overview. *The Journal of Neuropsychiatry and Clinical Neurosciences*, *6* (4), 379-387.
- Fisher, D., Sweet, J. & Pfaelzer-Smith, E. (1986). Influence of depression on repeated neuropsychological testing. *The International Journal of Clinical Neuropsychology* *8*(1), 14-18.
- Girelli, L., Sandrini, M., Cappa, S., Butterworth, B. (2001). Number-stroop performance in normal aging and Alzheimer's-type dementia. *Brain and cognition* *46*, 144-149.
- Gold, D., Andres, D., Arbuckle, T. & Schwartzman (1988). Measurement and correlates of verbosity in elderly people. *Journal of Gerontology: Psychological Sciences*, *43* (2), 27-33.
- Gold, D., Andres, D., Arbuckle, T. & Zieren, C. (1993). Off-target verbosity and talkativeness in elderly people. *Canadian Journal on Aging*, *12*(1), p. 67-77.
- Gold, D. & Arbuckle, T. (1995). A longitudinal study of off-target verbosity. *Journal of Gerontology: Psychological Sciences*, *50 B* (6), 307-315.
- Guindon, R. & Kintsch, W. (1984). Priming macropropositions: Evidence for the primacy of macropropositions in the memory for text. *Journal of Verbal Learning and Verbal Behavior* *23*, 508-518.

- James, L.; Burke, D.; Austin, A; Hulme, E. (1998). Production and perception of “verbosity” in younger and older adults. *Psychology and Aging, 13*(3), 355-367.
- Jones, E. & Viechnicki, B. (1997). Special issue on the importance of theory in discourse analysis. *Language & Communication 17*(2), 71-74.
- Juncos-Rabadan, O. (1996). Narrative speech in the elderly: Effects of age and education on telling stories. *International Journal of Behavioral Development, 19* (3), 669-685.
- Kemper, S. (1988). Geriatric psycholinguistics: Syntactic limitations of oral and written language. In L. Light & D. Burke (Eds.), *Language, memory, and aging* (pp.58-76). Cambridge: Cambridge University Press.
- Kemtes, K., Kemper, S. (1999). Aging and resolution of quantifier scope effects. *Journal of Gerontology: Psychological Sciences, 54B* (6), 350-360.
- Kintsch, W. (1974). *The representation of meaning in memory*. Hillsdale: Lawrence Erlbaum.
- Kintsch, E. (1990). Macroprocesses and microprocesses in the development of summarization skill. *Cognition and Instruction, 7* (3), 161-195.
- Kintsch, W. & Kozminsky, E. (1977). Summarizing stories after reading and listening. *Journal of Educational Psychology, 69*(5), 491-499.
- Kintsch, W. & Van Dijk, T. (1978). Toward a model of text comprehension and production. *Psychological Review, 85* (5), 363-383.
- Korolija, N. (2000). Coherence-inducing strategies in conversations amongst the aged. *Journal of Pragmatics 32*, 425-462.
- Lehr, U. (1999). A revolução da longevidade: impacto na família e no indivíduo. *Estudos Interdisciplinares sobre Envelhecimento 1*, 7-35.
- Light, L. (1991). Memory and aging: Four hypothesis in search of data. *Annual Review of Psychology, 42*, 333-376.
- Mackay, D., Abrams, L. & Pedroza, M. (1999). Aging on the input versus output side: theoretical implications of age-linked assymetries between detecting versus retrieving orthographic information. *Psychology and Aging, 14* (1), 3-17.
- Malloy, P. & Richardson, E. (1994). Assesment of frontal lobe functions. *The Journal of Neuropsychiatry and Clinical Neurosciences, 6* (4), 399-410.
- Mega, M. & Cummings, J. (1994). Frontal-subcortical circuits and neuropsychiatric disorders. *The Journal of Neuropsychiatry and Clinical Neurosciences, 6* (4), 358-370.

- Milner, B. (1964). Some effects of frontal lobectomy in man. Em J. M. Warren & K. Akert (Orgs.), *The frontal granular cortex and behavior* (pp. 313-344). New York: McGraw-Hill.
- Obler, L. (1989). Language beyond childhood. Em J. B. Gleason (Org.), *The development of language* (pp. 275-302), Columbus: Merrill Publishing.
- Ochs E., Taylor C., Rudolph D., Smith R. (1992). Storytelling as a theory-building activity. *Discourse Processes*, 15(1), 37-72.
- Ochs, E. (2001). Narrativa. Em Van Dijk (Org.), *El discurso como estructura y proceso. Estudios sobre el discurso I, Una introducion multidisciplinaria.* (pp.131-158), (J. A. Álvarez, Trad.), Barcelona: Gedisa.
- Parente, M.A., Capuano, A & Nespoulous, J. (1999). Ativação de modelos mentais no recontar de histórias por idosos. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 12 (1), 157-172.
- Parente, M.A., Saboskinski, A P, Ferreira, E. & Nespoulous, J. (1999). Memória e compreensão da linguagem no envelhecimento. *Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento*, 1, 57-76.
- Paul, S. (1996). Search for semantic inhibition failure during sentence comprehension by younger and older adults. *Psychology and Aging*, 11 (1), 10-20.
- Pratt, M. & Norris, J. (1994). *The social psychology of aging.* Understanding Aging. Cambridge: Blackwell.
- Pretti, D. (1991). *A linguagem dos idosos: Um estudo da análise da conversação.* São Paulo: Contexto.
- Pushkar, D. Basevitz, P., Arbuckle, T., Nohara-LeClair, M., Lapidus, S., Peled, M. (2000). Social behavior and off-target verbosity in elderly people. *Psychology and Aging*, 15(2), 361-374.
- Randall, L. (1999). Narrative intelligence and the novelty of our lives. *Journal of Aging Studies*, 13(1), 8-18.
- Reitan, R. & Davison, L. (1974). *Clinical neuropsychology: Current state and applications.* Washington: Winston.
- Roberts, B. & Kirsner, K. (2000). Temporal cycles in speech production. *Language and Cognitive Processes*, 15 (2), 129-157.
- Salloway, S. (1994). Diagnosis and treatment of patients with “frontal lobe” syndromes. *The Journal of Neuropsychiatry and Clinical Neurosciences*, 6 (4), 388-398.
- Salthouse, T. (1985). Speed of behavior and the implications for cognition. Em E. Birren & K. W. Schaie (Orgs.), *Handbook of psychology of aging* (pp. 400-426), San Diego: Academic Press.

- Salthouse, T. (1991). Age and experience effects on the interpretation of orthographic drawings of three-dimensional objects. *Psychology of Aging*, 6, 426-433.
- Schiffrin, D. (1997). Theory and method in discourse analysis: what context for what unit? *Language & Communication* 17(2), 75-92.
- Scliar-Cabral, L. (1983). Narratividade em crianças e os processos de leitura. Brasília: INEP.
- Shaden, B. (1994). Perspectives on aging. *American Speech-Language-Hearing Association*, 32-33.
- Siegel, D. J. (1996). Cognitive neuroscience encounters psychotherapy – lessons from research on attachment and the development of emotion, memory and narrative. *Psychiatric Times*, 13 (3), 1-6.
- Siegel, S. (1975). *Estatística não-paramétrica: para as ciências do comportamento*. São Paulo: Ed. Mc-Graw Hill do Brasil.
- Spreen, O. & Strauss, E. (1991). *A compendium of neuropsychological tests: Administration, norms, and commentary*. Oxford: Oxford University Press.
- SPSS Inc. (1993). *SPSS Base 6.1 (Manual)*. Chicago.
- Stine, E. & Wingfield, A (1990). The assesment of qualitative age differences in discourse processing, Em T. Hess (Org.). *Aging and cognition: knowledge organization and utilization* (pp. 33-91), Amsterdam: Elsevier Science.
- Stoppe, A. (1997). Características clínicas da depressão em idosos. Em O. V. Forlenza e O. P. Almeida (Orgs.). *Depressão e demência no idoso – tratamento psicológico e farmacológico*. (pp. 94-152). São Paulo: Lemos Editorial.
- Stuss, D. (1986). *The frontal lobes*. New York: Raven Press.
- Sweeney, J., Rosano, C., Berman, R., Luna, B. (2001). Inhibitory control of attention declines more than working memory during normal aging. *Neurobiology of aging* 22, 39-47.
- Trenerry, M. R., Crosson, B., DeBoe, J., Leber, W.R. (1989). *The Stroop neuropsychological screening test*. Odessa, FL: Psychological assesment Resources.
- Van Dijk, T. (1980). *Macrostructures: an interdisciplinary study of global structures in discourse, introduction and conception*. Hillsdale: Lawrence, Erlbaum.
- Van Dijk, T. (1987). Episodic models in discourse processing. Em R. Horowitz & S. J. Samuels (Orgs.), *Comprehending oral and written language* (pp. 161-196). New York: Academic Press.
- Van Dijk, T. (1996). *Cognição, discurso e interação* (I. V. Koch, Trad.). São Paulo: Contexto (Original publicado em 1943).

- Van Dijk, T. (1996). *Estructuras y funciones del discurso* (M. Gann & M. Mur, Trad.). Madrid: Siglo Veintiuno Editores (Original publicado em 1980).
- Van Dijk, T. (1996). *La ciencia del texto* (S. Hunzinger, Trad.). Barcelona: Paidós Comunicación (Original publicado em 1983).
- Van Dijk, T. (1998). *Texto y Contexto: semántica y pragmática del discurso*. (J. D. Moyano, Trad.). Madrid: Catedra.
- Woodruff-Pak, D. (1997). *The neuropsychology of aging. Understanding aging*, Malden: Blackwell.
- Yesavage, J. A., Brink T. L., Rose, T.L., Lurn, O (1983). Development and validation of a geriatric depression screening scale: a preliminary report. *Journal of Psychiatry Resources*, 17: 37-49.

ANEXOS

Anexo A

Caracterização da amostra

Tabela 10 – Distribuição da amostra por sexo e grupo

Grupo	Sexo		Total
	Masculino	Feminino	
Jovens	10	10	20
	50,0	50,0	100,0
Idosos	10	10	20
	50,0	50,0	100,0
Total	20	20	40
	50,0	50,0	100,0

Tabela 11 – Com quem vive por grupo

Com quem vive	Grupo	
	Jovens	Idosos
Família	65,0%	35,0%
Amigos	20,0%	0,0%
Só	10,0%	20,0%
Cônjuge	5,0%	35,0%
Filhos	0,0%	10,0%
Total	100,0%	100,0%

Percentuais baseados em 20 observações por grupo.

O grupo de idosos também informou sobre o grau de escolaridade dos cônjuges e dos filhos.

Tabela 12– Grau de escolaridade do Cônjuge

Escolaridade	Frequência	%
Primário	1	5,0%
Secundário	7	35,0%
Terciário	12	60,0%
Total	20	100,0%

Tabela 13– Grau de escolaridade dos filhos

Escolaridade	Frequência	%
Secundário	3	15,0%
Terciário	15	75,0%
Não tem filhos	2	10,0%
Total	20	100,0%

Tabela 14– Visitas por grupo

Faz visitas	Grupo	
	Jovens	Idosos
Raramente	35,0%	60,0%
1x semana	30,0%	20,0%
Alguns dias semana	30,0%	15,0%
Todos os dias	5,0%	5,0%
Total	100,0%	100,0%

Percentuais baseados em 20 observações por grupo.

Tabela 15– Recebe visitas por grupo

Recebe visitas	Grupo	
	Jovens	Idosos
Raramente	35,0%	30,0%
1x semana	15,0%	40,0%
Alguns dias semana	25,0%	30,0%
Todos os dias	25,0%	0,0%
Total	100,0%	100,0%

Percentuais baseados em 20 observações por grupo.

Tabela 16– Participação em grupos religiosos por grupo

Grupos religiosos	Grupo	
	Jovens	Idosos
Não	75,0%	5,0%
Raramente	5,0%	20,0%
1x semana	20,0%	30,0%
Alguns dias semana	0,0%	25,0%
Todos os dias	0,0%	20,0%
Total	100,0%	100,0%

Percentuais baseados em 20 observações por grupo.

Tabela 17– Participação em grupos esportivos por grupo

Grupos esportivos	Grupo	
	Jovens	Idosos
Não	20,0%	70,0%
Raramente	30,0%	0,0%
1x semana	20,0%	5,0%
Alguns dias semana	25,0%	25,0%
Todos os dias	5,0%	0,0%
Total	100,0%	100,0%

Percentuais baseados em 20 observações por grupo.

Tabela 18– Leitura de revistas por grupo

Leitura Revistas	Grupo	
	Jovens	Idosos
Raramente	25,0%	20,0%
1x semana	45,0%	40,0%
Alguns dias semana	20,0%	30,0%
Todos os dias	10,0%	10,0%
Total	100,0%	100,0%

Percentuais baseados em 20 observações por grupo.

Tabela 19– Leitura de jornais por grupo

Leitura Jornais	Grupo	
	Jovens	Idosos
Raramente	10,0%	0,0%
1x semana	15,0%	5,0%
Alguns dias semana	40,0%	15,0%
Todos os dias	35,0%	80,0%
Total	100,0%	100,0%

Percentuais baseados em 20 observações por grupo.

Tabela 20– Participação em palestras por grupo

Palestras	Grupo	
	Jovens	Idosos
Não	5,0%	10,0%
Raramente	55,0%	35,0%
1x semana	30,0%	45,0%
Alguns dias semana	0,0%	10,0%
Todos os dias	10,0%	0,0%
Total	100,0%	100,0%

Percentuais baseados em 20 observações por grupo.

Tabela 21– Escrita de textos por grupo

Escrita de textos	Grupo	
	Jovens	Idosos
Raramente	35,0%	60,0%
1x semana	15,0%	15,0%
Alguns dias semana	30,0%	5,0%
Todos os dias	20,0%	20,0%
Total	100,0%	100,0%

Percentuais baseados em 20 observações por grupo.

Tabela 22– Mensagens por grupo

Mensagens	Grupo	
	Jovens	Idosos
Raramente	40,0%	40,0%
1x semana	10,0%	25,0%
Alguns dias semana	25,0%	10,0%
Todos os dias	25,0%	25,0%
Total	100,0%	100,0%

Percentuais baseados em 20 observações por grupo.

Tabela 23– Ida a teatro / cinema por grupo

Teatro / Cine	Grupo	
	Jovens	Idosos
Raramente	70%	90%
1x semana	30%	5%
Alguns dias semana	0%	5%
Total	100%	100%

Percentuais baseados em 20 observações por grupo.

Tabela 24 - Nº locais onde viveu por grupo

Locais onde viveu	Grupo	
	Jovens	Idosos

Somente um local	35,0%	25,0%
Dois a três locais	45,0%	45,0%
Quatro ou mais	20,0%	30,0%
Total	100,0%	100,0%

Percentuais baseados em 20 observações por grupo.

Tabela 25– Atividades realizadas por grupo

Atividades	Grupo	
	Jovens	Idosos
Sociais	90,0%	80,0%
Intelectuais	100,0%	55,0%
Profissionais	5,0%	20,0%
Vida diária	0,0%	50,0%

Resposta múltipla

Percentuais baseados em 20 observações por grupo.

Tabela 26– Auto-avaliação subjetiva por grupo

Só	Grupo	
	Jovens	Idosos
Não	75,0%	95,0%
Sim	25,0%	5,0%
Total	100,0%	100,0%

Percentuais baseados em 20 observações por grupo.

Tabela 27– Auto-avaliação subjetiva por grupo

Alegre/Triste	Grupo	
	Jovens	Idosos

Alegre	100,0%	95,0%
Triste	0,0%	5,0%
Total	100,0%	100,0%

Percentuais baseados em 20 observações por grupo.

Tabela 28– Distribuição da amostra por grupo

Grupo	Frequência	%
Jovens	20	50,0
Idosos	20	50,0
Total	40	100,0

Termo de Consentimento

Estou ciente de que esta pesquisa, relacionada à linguagem, consta de um questionário sociocultural, um exame breve do estado mental, dois testes relacionados a função cognitiva de inibição, uma escala de depressão e a análise de narrativas gravadas. Fui informado de que essas avaliações tem como tempo de aplicação total aproximadamente uma hora.

Estou ciente de que o sigilo de minha identidade será mantido, o que será feito através da substituição dos meus nome e sobrenome por um código numérico desenvolvido pela pesquisadora. Também fui informado de que posso, a qualquer momento, desistir da participação na pesquisa, sem que isso implique em qualquer espécie de dano.

Estando consciente dos objetivos e procedimentos dessa pesquisa, concordo com a minha participação.

.....

Código Numérico

.....

Assinatura

Código numérico:

Data:

Mini-Mental

Orientação (cada acerto vale 1 ponto, total 10 pontos)

Dizer:

- Dia do mês:
- Dia da semana:
- Mês:
- Ano:
- Estação:
- Local em que se encontra:
- Andar:
- Cidade:
- Estado:
- País:

Registro (cada acerto vale 1 ponto, total 3 pontos)

Repetir: pente, rua e azul.

- Pente
- Rua
- Azul

Cálculo (valor total 25 pontos)

A partir do número 100, subtraia 7 progressivamente:

- 100 -
- 93 -
- 86 -
- 79 -
- 72 -
- 65 -

Atenção (Valor total 25 pontos)

Repetir a seqüência 5 8 2 6 9 4 1

Evocação (Cada acerto vale 1 ponto, total 3 pontos)

Lembrar as três palavras repetidas anteriormente:

- pente:
- rua:
- azul:

Linguagem

- Nomear caneta:e relógio(mostrar o objeto ao participante) 2 pontos
- Repetir *Nem aqui, nem ali, nem lá*(1 ponto)
- Pegar o papel com a mão direita, dobrar e pôr no chão(3 pontos)
- Fechar os olhos (escrito, 1 ponto)
- Escrever uma frase (1 ponto)
- Copiar o desenho (casa em perspectiva)(1 ponto)

Total de Pontos:

Esc > 4 anos = 24 (S=81, E= 68)

Esc < 4 anos =17

Escala de Depressão Geriátrica Yesavage

Selecione a resposta que mais se aproxima de seu estado durante a semana, circulando-a.

- | | | |
|--|-----|-----|
| 1) Se encontra satisfeito com sua vida em termos gerais? | Sim | Não |
| 2) Tem abandonado muito de seus interesses e atividades? | Sim | Não |
| 3) Sente que a sua vida está vazia? | Sim | Não |
| 4) Se aborrece com freqüência? | Sim | Não |
| 5) Sente esperança frente ao futuro? | Sim | Não |
| 6) Está incomodado por pensamentos que não pode tirar da cabeça? | Sim | Não |
| 7) Costuma encontrar-se de bom humor? | Sim | Não |
| 8) Tem medo que algo de ruim possa acontecer? | Sim | Não |
| 9) Se encontra feliz habitualmente? | Sim | Não |
| 10) Costuma sentir-se impotente? | Sim | Não |
| 11) Costuma encontrar-se nervoso ou inquieto? | Sim | Não |
| 12) Prefere ficar em casa em vez de sair e fazer coisas novas? | Sim | Não |
| 13) Preocupa-se freqüentemente com seu futuro? | Sim | Não |
| 14) Acredita que sua memória falha mais do que a dos outros? | Sim | Não |
| 15) Acredita que é maravilhoso estar vivo? | Sim | Não |
| 16) Costuma sentir-se desanimado e triste? | Sim | Não |
| 17) Se considera pouco útil, como está agora? | Sim | Não |
| 18) Costuma se preocupar com coisas do passado? | Sim | Não |
| 19) Acredita que a vida é estimulante? | Sim | Não |
| 20) Considera difícil interessar-se por coisas novas? | Sim | Não |
| 21) Se encontra cheio de energia? | Sim | Não |
| 22) Pensa que a sua situação não tem solução? | Sim | Não |
| 23) Pensa que quase todo mundo está melhor do que você? | Sim | Não |
| 24) Costuma preocupar-se muito com coisas sem importância? | Sim | Não |
| 25) Costuma ter vontade de chorar? | Sim | Não |
| 26) Tem dificuldade para se concentrar? | Sim | Não |
| 27) Alegra-se acordando pela manhã? | Sim | Não |
| 28) Prefere evitar reuniões sociais? | Sim | Não |
| 29) É fácil tomar decisões? | Sim | Não |
| 30) Tem a cabeça tão clara como gostaria de ter? | Sim | Não |

Anexo E

Questionário sociocultural
Parte A: a ser preenchida pelo examinador

Aspectos socioculturais

Sigla _____ Idade _____ Sexo _____

Local da avaliação _____

Data _____

Onde nasceu _____

Locais que morou períodos) _____

Moradia atual _____

Casa própria () Casa alugada() Outro _____

Escolaridade do sujeito _____

Local de escolaridade _____

Escolaridade do Cônjuge _____

Escolaridade dos filhos _____

Trabalhos (períodos)

Está aposentado () sim () não Há quanto tempo _____

Longas paradas (períodos) _____

Antecedentes Médicos

Doenças neurológicas _____

Doenças psiquiátricas _____

Doenças cardíacas _____

Dificuldade de visão _____

Dificuldade de audição _____

Dificuldade motora _____

Alcoolismo _____

Uso de drogas psicotrópicas _____

Operações e outros _____

Questionário socioculturalParte B: a ser preenchida pelo participanteAspectos Culturais

Hábitos de leitura

Revistas: () todos os dias () alguns dias por semana () uma vez por semana
() raramente

Jornais: () todos os dias () alguns dias por semana () uma vez por semana
() raramente

Livros: () todos os dias () alguns dias por semana () uma vez por semana
() raramente

Outros: () todos os dias () alguns dias por semana () uma vez por semana
() raramente

Quais outros? _____

Hábitos de Escrita

Textos: () todos os dias () alguns dias por semana () uma vez por semana
() raramente

Recados: () todos os dias () alguns dias por semana () uma vez por semana
() raramente

Outros: () todos os dias () alguns dias por semana () uma vez por semana
() raramente

Quais outros? _____

Atividades Culturais

Com que pessoas você mora? _____

Quando vocês conversam? _____

Você recebe visitas? () todos os dias () alguns dias por semana () uma vez por semana () raramente

Você faz visitas? () todos os dias () alguns dias por semana () uma vez por semana () raramente

Você participa de grupos religiosos? () todos os dias () alguns dias por semana () uma vez por semana () raramente

Esportivos? () todos os dias () alguns dias por semana () uma vez por semana () raramente

Teatro/Cinema? () todos os dias () alguns dias por semana () uma vez por semana () raramente

Palestras/Conferências? () todos os dias () alguns dias por semana () uma vez por semana () raramente

Explique como são suas atividades fora de casa:

Avaliação Subjetiva:

Você se sente sozinho? Por quê?

Você se acha uma pessoa mais alegre ou mais triste?

Anexo F

Teste Stroop de Cores e Palavras

ROSA	AZUL	VERDE	ROSA	AZUL
VERDE	VERDE	ROSA	AZUL	VERDE
AZUL	ROSA	AZUL	VERDE	ROSA
VERDE	AZUL	ROSA	ROSA	AZUL
ROSA	ROSA	VERDE	AZUL	VERDE
AZUL	VERDE	AZUL	VERDE	ROSA
ROSA	AZUL	VERDE	AZUL	VERDE
AZUL	VERDE	ROSA	VERDE	ROSA
VERDE	ROSA	AZUL	ROSA	AZUL
AZUL	VERDE	VERDE	AZUL	VERDE
VERDE	ROSA	AZUL	ROSA	ROSA
ROSA	AZUL	ROSA	VERDE	AZUL
VERDE	ROSA	AZUL	ROSA	VERDE
AZUL	AZUL	ROSA	VERDE	ROSA
ROSA	VERDE	VERDE	AZUL	AZUL
AZUL	AZUL	ROSA	VERDE	ROSA
ROSA	VERDE	AZUL	ROSA	VERDE
VERDE	ROSA	VERDE	AZUL	AZUL
ROSA	AZUL	ROSA	VERDE	ROSA
VERDE	ROSA	VERDE	AZUL	VERDE

ROSA	AZUL	VERDE	ROSA	AZUL
VERDE	VERDE	ROSA	AZUL	VERDE
AZUL	ROSA	AZUL	VERDE	ROSA
VERDE	AZUL	ROSA	ROSA	AZUL
ROSA	ROSA	VERDE	AZUL	VERDE
AZUL	VERDE	AZUL	VERDE	ROSA
ROSA	AZUL	VERDE	AZUL	VERDE
AZUL	VERDE	ROSA	VERDE	ROSA
VERDE	ROSA	AZUL	ROSA	AZUL
AZUL	VERDE	VERDE	AZUL	VERDE
VERDE	ROSA	AZUL	ROSA	ROSA
ROSA	AZUL	ROSA	VERDE	AZUL
VERDE	ROSA	AZUL	ROSA	VERDE
AZUL	AZUL	ROSA	VERDE	ROSA
ROSA	VERDE	VERDE	AZUL	AZUL
AZUL	AZUL	ROSA	VERDE	ROSA
ROSA	VERDE	AZUL	ROSA	VERDE
VERDE	ROSA	VERDE	AZUL	AZUL
ROSA	AZUL	ROSA	VERDE	ROSA
VERDE	ROSA	VERDE	AZUL	VERDE

Coeficientes de Correlação dos juizes

Tabela 29 – Coeficientes de correlação Tau de Kendall para concordância entre juizes (narrativas pessoais)

Variáveis	N	Pares de juizes		
		J1 x J2	J1 x J3	J2 x J3
Total Proposição p c	40	0,905	0,920	0,928
total relevantes	40	0,902	0,922	0,915
total indiretamente relevantes	40	0,897	0,910	0,892
total irrelevantes	40	0,818	0,804	0,875
indiretamente relevantes com estratégias	37	0,886	0,896	0,852
Irrelevantes com estratégias	10	0,796	0,813	0,881
Indiretamente relevantes com indicadores	37	0,879	0,779	0,813
Indiretamente relevantes explicativas	37	0,901	0,841	0,852
Irrelevantes com indicadores	8	-	-	-
Irrelevantes explicativas	8	-	-	-
total Apreciação subjetiva	40	0,864	0,877	0,886
apreciações subjetivas relevantes	34	0,814	0,821	0,814
apreciações Subjetivas	34	0,808	0,848	0,870
Indiretamente Relevantes				
Apreciações Subjetivas Irrelevantes	9	0,873	0,873	0,872
Total de proposições repetidas	40	0,912	0,892	0,937

Tabela 30 – Coeficientes de correlação Tau de Kendall para concordância entre juizes (narrativas fictícios)

Variáveis	N	Pares de juizes		
		J1 x J2	J1 x J3	J2 x J3
Total Proposição	40	0,936	0,927	0,937
total relevantes	40	0,834	0,824	0,809
total indiretamente Relevantes	40	0,849	0,830	0,842
total irrelevantes	40	0,873	0,832	0,840
indiretamente relevantes com estratégias	33	0,874	0,865	0,882
Irrelevantes com estratégias indiretamente com indicadores	8	0,836	0,853	0,858
Indiretamente explicativas	33	0,880	0,876	0,855
Irrelevantes com Indicadores	7	-	-	-
Irrelevantes Explicativas	7	-	-	-
total Apreciação subjetiva	40	0,843	0,891	0,851
apreciações Subjetivas Relevantes	16	0,802	0,812	0,794
apreciações Subjetivas	40	0,853	0,858	0,895
Indiretamente Relevantes	4	0,817	0,842	0,831
apreciações Subjetivas Irrelevantes	4	0,817	0,842	0,831
total de proposições repetidas	40	0,868	0,876	0,868

Anexo H

Narrativas das Amostras

Narrativas dos idosos

Sujeito 1

Pessoal: Estória engraçada

É o seguinte: eu vou te contar uma história que aconteceu há muitos anos atrás. Até uma das personagens foi a Iara, quando ela era criança ainda. Isso foi, isso aconteceu lá no Barroso, Clube de Regatas onde nós éramos sócios e a gente passava os fins de semana lá, fazia churrasco e tal. Então, uma ocasião, a Denia levava sempre salsicha pra gente fazer um lanche ao meio dia, pra gente fazer churrasco, aquela coisa. Então nós fomos. O pessoal estava fazendo churrasco lá na churrasqueira, né, todo o mundo, a carne controlando e tinha um que era um sujeito daqueles fanáticos por churrasco, por assado e tal que estava fazendo um peixe. Ele tava fazendo um peixe no espeto ou numa grelha, não sei direito então ele tava fazendo um peixe ali, com todo o cuidado, enfim ele tava envolvido com aquele peixe, não cuidava de mais nada. Aí eu cheguei, digo: bom, Denia, então vamos fazer o seguinte: eu vou deixar essas salsichas, duas latas de salsichas pra esquentá aqui, boto ali do lado na brasinha e tal, pra esquentar e aí a gente já tem a salsicha quentinha, né e enquanto isso, nós vamos buscar bebida. Eu cheguei do lado daquele senhor que tava fazendo um peixe né e fui pedir licença pra ele se eu podia bota essa latinha ali pra esquentar. Ele disse: pode bota sim, mas nem olhou pra mim, né, tava envolvido com o peixe dele, nem olhou pra mim. Não, pode bota sim. Aí eu peguei, botei, mas botei bem bem na brasa né, perto da brasa e fui busca bebida com a Denia. A Iarinha que estava junto conosco, era criança, né, eu disse pra ela: Iara, tu faz o seguinte, tu fica dando uma controladinha aqui que eu já volto, eu só vou busca bebida com a tua tia. Então, tá. Fomos. Daqui a pouco eu ouvi um rebuliço na churrasqueira e tal e veio a Iara, com os olhos desse tamanho, assim: tio, tio, aconteceu uma coisa lá na churrasqueira. Mas o que que foi que aconteceu, Iara? Explodiu a tua salsicha explodiu bem embaixo do peixe do homem. (O homem tava fazendo um peixe e explodiu a lata, as duas latas de salsicha). Eu não abri, bobagem minha, mas eu não tinha aberto a lata de salsicha e coloquei elas fechadas pra esquentá mais rápido, né. Aquilo pegou pressão e explodiu toda, toda as duas latas, quase ao mesmo tempo, bem embaixo do peixe do sujeito. Levantou tudo aquilo, virou lata, virou salsicha e o home tava que era uma fera. Só que por sorte ele não viu quem é que pediu licença, porque ele nem olhou pra mim, né. Só disse tá pa pa pa e tal. E

aí, tava quando eu fui lá olhar eu vi aquele rebuliço : - Mas quem foi que botou ...né? Aí eu disse pra Denia: - Denia, vamo caí fora ... Nem sabemo o que aconteceu. E aí eu ria, a Iara também deve se lembrar desse fato aí.

Fictícia: Ruído de passos à noite

Mas então, aconteceu que uma ocasião, nós estávamos dormindo e a Denia, acordou e disse pra mim: acorda que tem ladrão em casa e eu então disse: “ Vamos fazer o seguinte, por que tu acha que tem ladrão em casa?” – “Por que eu ouvi nitidamente passos. Alguém esta caminhando dentro dessa casa, eu ouvi nitidamente.” – “Então faz o seguinte: tu não acende a luz que vai ser pior. Eu quero ver se surpreendo essa pessoa que esta caminhando de noite”. Aí devagarinho eu levantei da cama pra ver o que estava acontecendo me armei com um pedaço de pau que estava atrás da porta e aí, realmente depois eu vi que tinha passos por dentro de casa. Ai eu fui devagarinho pé por pé sem fazer barulho, aí vi um vulto na sala, tá. Daí quando eu vi esse vulto na sala, disse “bom, é agora”. E pulei em cima da pessoa. E a pessoa essa que estava caminhando aí eu vi que era a minha neta que era sonâmbula. Essa é a estória.

Sujeito 2

Pessoal: Estória engraçada

Eu em Brasília, no ano de 59, eu trabalhava na AS estava na estação de serviço e chegou um cidadão num carro Mercedes Bens placa de Assunção mas era brasileiro, ai me disse na estação de serviço que ia deixar o carro ai pra lubrificar, trocar o óleo lubrificante e que no dia seguinte viria buscar. Como tudo era longe, eu disse a ele que se ele quisesse, eu lhe daria uma carona para levá-lo em casa porque Brasília era tudo terra e ele foi e me perguntou: “Onde o senhor mora?” Eu digo: “Eu paro no Brasília Palace Hotel” . – “Há esse é o caminho”. Aí entrou no carro, sentou e eu fui, disse pra ele: “O senhor é gaúcho”. E ele disse : “De São Leopoldo”. Aí ele me disse: “Por que? Você também é gaúcho?” – “Sou do Alegrete”. Aí ele disse de brincadeira: “Da terra do Paulinho do carnaval”. E eu disse "É militar" - o Paulinho do carnaval é um oficial do exército que no carnaval desaparecia 4 dias. - Aí ele me perguntou de que família eu era e eu disse que era Fialho.

Ai ele riu: “Eu tenho uns parentes no Alegrete que são Fialho”. –“Minha mãe era Fialho Viana de Taquari” –digo. “E o meu avô era Viana Fialho de Taquari”. Eram primos irmãos! A mãe dele e o meu avô eram primos irmãos. E ele era o coronel Francisco Viana Schultz.

Fictícia: Visão de uma luz estranha

Imaginava que aparecesse um disco voador. Mas nunca aconteceu. Mas eu imaginava. Agora, junto com ela, a Edith, viajava à noite. Estrada completamente deserta. Então ela imaginava aquilo: se aparecesse um disco voador o que nós ia fazer. Mas nunca aconteceu, felizmente nunca aconteceu. Eu não tenho argumento pra inventá.

Sujeito 3

Pessoal: Estória engraçada

Eu sou uma pessoa fortemente tímida. Sempre fui uma criança tímida. Mas exatamente porque era uma criança pequena, menor que os outros, custei muito a crescer, acabei desenvolvendo uma capacidade de argumentar, pra me defender verbalmente, então usei sempre muito as palavras. E com a palavra é que eu me defendia e me compensava diante dos outros. Intimidava os outros sobretudo com a palavra. Observa que... Mas mesmo assim, nós muito tímidos, como até hoje eu sou , mas curiosamente a vida me conduziu para atividade de natureza pública. Então me envolvi em instituições, era importante e sempre foi extremamente difícil para mim falar. Eu me envolvi em atividades, por exemplo, maçônicas, onde existe uma disciplina específica para o uso da palavra, e era extremamente difícil para mim, quando chegava a minha vez de falar alguma coisa, de articular uma frase que fosse. Aliás, eu tinha que pensar sobre ela. Mais tarde me envolvi na atividade espírita, e acabei virando dirigente. Passei a precisar falar para o público, quase que diariamente. E isso nunca foi uma tarefa simples para mim e gerava muito sofrimento . Talvez em função de vaidade e orgulho. E o curioso é que ninguém acredita que isso é difícil para mim. Quando eu tenho que falar, para mim é uma coisa penosa. Uma coisa que me faz sofrer. As pessoas riem. Porque acham que não é verdade, por que eu sou fluente. E aparentemente me sinto muito a vontade quando falo em público. E essa é uma curiosidade minha porque realmente quanto mais insisto em dizer que isso me faz sofrer,

menos as pessoas acreditam que isso seja verdade. É isso: O tímido que finge que não é tímido. Por que eu represento, então eu sou um bom ator. Eu represento uma naturalidade que de fato eu não tenho . E as pessoas: “Mas você não parece!”. Pois é, mas eu finjo muito bem. Mas de fato eu sou .

Fictícia: Visão de uma luz estranha

Uma luz estranha no escuro. A luz na escuridão. Luz que vai se expandindo pouco a pouco. E mostrando vagamente formas ao movimento, afugentando sombras, pouco a pouco. E abrindo espaço para caminhar mais livres nas sendas que vão se vislumbrando. Caminho que se percebe orientado pela luz. Começo a caminhar, estimulado pela presença da luz. Sigo de certa forma uma luz estranha. Pra onde ela me levará? Será inteligente? Seria uma luz estranha? Luzes anímicas? Será que não seria mais inteligente buscar ascender a luz que talvez exista em mim e iluminar o meu próprio caminho ? E se essa luz estranha dobrar uma esquina? Seguir um caminho diferente, ignorado, inseguro talvez. E eu a sigo mesmo assim, e correria riscos por ter preferido isso do que ensaiar o ascender de minha própria luz. Convém, na caminhada da vida, o exercício de ascender nossa própria luz e com ela iluminar o nosso caminho.

Sujeito 4

Pessoal: Estória engraçada

Eu conto uma estória da minha infância. Eu era pequeno, eu não me lembro dessa história, mas, esses dias um irmão meu me contou. Eu devia ter os meus quatro anos de idade e estava na frente da minha casa onde faziam algumas obras da prefeitura, obras viárias, ali. Isso na minha cidade, D. Pedrito. O meu pai na época era funcionário da Prefeitura Municipal da cidade. E como estavam tendo algumas obras ali, o prefeito foi lá fazer uma vistoria. E eu estava parado na frente da casa e o Prefeito chegou , disse: “Tu é o filho do Ferraz?” - “Sou”. Pois o teu pai está preso na Prefeitura. E aí eu olhei para ele e disse assim: “Depois tu pita no rabo da mulita”. É isso aí. Eu não me lembro dessa história, mas esses dias, me encontrando com o meu irmão mais velho, falando dos prefeitos de D. Pedrito, e aí falamos de um determinado Prefeito, do tempo da minha infância, e ele disse assim: “Pois quando ele era prefeito”, aí é que ele me contou essa história, e eu não sei o

que é isso : “ Depois tu pita no rabo da mulita”.

Fictícia: Visão de uma luz estranha

Alguém que está parado na rua, e esta no aguardo de uma outra pessoa, e essa pessoa esta custando muito a chegar. De repente, lhe informam que essa pessoa, teria falecido. E, naquele momento, no momento que alguém lhe chega ali, ele vê se aproximar uma luz. E ele distingue perfeitamente, nessa luz estranha, o semblante daquela pessoa com quem ele havia marcado o encontro, e que vai ali, exatamente para dizer que estava partindo para uma outra dimensão da vida e que não poderia partir sem, naquele momento, se despedir dele.

Sujeito 5

Pessoal: Estória engraçada

É muito simples é muito rápido. Um fato engraçado que aconteceu comigo. Há três anos atrás, estava com as minhas irmãs no Gravatal, e eu fui no geriátra eu e a Eunice. Assisti as palestras e depois fazer uma consulta. Quando eu fui fazer a consulta, eles mandaram tirar a minha altura. Ele pegou, a moça mediu e disse: “Um e setenta e sete”. Eu disse: “O que?!” – “É um e setenta e sete”. Aí eu não acreditei e voltei novamente. Ela disse “um e setenta e sete”. E eu disse : “Puxa, faz vinte e cinco anos que não me meço, mas sempre digo que é um e oitenta. Sempre a minha altura foi um e oitenta. Agora eu to vendo que to 3 centímetros menor. Inacreditável!” E aí que eu me lembrei que as pessoas idosas vão encurtando também. Essa é uma estória curtinha.

Fictícia: Ruído de passos à noite

Eu estava numa casa, evidentemente num sitio, eu não conhecia muito o lugar, e era de noite, e eu estava acompanhado, e sempre tinha um ruído, era uma casa de madeira, então sempre dava um ruído, e esses ruídos sempre me causavam uma ansiedade. Com isso, eu perdi um pouco de sono. Peguei um livro para ler para ver se o sono voltava. Eu pegava a lente, aí era o tique taque do relógio. Não conseguia dormir por causa do tique taque do relógio. Esperei pra ver aí. Mas o problema é que o tique taque do relógio parece à noite

que é mais alto do que de dia. De dia a gente não ouve. De noite aquele... eu fui obrigado a levantar novamente pegar o relógio e botar no outro quarto. Pois aí eu consegui. E digo: “Agora eu vou dormir sem o tique taque do relógio”. E de fato eu consegui dormir, né. E aí o que que acontece? Daqui a pouco o cachorro lá fora, fica latindo, né. Lá eu acordei novamente e digo: “O que será a essa hora da noite aqui?”. Apesar de ter uma luz forte bem, que ilumina bem o local, eu olhei pelas frestas da veneziana, né, pra ver alguma coisa, eu não vi nada. Eu digo: “É, não adianta, é o cachorro aí. O cachorro late por qualquer coisa né. Deve ser um cavalo, qualquer outra coisa, outro cachorro que apareceu. Eu peguei e resolvi dormir. Dessa vez eu consegui dormir de fato.

Sujeito 6

Pessoal: Estória engraçada

Eu gostava muito de dar susto. Então a Iolanda estava grávida e eu resolvi chegar de repente e quase matei a Iolanda. E dava risada, eu achei muita graça daquilo, mas é trágico. Foi um dos sustos piores que eu já fiz. Eu achei muita graça. Eu gosto muito de lembrar disso e dar risada .

Fictícia: Ruído de passos à noite

Uma casa de praia, lá o pessoal passava muito tempo sem ir. Chegaram e a primeira noite a turma estava cansada. Mas, lá pelas tantas, começaram a ouvir ruídos de passos no telhado. E todo mundo escutou e ficou quieto pra não perturbar uns aos outros. A coisa passou o pessoal foi no outro dia e comentaram: “Deve ter um ladrão ai em cima , passou ai por cima da nossa casa”. Ta bom . Na outra noite, a coisa se repetiu, só que não era só ruídos de passos , por que, de repente, o que dormia na sala, se acordou molhado, e foi aquela estranheza, e ai foi aquela questão: “ Que que pode estar acontecendo com o nosso telhado?” Claro que era gambá. E remata que havia uma família de gambá no telhado da casa. Aí vem aquela: “Mata ou não mata? Como é que vamos fazer com esses gambás?” Aí um teve uma idéia: “Eles estão entrando por algum buraco . Vamos ver se achamos .” Procuraram e acharam. A casa tinha assim uns cantos , uns respiros. Ai sujeito disse : “Agora sim ! O gambá dorme durante o dia, só sai de noite. Eu vou botar cimento aqui assim, e o gambá agora , não sai mais daí. E fez. Ai no outro dia, durante a noite, ouviram o barulho de novo e pensaram: “agora esses gambás vão morrer”. Mas não era nada disso,

o gambá é mais esperto. O gambá sabia como fazer. Ele tinha aberto o cimento novo, ele conseguiu cavar. Remata, que passaram todo o mês na função de pega o gambá: “ mata o gambá, acha o gambá “. Mas ninguém tinha coragem de abrir o telhado pra pegar o gambá. Então foi o veraneio mais “gamboso” que essa turma já teve. Foi o veraneio em que o gambá incomodou todo o tempo.

Sujeito 7

Pessoal: Estória engraçada

Eu to no segundo casamento, como a Maria também. Do meu primeiro casamento, meu filho mais novo que aliás é adotivo, e na época nos morávamos na Av. Ganzo. Conheces a Ganzo né, no Menino Deus, isso faz muitos anos, muitos anos passados, era aberto aquilo ali, tinha lugares para crianças brincarem, naqueles edificio, um dos lá especial, tinha Nostras Perenes, bom e... o filho mais novo saia e brincava lá em baixo, tinha outros guris ali, e... eu recordo que ele chegou para almoçar, foi chamado pela mãe e chegou para almoçar e eu vi que ele estava com as mãos sujas. E eu disse para ele: o nome era Paulo, Paulo vai lavar as mãos. Ele olhou para elas e disse: Dos dois lados?

Fictícia: Visão de uma luz estranha

Eu não tenho bastante imaginação para inventar, mas eu já vivi muito né e eu acho ate bastante intensamente, então eu creio que posso pegar algumas memórias e fazer. Seria o seguinte:

Vou modificar e misturar as coisas. Um rapaz que morava em Santa Maria, e tinha condições econômicas bem modestas, e além... e em tão, nas ferias, ele ia pra Quaraí, que é uma cidade pequenininha, e... acho que talvez mais quente do que Santa Maria no verão e ali tinha um tio dele que morava lá que tinha condições econômicas bem melhores. E esse tio, dormia tarde e gostava de ficar sentado na frente da calçada bons tempos, bem diferente dos de hoje, mas o tio era rico e tinha uma cadeira preguiçosa muito bonita , grande, boa de deitar, mas ele era muito gordo e não deitava nela, porque ficava complicado para ele levantar, então o rapazinho esse, costumava deitar nela. E ficava olhando as estrelas. Quaraí era uma cidade pouco iluminada. Uma cidade pouco iluminada e ... ele ficava olhando pro céu. Uma noite ele viu uma luz ou melhor duas luzes, naquela época falava-se muito em disco voador, faz muito tempo isso. O céu tava bem claro, não

tinha lua, mas as estrelas eram inúmeras. Naquela época o céu era tão claro que a gente até podia contar aquelas estrelinhas que ele havia aprendido que se chamavam as sete cabritas. Então era um céu bem lindo, bem claro, de repente ele viu uma luzinha, não era caso de se falar em aviões, lá não rota de aviões, ainda mais a noite, muito menos a uma altura que parecia muito grande. Alias aquela cidade eu prefiro chamar de um lugar chamado São João que o nome antigo de Quaraí é São João Batista, então eu diria São João e Santa Maria eu prefiro chamar de Medianeira. A cidade de Medianeira. Então naquela cidade de São João Evangelista, nem tinha aeroporto né. Até uma vez ele viu um avião descer lá mas era num campo, numa fazenda. Mas em Quaraí não tinha aeroporto e a cidade próxima era do outro lado do rio Uruguai, chamada Santo Eugênio, vamos chamar assim, também não tinha. Então não havia possibilidade alguma de ser um avião, porque não havia rotas que permitisse um avião passasse por ali. E era uma luz que não piscava como freqüentemente acontece com os aviões ainda mais quando a gente percebe relativamente perto. A luz era fixa e também não fazia como as estrelas que, a distancia, parecem congelar a luz. Não era uma luz firme e muito alta, mas isso era o de menos por que a essa pequena luz, se seguiu outra, e aconteceu que ele viu no céu que essas duas luzes como se perseguiam e uma passava na outra. E rodeava e depois era a outra. Isso aconteceu delas se cruzarem uma se adiantar e passar da outra na mesma rota. Isso se seguiu varias vezes. Um quatro ou cinco vezes pelo menos. E bem alto no céu, essas duas luzes foram se afastando nesse jogo. Como se fossem dois passarinhos assim na primavera, perseguir assim, que se perseguem e as luzes foram andando pela calota do céu até um certo ponto. Devem ter se afastado por que ele não viu mais. Olha, Foi a luz mais estranha que esse rapaz viu até agora. Outra e eu não lembro, opa, ele não lembra. Porque ele não é uma pessoa que vê fenômenos e se deixa impressionar e talvez tenha perdido muitas maravilhas no mundo. Essa ele viu. Pode ninguém acreditar. Pode não tem nada a ver com o fenômeno dos discos voadores mas pareceu inexplicável era muito lindo de ver aquele céu bem clarinho numa noite bem estrelada num lugar muito quieto e já tarde.

Sujeito 8

Pessoal: Estória engraçada

Tem um palavrão no meio. É a mais gozada, é a mais cômica. Real, hein?

Nós tínhamos um colega que tinha saído dois anos antes de nós, lá no Técnico em

Viamão, que era chamado Alarico, é militar reformado em Uruguaiana, casou com uma filha de médico. Alarico era um sujeito assim expansivo, quando encontrava lá do outro lado da rua era : “ei como vai?!” Bem escandaloso assim! Ele tinha saído há dois anos. Nós estávamos numa aula de Inglês, numa prova de Inglês. Era uma tarde quente, as salas tinham três portas, todas as portas estavam abertas, estava muito quente. E o Alarico era enseminador artificial da Secretaria da Agricultura, ele passava lá em frente da escola seguidamente, e quando ele passava era daquele jeito dele, e a gente dizia “lá vai o Alarico”.

Um dia desses ele foi para fora e na volta passou, bem na hora que nós estávamos na sabatina de Inglês, e nós tínhamos um colega de aula, que era o Virgílio, do Espírito Santo, era baixinho e cabeludo aqui assim, pescoço comprido e cabeludo aqui assim, o apelido dele era Joãozinho da Horta, e o Joãozinho era muito tímido, e tinha um mais tímido ainda que era o Abel. Ai, o Alarico entrou no corredor, porque tinha um corredor e uma porta no extremo que percorria todo o prédio ,e ai tinha as aulas à esquerda. E o Alarico entrou lá no extremo da porta grande e já com a boca daquele tamanho, aquele estardalhaço, onde ele entrava era assim, tava na casa antiga dele matando saudade e aí ele entrou por uma das três portas, pelas portas laterais da nossa sala. E o professor de Inglês que era o Motinha, era Jorge Mota, eram três irmãos todos eles viajantes, por sinal um excelente professor , e o professor estava de costas para a porta corrigindo a prova de alguém ali, e o Alarico chegou por trás do professor, que por trás era igual ao Joãozinho da Horta, e disse; Oh! Baixinho de m... Quando ele viu que era o Motinha ai foi um esparramo, eles não se conheciam. E o Abel Carvalho, o tímido, sentado na primeira fila, ele viu que o Alarico vinha com aquela intenção, ele conhecia o Alarico, e queria falar e não conseguia. E o João Motinha, o professor: “que , que é isso?” Sem jeito, porque ele também era meio tímido. Quem é esse? Quem é esse? Daí, nós tivemos que fazer a festa. Foi real, foi real!

Fictícia

Mas essa história de ruídos estranhos, tem histórias curiosas.

Muitas vezes a gente mora aqui, tem uma calçada aqui. A gente tá aqui muitas vezes no silêncio da noite, essa rua é barulhenta, mas quando passa, por exemplo, pessoas, moças com sapato alto é um ruído bem conhecido. E muitas vezes as pessoas com mais pressa, menos pressa também. Conforme o ruído, se identifica isso ai. E muitas vezes, muitas vezes não eu tô contando história, então vamos para a história. Um dia desses eu procurei identificar um ruído desses, porque eu tenho um mirante lá em cima, a minha veneziana. levantei, daí se notavam vários ruídos de pessoas, dava impressão que era um grupo

pequeno de pessoas. Eu procurei levantar e olhei, não enxerguei nada. Eu fiquei me perguntando, eu não acredito em assombração, mas te confesso que fiquei devendo. Só isso.

Sujeito 9

Pessoal: estória engraçada

Quando eu tinha aproximadamente 2 anos, um cidadão chegou na minha casa e foi falar com o meu pai. Sentaram à sombra de um cinamomo, e eu fiquei junto. Ele tinha um segredo a revelar e foi ao meu pai pedir orientação. Aí levou uns quantos minutos pensando como começar, as pessoas de fora, né? Daí pegou a palha, começou a trabalhar a palha, mostrou o fumo amarelinho e disse: - Compadre, eu tenho uma história terrível, preciso conversar! E o meu pai respondeu: - Então fala, meu filho. Ai ele contou uma história terrível, eu só junto. Daí passaram-se os anos, passaram 50, 60 anos, meu pai já tinha desencarnado, e eu encontrei o velhinho com 90 anos. Ele começou a se queixar da vida, eu conversei com ele, aconselhei, aquela coisa toda, mostrando para ele que a vida não era o que ele pensava, ele era materialista. Ai eu perguntei:- E aquele problema? E ele: - Mas aquele velho safado te contou? - Não, ninguém me contou, eu estava junto . Ele disse: - Não pode, tinha um nenezinho junto. Eu disse:- Era eu sim , para começar era essa situação, estava o pai sentado assim no banquinho e o senhor numa cadeira, na sombra do cinamomo. O senhor começou fazendo um cigarro de palha – eu mostrando como era. Daí, o senhor pegou colocou o cigarro na boca e não acendia, não acendia, e, contando a história, o senhor contou isso, contou aquilo. Ai, meu pai acendeu o cigarro para o senhor. Ele disse: - Então foi verdade mesmo. Há 60 anos atrás! Eu acho incrível essa história, não é engraçada, mas é incrível. Então, ele viu que não se pode falar realmente na frente de criança coisas que não podem ser divulgadas. É bom a gente gravar isso!

Fictícia

Os passos na noite... Bom, eu uma vez estava sozinho numa casa, porque viajaram e me deixaram sozinho, cuidando. Eu tinha aproximadamente 12 anos, e tarde da noite eu acordei. Pra fora, campanha, não tinha luz elétrica, e acordei com passos dentro de casa. Aí comecei a me apavorar. Como não tinha luz , e a escuridão era total, eu fiquei esperando o pior. E aqueles passos pareciam passos de pessoas. Eu fiquei apavorado, fui

me apavorando, me apavorando, me apavorando. Procurei achar o fósforo, quando eu já estava com o sistema nervoso todo alterado. Achei o fósforo, ascendi a lamparina: era um gato. Aquele passinho miúdo do gato, aquele caminhar suave dele para mim pareciam passos de pessoa de bota. Então, o pavor da criatura, o medo, a angústia, a aflição fazem com que a gente modifique tudo, perde o sistema auditivo no momento, dessa forma. Isso é uma história para guardar, que muitas vezes as coisas nos assustam tanto, que nós nos apavoremos do nada.

Sujeito 10

Pessoal: Estória engraçada

Pra mim foi um pouco engraçada. Não é assim... Um dia, este cidadão, o Alexandre, com uns 16 anos, chegou em casa furioso, batendo a porta. E eu fiquei preocupado e resolvi falar com ele pra saber o que é que estava acontecendo. E ele disse: - Pai, a gente quer namorar direito e essas gurias vem avançando na gente. E eu to furioso porque elas avançam e pensam que a gente tem que se entrega. E eu briguei com ela. Não quero mais saber dessa guria. E eu achei aquilo muito engraçado. Então foi isso que aconteceu. Aí dei uns conselhos pra ele, né. – Calma, rapaz. A gente tem que te calma, tem que entender, etecetera e tal. E procurei afirmar pra ele aqueles valores que eu procurei colocar na cabecinha dele desde pequeno, né e..., mas achei muito interessante a historinha que até certo ponto foi engraçada. Ele, nervoso que a guria tinha avançado ou pelo menos querido avançar e ele não tinha gostado nada da coisa. Esta é a historinha assim que me veio agora. É dos filhos.

Fictícia: Ruído de passos à noite

É. Tinha umas pessoas que foram à uma reunião de noite e quando saíram dessa reunião, saíram conversando. E uma delas era muito medrosa e a outra não era muito mas era medrosa também. E vinham voltando pra casa. E passavam, no caminho por um cemitério. E ao passar pelo muro do cemitério, a mais medrosa disse assim: - Tu não ta ouvindo passos atrás de nós? E a outra diz: - Não, não to. – Mas eu to ouvindo passos. Olharam os

dois pra trás . Não viram nada. Caminharam mais um pouco, o mais medroso disse pro outro: - Tu não ta ouvindo passos atrás de nós? Parece que tem gente atrás de nós. E o outro, essas alturas , que também era um pouco medroso disse: É mas eu acho que to ouvindo mesmo. Olharam pra trás de novo mas não tem nada. E o cemitério. Mas tavam no muro do cemitério. – Sabe duma coisa? Vamos aperta o passo. Apertaram o passo. Andaram ligeiro pois tavam no muro do cemitério. E da li a pouco resolveram pergunta. - Tu ta ouvindo ainda? Eu to e tu? Eu também to. –Quem sabe a gente corre? Então vamo corre. Correram duas quadras além do muro do cemitério. E os passos continuavam acompanhando a ambos. Aí pararam. Já meio de língua de fora. Olharam pra trás e viram um homem. Viram um homem e disseram assim: - Ai , que alívio. Viram um homem normal. – Que alívio. Ainda bem que o senhor ta aqui com a gente. A gente tava assustado . – Mas assustado do que? Diz o outro. - Não. É porque a gente tem muito medo de morto. Aí ele disse assim: - Eu quando tava vivo também tinha muito medo de morto.

Sujeito 11

Pessoal: Estória engraçada

Nós sempre íamos numa senhora buscar a minha irmã. A minha mãe tava aqui em casa também e nós nos comprometemos de buscar a minha irmã na casa de uma senhora. E o marido dela tava mal e a gente chegava lá e perguntava aquilo tudo . Chegamos e eu perguntei: - E o seu marido, como vai? Aí a Morena me deu um beliscão. Ela tava toda de preto. O marido tinha morrido e eu não tinha me dado conta. Aí, a senhora que disse: ah, o meu marido morreu e se pôs a chorar feito louca. A minha irmã quase me matou. Inda ontem ela tava me contando essa mesma história.

Fictícia: Visão de uma luz estranha

Uma ocasião, posso contar como se fosse eu? Uma ocasião eu e o meu marido, nos íamos viajar no dia seguinte. E chegou de noite ele resolveu que ia sair naquela noite que ia cair um temporal e saímos de carro. Naquela época as estradas eram muito desertas. E aquilo , escuro , escuro e aquela noite preta e os relâmpagos , e ai, de repente eu achei assim: lá esta um disco voador. Naquela época falavam muito em discos voadores iam chegar e eu fiquei loca de medo. E nos fomos caminhando e daqui um pouco quando chegou num lugar foi aquele clarão na frente da gente e eu dei um grito. O Sebastião parou. E no final , era

um animal que passava com os olhos brilhando e nos levamos o maior susto.

Sujeito 12

Pessoal: Estória engraçada

Nós nos casamos né, então eu gostava de fazer brincadeiras. Eu gostava de mexer e fazer brincadeiras de pregar peça no outro e tal, né. Uma vez o Delmar chegou e eu me escondi abaixo né atrás da escrivaninha do quarto que era um escritório nosso. E tá, quando o Delmar chegou, veio acompanhado de umas pessoas que não sei se iam pintar ou arrumar alguma coisa, eu me levanto, mas foi um vexame por que eu to ali abaixada e ele com o trabalhador assim, para pintar alguma coisa ou arrumar um móvel, e eu me levanto né, e tive que disfarçar “ah eu estava aqui mexendo em alguma coisa” mas não, eu queria era dar um susto, que eu estava escondida em baixo da mesa e levantei de repente. E passei uma vergonha daquelas. Tive que disfarçar, contar: “ estava mexendo aqui, procurando” mas era pura mentira. Então até hoje a gente faz essas estórias: as vezes eu me escondo assim. Procuram, procuram e não acham. Mania de se esconder pra pregar uma peça e dar um susto no outro. Então essa bobajada a gente continua a mesma coisa depois de 40 anos. De vez em quando isso acontece.

Fictícia: Ruído de passos à noite

Era uma vez, um casal que morava numa casa. Tinham filhos já adolescente, mocinhos, assim né, E tinham... se davam muito bem com toda a vizinhança
Mas a gurizada essa gostava de pregar peça. Então resolveram um dia dar um susto nessa senhora. Ela era gorda, assim, reforçada. Entraram bem devagarzinho no quarto do casal, já tinham levado umas roupas preparadas pra encher um casaco, assim, umas calças, uns chinelos assim, colocaram e a cabeça, tamparam com o travesseiro. Então eles deixaram aquilo encostado na parede na qual a cama estava encostada. Ai então quando essa senhora chegou para trocar de roupa, de noite, tirar o sapato, e se deitar, quando ela se virou, ela olhou e viu aquele vulto e começou a gritar pelo marido. O marido veio correndo, fazendo um barulhão arrastando coisas, derrubando cadeiras, aquela coisa toda, até que chegou. Quando viu o vulto, voltou, foi até a cozinha, pegou a faca, e vinha assim, e batia, e dizia:” Te mexe bandido, sai daí bandido”, né. E ela gritava, e se exclamava: “Que horror, não vai matar o homem!” , não sei o que e tal. E a gurizada que tinha feito isso, tava tudo

rindo num corredor que tinha do lado. Quando viram que eles descobriram que era roupa, logo disseram: “Só pode ser os fulano, os companheiro do meu filho que tão fazendo isso.” Aí eles saíram correndo para a rua, e eles quando viram que o pai vinha saindo, que o senhor da casa vinha saindo, começaram a correr, então eles ouviam os passos e aí a senhora essa foi por traz e o seu Joaquim veio pela frente, trancou o portão e passou um enorme dum xingão neles, por que eles fizeram barulho.

Sujeito 13

Pessoal: Estória engraçada

Essa que eu vou contar foi no hospital. Como eu visito todos os doentes, converso e oro com eles, quando necessário. Eu encontrei um doente, quando eu entrei, estava a mãe dele sentada na cadeira, era um senhor moço ainda. Faz um bocado de anos isso! Bom ai nós conversamos, daí ele pediu para eu fazer uma oração por ele, daí eu fiz. Ele disse assim: eu já vi que a senhora é viúva (eu estava com as duas alianças ainda no dedo) , eu estou construindo uma casa, está quase pronta, a senhora quer casar comigo?

Fictícia: Ruído de passos à noite

Porque eu moro num edifício, é muito comum eu acordar à noite com algum ruído estranho, um ruído que não é comum no edifício. Certa noite, eu acho que, aproximadamente às 11 horas da noite, eu já tinha dormido o primeiro sono da noite, eu ouvi uns passos no corredor. Mas não eram passos de alguém que vinha ou de alguém que saía, era alguém que parou exatamente na minha porta. Claro que no primeiro momento eu fiquei um pouco assustada, achei estranho, a porta do prédio fica sempre chaveada, tem a campainha, eu acredito que seja uma pessoa aqui mesmo do edifício e como eu me dou com todos aqui no edifício, eu perdi o medo.

Sujeito 14

Pessoal: Estória engraçada

Uma vez nós estávamos em Cidreira, então tinha sorteio, havia sorteio. A gente tinha que escolher os números, cada uma tinha um número, e eles rodavam (como é que chama aquilo que roda assim?) , e eles rodavam o aparelho e parava num número. Ai, tinha uma prima nossa, uma moça que morava lá em casa, e ela tinha escolhido o número 13. Ninguém sabia que ela tinha mudado de número e quando chegou, parou o aparelho o ponteiro parou entre o 12 e o 13. O homem disse 12, e a minha irmã disse: não, é 13. Ele disse “é 12”, ela disse “não, está mais perto do 13”. Daí ele disse tá bom minha senhora é 13, me dê o papelzinho. Daí a minha prima disse: Não, troquei, eu não tenho o 13. Essa é uma história que eu participei. Tem muitas outras, mas agora eu não me lembro.

Fictícia: Ruído de passos à noite

Uma vez... eu ia caminhando, comecei a ouvir ruídos de passos atrás de mim. Quando eu parava, os passos paravam também. Eu seguia olhando para frente, não queria olhar para trás. Eu disse:- Ué, alguém está atrás de mim. Mas eu não quis olhar para trás, segui caminhando. Fui indo, indo. De repente, eu me virei e era um, um guri, um moleque que vinha atrás de mim. Eu disse: O que que foi? Ele disse: Nada, como nós vamos pelo mesmo caminho e é uma estrada e a senhora vai fazendo sombra e eu vou pegando a sombra aqui atrás.

Sujeito 15

Sujeito 16

Pessoal: Estória engraçada

Meu bisneto, ele me chama de vó, eu não sou vó dele. Aí, ele chegou na outra vó, no outro dia ele acordou na outra vó e queria a vó. Daí, a vó dele se apresentou cheia de glória, que ele a recém está falando, e ele dizia: - Não, não quero, eu quero é a vó. E a vó era eu. Eu achei engraçadíssimo, porque, afinal, eu não sou a avó da criança. A vó legítima era outra, mas ele queria era eu. Para mim isso foi gostoso, foi engraçado.

Fictícia: Visão de uma luz estranha

Então, estava eu de noite, no escuro, de repente eu vi uma visão. Pensei que era um fantasma, fiquei apavorada, achando que era um fantasma. Mas não era nada disso era guarda que estava passando com a lanterna.

Sujeito 17

Pessoal: Estória engraçada

Eu tinha, eu acho, uns 9 anos e eu fui para a casa de um casal, amigo do meu pai, eu me dava muito com as filhas dela. E aí nós fomos tomar um banho, e eu entrei no banheiro e me lembrei que esqueci não sei o que e sai. Eu estava pelada, e a mãe da guria ficou me olhando assim, daí me dei conta de que eu estava pelada. Mas eu distraída, saí porta a fora. Aquilo pra mim foi uma coisa, e ela achou engraçado também.

Fictícia: Ruído de passos à noite

Um dia subindo a lomba do cemitério, lá pelas tantas a gente tinha que atravessar para ir lá para o lado da Glória. Então, a gente vinha subindo, lá pelas tantas a gente viu um vulto, um barulho de calha, todo mundo ficou apavorado, aí voltou, aí não subiu. No outro dia de manhã, a gente foi olhar o que que era, era um burro que estava amarrado ali. Todo mundo que passa no cemitério vê um vulto, escuta um barulho fica apavorado.

Sujeito 18

Pessoal: Estória engraçada

Antigamente, eu tinha, quando eu era mais nova, eu tinha umas amigas, antes de me casar, quando eu era mocinha, tinha uma família que eu me dava muito. Eu sempre fui, eu sou até hoje muito brincalhona. Então, tinha uma das minhas amigas que tinha um noivo, eu mexia muito com ele. Quando eu mexia com ele, eu costumava, eu batia, eu sacudia ele. Um dia eu vinha descendo a Av. Borges e ele ia subindo. Eu pensei: Olha só o Milton, agora eu vou mexer com ele, vou chegar por trás e vou apertar ele. Aí eu dou a volta, vou

por trás dele e seguro ele. Quando eu seguro ele, não era ele. Era outro homem estranho, eu não sabia. Então, foi um fato que eu nunca esqueci, porque eu não sabia o que dizer pro homem. O homem disse:- Que é isso, me agarrando em plena rua? Eu disse: - “Tu parece muito com o noivo de uma amiga minha, eu costumo brincar com ele assim, às vezes eu corro atrás dele, eu assusto ele”. A minha intenção era de assustar o Milton, acabou acontecendo eu pedi desculpas para o homem e segui. Foi um fato que eu nunca esqueci, porque foi marcante.

Fictícia: Visão de uma luz estranha

Tá... Eu também que gosto, que gostava de a noite ver filme de horror no cinema, na televisão. Então, eu vivia vendo aqueles filmes de horror, e eu , às vezes a minha filha deitava, (é um fato inventado, tem um pouco de inventação, mas também tem um pouco de realidade), a minha filha ou o meu falecido marido costumava se deitar, e eu ficava na sala vendo aqueles filmes de horror. Meu marido disse: - Um dia tu vai acabar te assustando muito, porque tu vê cada filme, que eu que sou homem não gosto nem de ver, nem quero ver, senão eu vou dormir e vou até sonhar com isso aí. Eu respondia: - Eu não, eu não tenho medo! Um dia eu estava vendo um desses filmes na televisão, numa hora, eu não gosto de morto que assim eu já fico meio preocupada, que aparecia aquela visão, aquela alma , e a minha cadeira balançou, que eu tava meio dormindo, e parecia que aquilo que eu estava vendo na televisão, estava acontecendo na minha sala. Ai, eu levei um susto e sai gritando de madrugada. Então, foi um fato engraçado também, que não foi bem assim, mas foi meio assim.

Sujeito 19

Pessoal: Estória engraçada

Ele é como se fosse meu sobrinho, me chama de tia e tudo, tem a idade do meu filho, ele teve uma namorada, que teve uma filhinha. E a mãe não quis saber da menina, deu para eles criar. Eles estão lá atendendo, cuidando da menina, e ela é muito engraçadinha, ela está com 4 anos. Agora, eles estiveram na Alemanha, foram na casa da minha prima, que seria como se fosse minha sobrinha. Lá ela viajou para Alemanha, França, uma série de coisas, e ai ela voltou agora e ela está no coleginho, elas iam fazer uma apresentação de Ballet, no dia dos pais, e ai antes da aula a professora disse:- Vamos todos fazer uns exercícios, para ficar bem bonitinho, vocês chegarem ali se portarem bem direitinho, fazer

uma expressão corporal, vamos todas ficar direitinhas, não fiquem corcundas, senão vão ficar igual ao Corcunda...

Daí, ela disse: - Corcunda de Notre Dame. Ai a professora disse:- É, mas isso é outra história, porque vocês nem sabem aonde fica o Corcunda de Notre Dame. Ela disse:- Eu sei, fica lá na igreja. E explicou direitinho onde era. Daí a professora disse assim:- Ah! Ela está enganada. Ela disse assim: - Não, mas eu sei direitinho, eu estive lá na igreja. E as outras ao invés de irem se apresentar vieram todas correndo atrás dela para ela contar. E a professora que queria ver se acabava com aquela história disse: - Então, tu vai me dizer onde está aquela torre que está torta lá. - Não, não está tão torta, porque já estão endireitando um pouquinho. Ela disse. Daí, a professora disse:- Ah! Isso fica lá longe, tu nem sabe. - Eu sei sim, professora, fica lá em Piza, eu já estive lá. Tava na hora de se apresentar e ninguém queria ir para o palco se apresentar, porque queriam ver a história que a Bianca estava contando sobre o Corcunda de Notre Dame, a Torre de Piza e não sei o que mais. Diz que acabou com apresentação delas, porque toda gurizadinha ali em volta querendo saber a história dela. Não sei se foi tão engraçado, mas lá na hora foi.

Fictícia: Ruído de passos à noite

Nos fins de semana que eu vou passar na casa da praia, quando chega a noite tem um problema muito grande, que eu ainda não resolvi: Eu sempre escuto passos. Penso que é ladrão que está lá e procuro olhar, mas não via ou até por medo eu não ia olhar.

Mas numa noite eu abri a janela do banheiro e olhei em direção aonde eu via esses barulhos, e era um gambá que estava passando, que passa, ele vai e volta. Diz o meu vizinho do lado que ele também passa da casa dele e vai para as outras casas. Daí, o meu marido diz que não vai tirar o gambá de lá, que ele não vai levantar da cama para ir lá matar um gambá. Eu então tenho, é um desespero meu, porque eu deito com a sensação de que o gambá está ali (sensação não, ele está ali), mas que ele possa vir para a minha casa. A minha casa não tem telhado como outro, ele não tem por onde passar para a minha casa, que o telhado é diferente. Mas eu não sei como tirar aquele gambá de lá, e cada vez que eu tenho de ir para lá, quando chega a noite é um terror! Porque a gente tem a sensação de que são passos de pessoas caminhando, andando.

Sujeito 20

Pessoal: Estória engraçada

Eu fui almoçar e como eu to com um problema dentário, eu tenho uma prótese e estou fazendo... assim, tratando os dentes, né. Mas a ponte móvel que eu tenho em cima, ela cai. Se eu to comendo, ela desce. Então eu estava almoçando junto com outra colega do CELARI e quando ela caiu, disfarçadamente, eu tirei e botei no guardanapo, né, e pus embaixo do meu prato, assim, do ladinho, né. Então segui comendo, tudo bem. Quando nós terminamos de almoçar, a garçonete veio e tira a bandeja. Ah, eu me desesperei, fiquei desesperada: “Moça! Me traz aqui essa bandeja, que eu quero tirar esse guardanapo!” “Eu lhe dou outro.” E eu digo: “Não, não, me dá esse aqui! É esse que eu quero!” Agora tu já imaginasse se ela tivesse posto na lixeira? Tu não acha que é uma coisa engraçada?

Fictícia: Ruído de passos à noite

Alguns anos atrás, eu estava dormindo quando de repente eu acordei com passos, tá. E fiquei cuidando pra ver o que era, se era só um animal, alguma coisa e fiquei bem perturbada. Fiquei bem preocupada. Aí fiquei acordada com a luz apagada, mas sempre com o ouvido prestando atenção, assim, no que era. Mas daí depois eu ouvi um miado então eu cheguei a conclusão que era gato, né. Que estava caminhando no forro da minha casa. E realmente ao amanhecer eu mandei um senhor subir no telhado, verificar o que era. Era uma gata que tinha dado uma ninhada de gatinhos. Tá, é isso aí.

Narrativas dos jovens

Sujeito 1

Pessoal: Estória engraçada

Eu durmo, eu divido o quarto com uma outra guria, né. Então a minha cama é como se fosse aqui onde eu tô sentada e a porta do banheiro é bem aqui, né, que é uma suíte. Aí teve um dia de noite que eu acordei com ela caindo em cima de mim! E eu: “Ai!”. E ela: “Ai Evelyn, que droga, eu não consigo achar a porta do banheiro!”. E ela táva semi acordada. E eu: “É pro outro lado”. Só que em vez dela ir pra lá ela virou pra cá e tropeçou numa coisa. Aí eu: “Ô Camila, tu bebeu?”. E ela: “Ai que droga”. Daí eu: “É aqui ó” e peguei o braço dela e levei ela. Aí no outro dia ela acordou rindo, assim, mas ai... foi muito idiota. Essa era a estória.

Fictícia: visão de uma luz estranha

Imagina assim: uma guria sozinha em casa. Porque tu só tem medo quando tá sozinha, porque quando tu não tá sozinha, tudo é normal. Como a gente precisa, né, de outra pessoa pra se garantir... em todos os sentidos, eu acho. Não, ãh, imagina assim, ó: uma guria sozinha em casa e faltou luz, né, e ela... faltou luz durante uma noite lá, e ela tentando e pegava a lanterna e botava as pilha e não ascendia e colocava e girava e não ascendia. E aí ela deixou lá num canto e... um ou dois dias, ela vai dormir e ela apaga a luz do quarto, ela dorme com a porta aberta e tudo bem... E de repente surge uma luz, simplesmente. É óbvio que foi a lanterna que, exatamente naquela hora, as pilhas deram contato. Mas ela se apavora e faz um escândalo e ela vai tremendo, no caso, porque eu iria, né, por toda, né, me abalando lá. Aí eu sei que é essa a estória, né, é uma estória cômica, né, porque ela iria lá assim... imagina ela entrando no quarto e quando ela fosse olhar ela diria “Ah, era a lanterna! Como eu sou idiota...”. E é essa a estória.

Sujeito 2

Pessoal: Estória engraçada

Aconteceu eu acho que eu tinha uns 6 ou 7 anos e a gente táva na colônia de férias, lá. E cada família ficava num apartamento, né. Aí o nosso apartamento era um e tinha vários outros iguais. E eu saí prá brincar, meu pai e a minha mãe ficaram. Saí do apartamento. Aí quando eu voltei eu não lembrava o número do apartamento e eram todos iguais. Então eu entrei num que eu achei que fosse o meu apartamento e pensei “Ai, parece ser”. Aí quando eu olhei eu... táva o banheiro assim dormindo e de repente eu me acordo, eu vejo uma luz estranha, e eu não sei de onde vem. E eu vejo, assim, pela fresta da minha janela, né. E penso: “De onde é que tá vindo aquela luz?”. E tava sozinha. E já fico assustada, né. E eu não entendo como é que aquela luz tá entrando pela fresta da janela. E eu vou dormir. Fecho os olhos, mas não consigo dormir. Aí, já que eu perdi o sono, tô assustada, eu resolvo ir até a rua pra ver de onde vem essa luz. Porque eu via que tava passando a luz por aquela fresta e não tinha sentido. Aí quando eu chego na rua... depois também de muito

pensar se eu vou pra rua ou não vou, né. Mas como tavam os cachorros lá fora, eu vou sem medo. Porque eles tão lá pra ajudar. Aí é aquele... aquilo... como é que chama? É uma luz que reflete, aí eu não sei o nome daquilo, meu Deus...são holofotes, aquelas luzes quando tem show e ficam aqueles facho de luz na cidade. E táva pegando aquilo na minha janela!

Sujeito 3

Pessoal: Estória engraçada

Quando nós éramos crianças, a gente foi andar nos cômodos: eu, a minha irmã, o meu irmão e um amigo. Nós fomos... isso era na praia, acho que era Jardim Atlântico, não lembro bem. E aí nós fomos. E o nosso amigo esse disse que sabia o caminho, então nós fomos indo, fomos entrando assim, fomos, fomos, fomos e chegou uma parte que não tinha nada, eu só via areia. Aí ele resolveu dizer que ele não sabia como é que se voltava. E nós éramos pequenos, sei lá, eu devia ter uns 8 anos. Então a gente completamente perdido, né, e apavorado. Porque a gente táva há um tempão caminhando. A gente tinha caminhado tipo umas 2 horas e já táva escurecendo. E a gente começou a olhar em volta e tentar ver um lugar que a gente fosse achar que fosse uma casa, assim, daí alguém viu uma coisa que a gente achou que fosse o telhado de uma casa, ou algo assim. Aí resolvemos ir naquela direção. E daí, daqui a pouco a gente vê a minha mãe e a mãe desse menino correndo na nossa direção. Daí a gente: “Ah, que bom que vocês nos acharam!”. E daí a gente viu que elas távam correndo dum cachorro. Porque no começo, as duas távam numa construção e parece que o pessoal da construção soltou o cachorro atrás delas, até hoje eu não entendo muito bem. E elas morriam de medo de cachorro, a minha mãe ainda mais, assim... Então elas saíram correndo e nos encontraram. Elas não tinham ido pra isso, mas nos acharam. Então a gente teve que, além de ir na direção das casas, fugir do tal cachorro, que a gente não sabia onde ele táva, se ele podia nos alcançar. Isso aí foi uma estória engraçada.

Fictícia: Visão de uma luz estranha

Eu tava dormindo e de repente eu me acordo, eu vejo uma luz estranha, e eu não sei de onde vem. E eu vejo, assim, pela fresta da minha janela, né. E penso: “De onde é que tá vindo aquela luz?”. E tava sozinha. E já fico assustada, né. E eu não entendo como é que aquela luz tá entrando pela fresta da janela. E eu vou dormir. Fecho os olhos, mas não consigo dormir. Aí, já que eu perdi o sono, tô assustada, eu resolvo ir até a rua prá ver de

onde vem essa luz. Porque eu via que tava passando a luz por aquela fresta e não tinha sentido. Aí quando eu chego na rua... depois também de muito pensar se eu vou prá rua ou não vou, né. Mas como tavam os cachorros lá fora, eu vou sem medo. Porque eles tão lá prá ajudar. Aí é aquele... aquilo... como é que chama? É uma luz que reflete, aí eu não sei o nome daquilo, meu Deus...são holofotes, aquelas luzes quando tem show e ficam aqueles fachos de luz na cidade. E táva pegando aquilo na minha janela!

Sujeito 4

Pessoal: Estória engraçada

Tem dois amigos na engenharia que eu e a minha amiga ficamos olhando sempre. E a gente fica meio traçando o perfil dos guris, porque a nossa distancia é de uma mesa, assim. Mas faz três semanas que isso acontece, então. Aí assim: um detalhe que a gente descobriu que um dos guris tira o sapato embaixo da mesa e fica com os pezinhos abanando prá pegar um arzinho... Daí a minha amiga é muito es... bah, ela é muito escrota. Ai, eu falei palavrão! Não, ela não eh escrota... Não, aí o guri foi botar os tênis dele e botou o dedinho assim, como tu bota atrás do sapato. Aí ela disse que imaginava o cheiro do dedinho e disse: Bah, agora eu vou olhar prá ver se ele bota o dedo prá dar uma cheirada. Bah, na hora foi muito engraçado. Pela questão de tentar construir... porque a gente fica rindo dos guris.

Fictícia: Ruído de passos à noite

Olha, isso aconteceu hoje de noite. Mas eu não ouvi passos, eu ouvi... bah, olha, sem alucinações! Eu ouvi batidas, assim. Levantei, fui pro banheiro fazer xixi e aí já dei uma olhada. E aí eu voltei pra cama e fiquei pensando que se isso acontecesse assim ha uns dez anos atrás, eu ficaria com pânico, seria um terror. E eu fiquei surpresa de ter acordado assim, na maior naturalidade, levantado sozinha, ter olhado a casa e ter voltado pra cama. Foi uma estória, foi um fato.

Sujeito 5

Pessoal: Estória engraçada

Estória engraçada é sobre as coisas que eu perco, que eu sou dono de perder as coisas. E o que eu mais perco é a minha carteira. Eu ando com a minha carteira na mão, que eu não gosto de botar no bolso, porque a carteira entorta, né? Então eu sempre levo a carteira na mão. Aí um dia eu ia pra praia, era uma sexta-feira. Era verão, nos tava indo pra praia. E eu ia de carro, né. Ia eu, a minha irmã, a minha namorada e a empregada ia junto. Ta, aí a minha mãe me deu a chave. Nos almoçamos na minha vó e a minha mãe me deu a chave do carro. E aí a minha vó disse: - Ah, pega um negócio pra mim no centro antes, lá na GBOEX, lá que é o seguro. E eu: - Ta, tudo bem. Aí eu fui ate em casa e disse: Bah, lá no centro é impossível de estacionar. Vou de ônibus - aí acho que era umas duas, duas e meia - no máximo às quatro estamos saindo daqui. Aí tá, né, deixei a chave em casa. Só que quando eu tava no ônibus, indo pro centro, eu vi que, junto com a carteira, tava o documento do carro. Daí eu levei o documento do carro pro centro. cheguei lá, paguei o negocio. Aí eu to voltando.... aí to esperando o ônibus, né. Aí eu: -Bah, bem que podia passar uma lotação que passasse na frente da minha casa. Dai passou a lotação que eu nem sabia que passava lá - Alto Teresópolis - aí eu: -Bah, é essa mesmo! Aí, tá, toda vez que eu pego lotação eu fico pensando assim, ó: -Quando chegar perto - eu tinha milhares de moedas né - aí, eu: -Antes de chegar perto, eu vou pegar as minhas moedas. Mas a gente nunca faz isso, né? A gente sempre fica em cima e daí tem que pegar rápido assim. E era 1 e alguma coisa. Aí eu comecei a juntar as moedas e tinha muita moeda quebrada: de 10, de 5...À Só uma era de 25. Aí eu peguei, daí eu, bah, to com todas moeda na mão e a minha carteira e o cara passando na minha rua e eu: É aí, é aí! É nessa esquina! E ele pisa no freio e eu atiro todas as moedas no chão. Aí, quando eu fui juntar as moeda, daí tudo que eu enxerguei eu juntei, né. Aí olhei assim, e não tinha nem a metade do que eu tinha de dinheiro. Aí eu tirei 2 reais, dei pro cara e o cara me devolveu. Aí eu peguei a minha carteira e saí. Quando eu saí, primeiro, os meus 1,50 que eu tinha juntado em moeda eu devia ter uns 50 centavos. Dos 2 reais que o cara tinha que me dar 50 centavos, o cara me deu 40... e os documento do carro partiu em dois, assim ó, e eu só fiquei com uma metade. E com a metade de costas, assim ó. Aí uma metade é os documento e a outra metade só papel, cartão de seguro com número pra telefonar. E eu olhei e pensei: -Qual será a metade que eu fiquei? aí eu olhei: -Ah, fiquei com a metade do seguro do carro... Aí eu vou correndo em casa assim. Todo mundo pronto, com a casa toda fechada. Aí eu cheguei e o pessoal: -Aí, ate que enfim que tu chegou, vamo embora! Aí, eu: -Não vamo embora, eu esqueci os documento dentro da lotação! Aí elas: Ai retardado! E eu parado assim: Ta, e

agora? O que que nós vamo fazer? Aí a minha irmã: -Sei lá, liga pra alguma coisa, não fica parado! Aí eu: -Sei lá o que que eu vou fazer cara! Peguei a lista telefônica . Aí eu vi LOTAÇÃO. Aí telefonei pro numero lá e o cara: -Ah, não, tu tem que telefonar pro numero da linha. -Tá, então me dá o numero da linha Alto Teresópolis. Daí ele me deu o numero. Dai eu liguei pra lá e ele assim: -Olha, a lotação não para aqui, ela faz o retorno e eles nunca descem aqui, então provavelmente o cara não vai descer pra entregar o documento. Se tu quiser que ele entregue, tu vem ate aqui. Aí eu: -Bah, vou lá, de repente a gente ate pega ele no caminho. Porque eu estudava no João 23 e a lotação passa por ali, então eu sabia o caminho. Aí eu peguei o carro sem documento e fui a toda, né. E eu: -Bah, a única chance que eu tenho de alcançar o cara. Aí quando nos tamo subindo a Sepé Tiaraju, eu: -Ó a lotação ali ó! A Alto Teresópolis! Aí nos fomos, fomo atrás dela. E aí chegou numa rua de duas mãos e eu fui na contramão pra ver se eu olhava pro motorista. Aí eu olhei assim e eu: Puta, não é a lotação. E aí vem vindo outra em sentido contrario e eu fiquei olhando, né. Aí quando passou eu: É o cara! Aí eu dei um retorno na Sepé Tiaraju, no meio da lombada! E eu buzinando atrás do cara que nem um louco e ele nem olhava. E a minha namorada assim: - O cara acha que tu é louco, por 30 centavos tu tá atrás dele! O cara não vai parar nunca! E eu fazia assim: -Pára, pára! E o cara tri sério, nem olhava pro lado. Aí eu entrei na frente da lotação e freei o carro e aí a lotação parou, aí ele m -Putá, não é a lotação. E aí vem vindo outra em sentido contrario e eu fiquei olhando, né. Aí quando passou eu: É o cara! Aí eu dei um retorno na Sepé Tiaraju, no meio da lombada! E eu buzinando atrás do cara que nem um louco e ele nem olhava. E a minha namorada assim: - O cara acha que tu é louco, por 30 centavos tu tá atrás dele! O cara não vai parar nunca! E eu fazia assim: -Pára, pára! E o cara tri sério, nem olhava pro lado. Aí eu entrei na frente da lotação e freei o carro e aí a lotação parou, aí ele me olhou - eu não falei nada - ele pegou os documentos e me entregou. E eu: Ai que cara sacana, ele sabia que ele tava com os meus documento. Aí eu peguei e saí. Quando a lotação arrancou eu: Bah, eu devia ter pedido os meus 30 centavos.

Fictícia: Ruído de passos à noite

Era uma mulher, de noite, em Londres e tinha um fumaça, o foggy. E ela ouvia passos. Toda vez que ela voltava pra casa tinha passos atrás. E ela tinha muito medo disso, porque todo dia ela nunca olhava pra trás. E isso foi um tempão assim, né. Sempre assim, né: ela começava a ouvir no mesmo lugar e terminava de ouvir num mesmo lugar. Aí, sei lá, passou mais de um ano e ela ouvindo todo dia a mesma coisa, todo dia a mesma coisa. E

ela chegou num estagio que ela não tinha mais como agüentar o medo e ela começou a parte que ela tinha que caminhar. Aí ela caminhava mais rápido. E não tinha um outro lugar pra ela ir, era o único caminho. Aí, toda vez que ela caminhava mais rápido, ela via que os passos também começavam a ir mais rapidinho. Aí um dia ela resolveu que quando ela começasse a ouvir os passos, ela iria sair correndo, pra ver se ela parava de ouvir, se ela corresse mais rápido que o cara, ou sei lá o que era. Dai no primeiro dia ela ainda ouviu os passos assim, mas ela sentiu que os passos foram para trás. Aí um dia, antes dela começar a ouvir, ela saiu correndo. Quando chegou perto de começar a ouvir os passos, ela saiu correndo. Aí bem no ponto que ela parava de ouvir os passos, era num beco escuro, assim. Aí, normalmente ela parava de ouvir, né. Aí ela ouviu um passo e não ouviu mais, assim. Como se tivesse ficava pra trás assim. Quando chegou naquele beco, ela parou de comer porque normalmente era onde ela parava mas aí no meio do beco saiu um vulto assim e matou ela! E acabou a estória.

Sujeito 06

Pessoal: Estória engraçada

Tá, é assim: é que "get" em italiano e' "tem" ou "temos". E "guemo" e' "sim, temos". Aí duas vizinhas minhas lá de Erechim, quando eu morava lá... Uma morava embaixo do morro e a outra morava em cima do morro. Ai' elas se comunicavam a grito assim, sabe. E a que morava em cima fazia cuca, pão e tal. E a outra trocava, comprava com ela e tal. Aí um dia diz que chegou um padre. E chegou na casa da vizinha de baixo. E aí a vizinha toda... quando chega padre servem tudo do bom e do melhor: vinho, tudo que tiver de bom na casa e ate' o que não tem eles servem. Ai' a vizinha: "Bah, não tenho nada em casa. Vou falar com a minha vizinha pra comprar uma cuca". Só que eu to contando tudo em português. Em italiano ficaria muito mais engraçada, mas tudo bem. Ai' ela saiu assim, longe, assim. E gritou na área dela pra outra vizinha: "vizinha, cuca get". E a outra vizinha: "Sim, sim, cuca guemo"!

Fictícia: Visão de uma luz estranha

O pessoal foi pescar num lugar, na barranca dum rio, assim. E... só que aquela noite não tava com peixe, era um lugar que não tinha muito peixe. Só' que tinha nessa região a estória de um grande dourado, que e' um peixe enorme que tem, sabe, tem dourado ate de setenta quilos, tem um cabeção assim e e' um peixe carnívoro de água doce. E tinha a estória de um dourado que comia mão de pescador assim e tal, né. Até, lá na região o pessoal pescava dourado com uma linha de aço, que se e' com uma linha normal ele róí. E a primeira coisa tu faz quando tu pega um dourado e' dar uma martelada ou ate um... ate tiro o pessoal da, que e' um peixe enorme mesmo. Meu irmão tinha ha uns tempos um dourado. E e' peixe de água doce, tu vê... em mar que da peixe grande. Aí o pessoal táva pescando e tal. Tá, e via assim sair da água uma luz, assim. E achavam estranho, assim e tal. Só que aquela luz aparecia no meio do rio, há uns cem metros, assim. E no meio tinha aquela luz estranha, assim, de novo, sabe. E vinha, e vinha, e se aproximava e voltava. E sabe como é que é pescador, pescador morre de medo dessas coisas. Pescador tem medo, ainda sai a pescar. E pescaria não existe sem muita bebida, sem bastante comida... e comida, só churrasco, né. Daí um deles viu aquela luz. E daí, achou: “Não, eu bebi muito, tô imaginando isso”. Aí dali a pouco o outro olhou e a luz veio pro lado dele e voltou, assim. E ele: “Mas o que que é isso? Não, não...” .E olhou e táva do lado e ele: “Não, não. Eu bebi muito, isso aí deve ser imaginação, não é...”. Aí o outro viu aquela luz e olhou pros outros dois e os outros dois não falaram nada, assim. E ele: “Ah, não... isso aí acontece, eu bebo muito e tal...”. Aí o terceiro assim – e o terceiro não tinha bebido. E no que a luz apareceu ele já gritou: “Meu Deus! O que que é aquilo?”. E os outros olharam e disseram: “Ah, achei que era só eu que tinha visto!” E aí eles: “Ah, acho que vamo embora, né?”. E eles: “Tá, vamo embora, não vamo arriscar...”. Aí eles foram embora. Na outra noite, voltaram lá e de novo, a mesma coisa: a luz vinha pra perto deles e tal, não sei que lá. E daí que um teve a feliz idéia de no último dia armar uma rede, pra ver se tinha alguma coisa, né. Tá e daí armaram a rede do lado deles, assim. E quando a luz surgiu de novo e veio pro lado deles e parou, aí ficou na rede. E eles foram ver. “Meu Deus! O que que é isso?”, e tal... Mas nem quiseram ver, de noite, o que era. E deixaram ali. No outro dia de manhã, foram ver e era um enorme dourado que tinha engolido uma lanterna.

Sujeito 7

Pessoal: Estória engraçada

Os meus pais tem o costume de, antes de dormir, fazer palavras cruzadas. Então tinha uma que dizia "a vogal do pingo". Tá, aí a minha mãe já se prontificou, né, prá botar "i". E o meu pai não se deu conta e disse: "E agora? É o "i" ou o "o"? E ele não se ligava e perguntava. E ela: "É o "i", pô!". E ele: Ah, por que? E ela: "Porque a única que se escreve com pingo é o "i"!"

Fictícia: Visão de uma luz estranha

Teve um dia que eu táva voltando de uma festa, 3 ou 4 horas da noite. Aí táva todo mundo dormindo e eu fui deitar e tal. Apagava a luz do quarto e táva meio claro, assim. E eu ficava vendo um reflexo na janela, na grade. Daí tinha uma luz se movimentando, assim. E parecia um radar, assim, se movendo. É isso.

Sujeito 8

Pessoal: Estória engraçada

Na escola. Eu comecei a dar aula e aí eu fui arrumar o vídeo, né, que eu ia passar uma coisa. Aí eu fui caminhar, assim, tropecei num banco e caí, não é. Caí no meu primeiro dia de aula, assim, né. E foi o maior mico que eu paguei. Foi mais ou menos isso.

Fictícia: Ruído de passos à noite

Eu posso dizer assim: um jovem, adolescente, que andava pela noite, ouviu barulhos de passos. E, ao se virar, em vez de ver uma pessoa, via uma luz estranha. E aí, voltava a caminhar e voltava a ouvir os passos. E sempre via a luz estranha. Aí foi pra casa. Chegou em casa, viu que ele não sabia dar uma explicação pr'aquilo ali. O que que táva acontecendo? E aí que isso tinha acontecido... Aí um colega dele disse que isso também tinha acontecido com ele na mesma rua. E aí os dois resolveram investigar isso, cuidando na noite, pra ver se isso acontecia pra outras pessoas que passavam na rua. E aí eles foram ver que nada mais era do que um menino que ficava escondido atrás de um muro, fazendo barulho de passos e, quando as pessoas iam olhar pra trás, ele ascendia uma lanterna!

Sujeito 9

Pessoal: Estória engraçada

Uma vez, foi em 95. Eu táva num acampamento de escoteiro e a gente tinha um garrafão de vinho, da concentração que a gente ia fazer. Aliás, era um feriado de páscoa. Tinha umas três ou quatro pessoas, e a gente pegou o garrafão escondido. Tá, daí a gente tomou um pouquinho, né. Aí, tá, a gente tomando, né. E eu de joelhos, como se estivesse agachado, assim... Aí bebi, mas não senti, assim, né. Aí daqui a pouco chegou os chefes assim: "Que que tá fazendo aí?! Vão sair daí! O que que vocês estão fazendo?! E eu levantei assim e "Ah!" - eu caí e rolei no chão! Foi o primeiro trago que eu tomei, assim. Eu aprendi que não se deve tomar agachado assim, que é pra não sair rolando.

Fictícia: Ruído de passos à noite

Tinha um gurizinho que táva no quarto dele. Aí o pai e a mãe dele tinham saído pra jantar. Aí ele tinha que acordar cedo e dormir. Mas antes ele viu um filme de terror. Sei lá, "A hora do espanto". E tinha um monte de ruídos no filme e tal. Aí tá. Eram altas horas e quando terminou de ver o filme, ele ficou pensando sobre o filme. E daqui a um pouco ele começou a escutar uns estalos no assoalho, de passos. E pensou: "Ah, vai ver é uma janela aberta". Mas daí ele escutava os passos: "pam... pam... pam..." E quando chegaram mais perto os passos, ficaram bem de leve, devagar. E quando chegaram perto da porta dele, pararam, assim. E ele se tapou todo nas cobertas, para que nem a cabeça ficasse de fora, assim. Aí ele escutou o ruído da porta com má lubrificação, "inhééé", o ruído. Aí, ele embaixo das cobertas. Aí daqui a pouco alguém foi tirando as cobertas da cabeça dele, mas com muita leveza, assim. E ele táva com idéia de monstro na cabeça. E ele: "Tá, o que que eu vou fazer??? Meu deus!". E ele sentiu alguém beijando a testa dele. E ele viu que eram o pai e a mãe dele que tinham chegado.

Sujeito 10

Pessoal: Estória engraçada

Teve um dia, agora no começo do semestre, que táva eu um colega e mais outro colega.

Nós tínhamos um trabalho pra fazer, que era um trabalho de campo. Aí a gente ficou esperando um colega na frente da faculdade. Era um colega que disse que ia chegar, mas no final não chegou. Bom, daí, nesse meio tempo, a gente começou a falar sobre as meninas que a gente conhecia da faculdade. E eu tenho três colegas chamados Lucas. E um desses meus colegas era Lucas e tinha o cabelo claro. E uma menina da faculdade era irmã de um Lucas. E ela é loira, tem o cabelo bem claro. E tinha um outro colega nosso, que táva com a gente e é Lucas. E ele é moreno. E aí eu peguei e falei assim: "Bah, mas tem uma menina do quarto semestre que aquela sim, é muito gata, ela é fantástica!" E falei tudo o que eu pensava dela. E eu vi que um dele estava fazendo sinal pra eu parar. E eu: "Não, não, deixa eu falar!" E falei: "É, ela é irmã do outro Lucas, né?" E o cara: "Não, não, ela é minha irmã." E eu: "Ah, eu pensei que era irmão do outro cara!". Fui fazer uma associação fenotípica e estava errado. Daí ele ficou rindo da minha cara e disse que entendia, porque ela era bonita mesmo, e que todo mundo já brincava com ela só que assim não tinha acontecido.

Fictícia: Ruído de passos à noite

Uma pessoa me contou que havia ficado assustada. Ela se assustou assim porque viu que alguma coisa estranha estava acontecendo. E tentou identificar o que era, mas não conseguiu. E ela não conseguia identificar. E tinha um sono inquieto e sempre achava que táva acontecendo alguma coisa. E táva se sentindo inquieta. E no outro dia, depois de ela ter tido um sono ruim, ela viu que tinham roubado coisas da casa dela e ela tinha tido a impressão que tinha escutado passos a noite.

Sujeito 11

Pessoal: Estória engraçada

Foi no final de maio que eu fui pra Caxias, que tinha o encontro dos estudantes de medicina. Daí foi sexta, sábado e domingo. Daí sexta de noite teve festa, assim. E o pessoal voltou pro alojamento pra dormir, daí consegui pegar no sono. E de repente eu acordo com alguém dizendo: "Cadê a tampa?!" E aí ninguém dizia nada. E ele: "Cadê a tampa do colchão?!" Aí ele reclamava: "O que que vocês fizeram comigo?", não sei o que. Era um colchão de ar. E ele começou a encher, assim "fufufu". Daí ele parou e começou a

dizer: "Ninguém vai dormir enquanto não me acharem a minha tampa!". Daí todo mundo ficou brabo com ele. Daí ele desistiu, foi dormir. E daqui a pouco alguém falou assim: "Desde quando colchão tem tampa???".

Fictícia: Ruído de passos à noite

Uma família bem humilde. Pai, mãe, três crianças. E aí o pai tinha perdido o emprego e ficaram sem comida. E a noite eles começaram a ouvir barulhos de passos, assim. E o pai começou a achar estranho. E começou a desconfiar da mulher. E aí ele bolou um plano pra descobrir o que eram esses passos. Porque ele acordava de manhã e a mulher dizia: "Olha só o que deixaram aqui na porta! Um cesto de comida!". E ele achou que a mulher dele tava saindo com outro cara, pra conseguir a comida. E ele ficava desconfiado dos passos, talvez ele não visse a mulher saindo, ou ele perdia alguma coisa. Daí um dia ele resolveu ficar acordado e ouviu os passos e foi ver. Era uma pessoa que percebeu que eles tavam passando por necessidades e resolveu ajudar.

Sujeito 12

Pessoal: Estória engraçada

Um concurso que teve agora pra aeronáutica, né. Teve uma prova de exame físico, né. Daí, tá. Abdominais, apoios e corrida, né. Daí tá na prova de apoios. Tá, todo mundo fez, não era muito difícil, né, eram nove apoios. Mas teve um colega que também passou no concurso e foi fazer a prova, né. Infelizmente ele não conseguiu fazer. Chegou no apoio número oito, daí... Sabe quando o teu músculo já não consegue mais? Daí tu não sobe. E aí já juntou todo mundo. Aí o pessoal: "Bah, o cara vai cair, ele não vai conseguir!". Daí tavam fazendo a contagem pra ele e já tavam dizendo "Sobe, sobe, sobe!" e ele não conseguia, não conseguia." Daí o cara começou a bater de cabeça no chão, não conseguiu e começou a bater. Chegou a ficar com um galo na cabeça. Daí o pessoal do hospital dali mesmo falou: "Não faz assim, tu pode entrar com recurso...". Bah, mas o "top" do concurso foi aquele cara, né. Pô, mas é engraçado, né. O cara se desesperar por um concurso público...

Fictícia: Visão de uma luz estranha

Uma pessoa que supostamente tá em coma, assim. Um coma mais grave, não sei. Aí essa pessoa começa a pensar que vê luzes. E aí depois ele retorna do coma, né. E começa a espalhar pra todo mundo: “Ah, eu vi luzes, tinha um túnel e no fim do túnel tinha uma luz. Fui pra lá, mas de repente a minha alma voltou e não era chegada a minha hora ainda”.

Sujeito 13

Pessoal: Estória engraçada

Foi bem assim: eu ia comprar um presente pra minha mãe. Tava há tempos, tempos pra comprar um presente. Até, uma semana antes, sondei minha mãe perguntando, né: “Que que tu tá precisando?”, e tal, “Tá vendo aquelas pantufa na TV?”. E ela: “É, eu acho que vou comprar e tal...”. Aí eu na minha cabeça, né: “Vo compra aquela pantufa”. Aí tá, tudo bem. Fui compra o presente pra ela, né. E ela: “Ah, eu vo junto, vo sair...”. Só que eu disse pra ela que eu ia no banco, né. Eu não ia dizer que eu ia comprar um presente pra ela. E era no sábado, né. O dia das mães era no domingo. Aí eu: “Tá, eu agora vou pr'aquela outro lado”. Daqui a pouco a gente se encontrava, né, passava, ia pra outro lado, se encontrava. Daí eu: “Pô, não é pra mim comprar mesmo!”. Daí eu peguei e... Se encontramos de novo e a mãe: “Aí que bonitinha aquelas pantufa...”. Aí eu tive que abrir o jogo e dizer: “Não, mãe, eu também vou comprar essas pantufa, mas é presente pra senhora”. Aí comprei. Dei pra ela. Tive que dar no sábado mesmo. Mas aí depois não acaba aí, né. Eu também tava pensando em comprar uma blusa, né. Uma blusa pra mim e uma blusa pra ela. E ela: “Tá, agora eu vo pra Porto Alegre” – que a gente mora em Canoas. Daí a mãe disse: “Tá eu vou pra Porto Alegre”. E eu: “Então a gente não vai se encontrar mais, que eu vou ficar no centro de Canoas”. Aí eu fui numa loja, na Marisa. Daí eu achei muito bonitinho uma blusinha e fui experimentar. Aí eu não sei o que eu falei pra mulher do vestuário, provando a roupa – tagarela, conversando, como sempre... E daqui a pouco tô experimentando a minha blusa e eu ouço uma vozinha, uma voz: “Brina, é tu que tá aí do outro lado?”. Aí eu fiquei assim: “Eu não acredito! É a mãe!”. A mãe táva do outro lado, experimentando do outro lado uma camiseta também!”. E eu: “Bah, eu não acredito!”. E eu: “Bah, a senhora

que tá aí? Mas a senhora não foi pra Porto alegre?”. “Não, eu resolvi passar na loja”. Daí eu tive que dizer pra mulher, né: “Não, essa aqui é a minha mãe, né”. Não... mas foi muito engraçado. Depois, onde ela foi, eu tive que ir junto. Surpresa, surpresa que é bom no dia das mães não teve nenhuma, porque onde eu ia eu encontrava ela. Foi estranho! Foi muito engraçado.

Fictícia: Visão de uma luz estranha

Tava o pessoal tudo junto e tal. “Vamo numa festa”. Aí foram na festa. E na festa todo mundo bebeu skol, kaiser, brahma... tudo que deu na telha. Depois passaram mal. E tá. “Vamo sair”. “Vamo, vamo sair.” “Vamo jantar fora”. Tá, todo mundo foi na pizzaria. Daqui a pouco o Cláudio, um amigo fictício, olha pro lado e de repente vê uma luz: “Ces tão vendo essa luz?”. E todos: “Sim. Que será essa luz?”. Outro: “Luz? Aonde, luz?”. Então cada um via uma coisa. Mas o Cláudio vendo aquela luz estranha. E eles foram ver o que era aquela luz e seguiram, seguiram. Quando chegaram lá, viram que era uma moto com o farol aceso! E foi isso aí.

Sujeito 14

Pessoal: Estória engraçada

A minha irmã é bem fiasquenta. Tudo que é coisa que ela vê no jornal ela se assusta. Ela vê um negócio e diz: "Ai Caroline - é a filha dela - te cuida! Se tu ver alguém na rua, não deixa isso acontecer contigo!". Aí uma vez ela tava posando lá em casa, que ela é de Cachoeira. Daí ela tava dormindo lá em casa. Daí ela foi no banheiro, uma coisa assim. E ouviu um barulho no portão e foi espiar. Bem na hora que ela abriu a porta e ascendeu a luz da rua, estourou a lâmpada. E ela: "Ai, ai, socorro, socorro!!! Pai, mãe, socorro!" E o meu pai pensou que tavam invadindo a casa. E eu fui ver no corredor, tava o pai numa correria! E o meu irmão foi muito engraçado! O meu irmão tinha se acordado e o quarto dele era pequenininho e ele assim "Ah, ah, ah!" E começou a gritar junto e a correr em cima da cama, em pânico. E girava e gritava "Ah, ah, pai, mãe, socorro! Ah, ah, invadiram a casa!". Aquela coisa! Nós rimos dela até hoje! Imagina, fazer aquele escândalo! E o mais engraçado foi o meu irmão!

Fictícia: Visão de uma luz estranha

Eu táva digitando um trabalho no computador e, de repente, o motor: "puff" - apaga. Aí eu táva fustando no computador, vendo se de repente ele pegava, dando uma sacudidinha... E aí no momento apareceu uma faisquinha, uma luz estranha. E eu me assustei, né! Aí eu desliguei da tomada e resolvi levar na loja de informática pra eles resolverem.

Sujeito 15

Pessoal: Estória engraçada

Tem uma na infância. Do colégio, quando eu tava na quarta ou quinta série, não sei se eu tinha 12 ou 13 anos. Acho que 12, por aí, essa idade. Daí começa aquela folia que tu começa a ver que tem o lado das meninas e dos meninos. E o nosso colégio era um colégio de freiras. E a gente tinha muito aquela estória dos guri pegam as guria e as guria pegam os gurus. E eu lembro que era um dia que não era dia de aula, a turma foi pra lá não sei porque e resolveu... Só que não foi uma brincadeira como essa, foi uma situação que as gurias tavam atrás dos gurus. Eu não sei que que foi realmente. E as gurias tavam correndo pra pegar os gurus e vieram pra cima de mim. E tinha uma escada grande, e nós tava numa entrada secundária, tipo, tinha uma escadaria e um sacada. E eu fui pra lá e fiquei trancado. Eu acho que era uns dois metros ali de muro, e eu me joguei pro lado e quando eu caí no chão, eu torci o pé, né. E elas tavam, eu acho, descobrindo o batom, sei lá o que... E queriam era dar beijo. Aí me deram beijo e eu me manchei todo e fui me limpar com a camisa e fiquei com a camisa toda manchada. E aí quando eu cheguei em casa...e aí? Pra explicar pra minha mãe? Aí pegaram no meu pé! Imagina, guri, aquela idade... Naquele tempo era guri prum lado , guria pro outro. As gurias tinham que correr atrás. Agora, hoje em dia é a gente que tem que correr atrás!

Fictícia: Visão de uma luz estranha

Esses dias eu fui passar um fim de semana no campo. E no fim das contas, numa noite do final do fim de semana eu ouvi uns barulhos na rua... Como na casa não tem cachorro, não tem ninguém morando perto, eu me assustei e fui olhar. E vi no horizonte, não era muito longe, há uns 500 metros. Eu consegui identificar que não era alguém com uma lanterna,

porque uma pessoa com lanterna, ela trepida um pouco e caminha num certo ritmo. E {as vezes a luz ficava lenta, parava. Eu não conseguia distinguir se era no céu, muito longe, ou se era um holofote, ou um ovni, uma coisa assim, não sei o que que era.

Sujeito 16

Pessoal: Estória engraçada

Tá, tava eu e a mãe saindo do cinema. E era tarde, tudo já tinha fechado. Tava aberto só a porta da saída, né, nós tava saindo do cinema. E a mãe tava se mijando. E o banheiro fechado, o cara já conduzindo pra porta e a mãe pensou assim: “Do centro até em casa... se segurando né...”. E ela já no caminho do estacionamento, nós tava indo buscar o carro e ela já pensando como solucionar o problema. E não tinha nenhum banheiro. E aquele estacionamento era o carro lá embaixo, descendo a rampa, e o tempo que o cara foi lá embaixo, descer pra buscar o carro, ela abriu as perna e se mijou. E eu me lembro que ela tava de meia calça e mijou a meia calça, entrou dentro do sapato tudo, sabe. Ficou aquela poça, onde ela tava. Ficou a poça. E o cara subiu com o carro e viu que ela mijou. E foi agüentando ate em casa o mijo dela, tudo mijado no banco. Não se segurou, a coroa.

Fictícia: Visão de uma luz estranha

Eu e o Gabriel indo pra chácara de tardezinha. E a gente viu aquela luz estranha no céu. “Mas o que que é aquela luz estranha?”. E tava indo justamente acompanhando assim, sabe, aquela luz se dirigindo e aquela luz meio quente, assim. Ah! Gostou do quente! Aí entramos na estradinha que dá 900 metros dali e tem um riachinho perto. E caiu a luz essa. E aí que a gente reconheceu que era um balão desses de festa junina que largam. E o balão caiu e já começou meio que pegar fogo nas árvores. E o Gabriel costuma carregar um balde no porta mala, porque onde ele tá ele pode conseguir uma mangueira e uma torneira grátis e começa a lavar o carro. Então ele leva o balde. E com esse balde nós já salvamos a floresta.

Sujeito 17

Pessoal: Estória engraçada

Em maio de 98, eu e o meu marido morávamos em Manaus. A gente foi passear num sábado pela manhã. Eu e o meu marido fomos comprar erva pro chimarrão e paramos num posto de gasolina um pouco afastado da cidade. E encontramos um homem com uma preguiça e eu pedi pra ver. Daí ele ofereceu pra comprar. Aí o meu marido ficou com pena, comprou. Só que o homem falou que ela comia de tudo, então disse que comia cenoura, alface e nos acreditamos. Depois chegamos em casa e ela não comia nada. Daí nós fomos pesquisar, saber o que ela comia e acabamos descobrindo que ela comia só um tipo de folha, de uma árvore. Mas foi engraçado pelo fato de nos termos acreditado, né, que qualquer um desconfiaria. Qualquer um não, porque nos do sul não temos a noção clara do que come ou não. Mas foi engraçado a gente ter acreditado e comprado, porque no fim nos compramos foi um problema.

Fictícia: Ruído de passos à noite

Em início de 1998 eu estava em casa, morava lá ainda e eu tava no meu quarto e o pátio da casa, né, ele era... em volta do pátio tinha árvores, assim. A mãe dormia mais para a frente e eu no quarto dos fundos. E uma e meia eu ouvi uns passos em volta da casa e depois atrás. Aí eu fui e acordei a mãe:

-Mãe, tem gente aí em casa, tem ladrão. E ela: -Não tem nada, é tua imaginação. Daí eu: Tá, vou dormir aí contigo. Daí eu me mudei pro quarto da mãe. Daí depois de um tempo eu voltei a ouvir barulho de novo, só que agora na janela. E foi quando eu ouvi os cachorros latindo bastante alto. Daí ficamos acordada, eu e a mãe, com medo né. E aí depois de um tempo o barulho sumiu. Daí no outro dia nós fomos olhar. E a janela era um pouco alta... e a pessoa... realmente deveria ter tido alguém lá, porque tinha duas coisas montadas voltadas pra dentro, mas a janela tinha grade. Mas realmente tinha tido alguém no final.

Sujeito 18

Pessoal: Estória engraçada

Eu estudei em colégio militar, né. Então eu era a que tava sempre... eu... desculpa, né, falar, mas eu... nunca fui muito pontual. Eu sei que é chato, né, tu tem um montão de coisa pra fazer, né, desculpa. Eu sei que no colégio militar a gente tinha punição quando a gente se atrasava, né. Algumas vezes eu ate levei, né. Então eu tava sempre me cuidando pra não me atrasar, né. Então um minuto antes do juramento a bandeira, que fecha tudo. Depois do juramento a bandeira tu já era atrasado. Então às vezes eu chegava em cima do laço, com a boina na mão, assim. E num episódio que aconteceu, né, é que eu tava num dia de chuva e eu tava correndo, pra variar, né. Eu tinha me atrasado por alguma coisa, ou esqueci de alguma coisa, voltava e ia buscar. Eu sei que eu sai correndo, pro ônibus, consegui alcançar o ônibus e corri. E foi quando eu desci do ônibus... porque o ônibus ele desce ate a João Pessoa e o colégio fica na José Bonifácio e tem que passar lá pelo parque. É só atravessar, não tem que caminhar muito. Aí eu corri. Só que tinha uma construção ali, né. Era... sabe aquela coisa de madeira, não sei como é que se chama... que eles separam... que eles botam cimento novo ali, no calçamento e isolam aquilo por aqueles negocio de madeira, né. Então tava muito carro ali e não dava pra passar. É uma coisa meio arriscada, né. Os carros passam, né, então tem que... Mas aí quando não tem muito carro tu até da pra te arriscar, né. Aí tava passando muito transito, acho que a essa hora muita gente vai trabalhar, né. Então eu pensei: -Ah, vô passar aqui por baixo, né. A minha mochila que eu carregava tinha uns livros dessa grossura, assim oh, uns livros fortes, bons de estudar. Ate se eu tivesse aproveitado mais teria passado no primeiro vestibular. Eu passei no segundo. E aí eu sei que eu... entalou a mochila embaixo daquele negócio de madeira, né. E eu peguei e comecei: -Ah meu deus, entalou! E eu comecei a puxar e a tentar sair dali, né. E quando eu vi: Bruuum! - caiu tudo ali, né! Derrubei tudo ali. Aquela podia ter ido parar no Faustão! aí depois eu: -Ai que vergonha! Ainda bem que não tinha ninguém ali na obra, né. Era muito cedo. Aí depois saí né, fui pra lá.

Fictícia: Ruído de passos à noite

É assim: de noite, ah... vamo imaginar uma criança. Ah, uma criança estava de noite, acordou a noite assustada dum pesadelo. Ela de repente começou a ouvir um estranho barulho, eram uns passos assim. A casa era grande. Onde ela morava com seus pais era grande. E ela ouvia uns passos. Seria uns bichos papões que o papai e a mamãe contavam pra ela dormir, pra ela dormir logo, pra na ter problemas com o bicho papão? O que seria? O que seriam esses passos misteriosos? Ela não tinha coragem de se levantar. O seu

coração batia descompassadamente. Ela suava frio. Chegou a fazer a menção de levantar-se da cama, mas mudou de idéia. Resolveu ficar debaixo das cobertas. E os passos não paravam. O que seriam? Parou um pouco, mas depois continuou. O que seria aquilo? E então a curiosidade começou a brigar com o medo. Poderia ir lá olhar... Mas e se fosse alguma coisa como sei lá, um vampiro? Uma bruxa que se apodera de almas? Quem poderia ser? Mas também poderia não ser nada. Mas como saber naquela escuridão? Estava noite adentro, as luzes já haviam sido apagadas, o papai gostava de economizar energia. Por fim, a curiosidade venceu o medo. Começou a se levantar, pé ante pé. Qualquer coisa, sairia correndo, iria pro papai e pra mamãe, chamaria deus e todo mundo, sei lá, o escambal. Ou daria uma de super herói, como seus amiguinhos pokemons, chapolim, she-ra. Foi caminhando. Mas por precaução, voltou e pegou seu ursinho de estimação que usava para dormir. Saiu. Foi caminhando pé ante pé. De onde vinha o ruído? Era da cozinha. Foi caminhando, o coração começou a bater. Chegou a pensar em voltar, mas já estava no meio do caminho e agora tinha que ir até o fim. Caminhou pé ante pé. Quando chegou até a cozinha, viu um vulto! Deu um pulo pra trás! De repente o vulto se virou e com uma voz muito familiar, disse: - Meu filhinho, o que que você está fazendo acordado a essa hora?

Sujeito: 19

Pessoal: Estória engraçada

Não é muito engraçado, foi uma história estranha que eu vivi. Pra mim, naquela hora, a situação que eu passei foi engraçada. Eu sei que lá nos Estados Unidos né, tu ia no lugar, tá, e não tinha lixo, tá, tu botava os papel na patente. E na casa do Derik tinha um lixinho ali, né. No banheiro que eu dividia com a Dina, tinha um lixinho. Tá, né, cada vez que eu ia no banheiro, eu botava o papel no lixo, né? Já fazia semanas que eu tava frequentando a casa dele, né, e parecia que o papel era só meu ali. E era meu e da Dina o banheiro, né. E o lixo parecia que só eu enchia no banheiro. Passava um tempo, né, o Derik esvaziava o lixo. No início, eu que esvaziava, né. Mas depois me falaram que ele estava acostumado a botar sempre no mesmo dia todo o lixo prá fora. Então era sempre o Derik que ia no banheiro e tirava o lixo. Ele que fazia isso uma vez por semana. Só que eu mijava muito, né, e daí eu gastava muito papel. Tava com o lixo sempre cheio, parecia que o papel era sempre meu. Daí eu pensei: “que coisa estranha, será que a Dina não usa o banheiro? Que mulher estranha” – passava pela minha cabeça assim – “Parece um ET, parece que a Dina é um

ET! Ela não vai no banheiro! Que será que ela faz? Ela mora aqui... Será que é no trabalho dela, não é possível!”. E era só meu, não tinha nada dela no lixo. Meu Deus, que coisa estranha. Da minha parte, eu pensava isso, né? Daí um dia o Derik: - Mariana, a Dina veio me reclamar. Ela disse que era pra ti parar de colocar papel na patente. Tu bota muito papel na patente. Não sei o que tu tá comendo, ela disse, que tá entupindo a patente. Super delicada a Dina, ela disse que não sabia o que eu andava comendo que tava entupindo a patente. E eu disse: Mas eu nem coloco o papel na patente! E ele disse: Tu não coloca o papel na patente? E eu: Não, eu não ponho o papel na patente! – Onde tu põe o papel, então? – Eu ponho no lixo. E ele: “quáaaaaqua qua qua qual!”. Ele disse que tava achando muito estranho: “Como é que essa guria assoa tanto o nariz?”. Pra ele, era óbvio que eu botava o papel na patente, né, pra eles, é o normal. E ele começou a mais de uma vez por semana ter que esvaziar o lixo e pensava “Agora todos os dias tem lixo no banheiro”. Daí, eu achei engraçada a situação por causa que eu tava pensando uma coisa dela mas ninguém se comunicava. Eu não me comunicava com ela, e ela achando que... e ele e ela achando eu muito estranha, né. Todo mundo se estranhando mas ninguém dizia nada. E o Derik recolhendo o lixinho e pensando: “que será que ela assoa tanto o nariz?”

Fictícia: Visão de uma luz estranha

Era uma vez uma cidadezinha do interior, bem pequenininha, um homem que conversava com os animais. Só que a cidade achava que ele era louco. Todo mundo debochava dele. Ninguém dava credibilidade, ele não arrumava emprego. E todo mundo achava que ele era um louco, e ele passava o dia conversando. E conversava e parecia que os bichos respondiam pra ele. Ta. E jogavam pedra na rua nele. Ele era assim, mal visto. E daí começou a vir a época do apagão na cidade. Tomou conta do Brasil inteiro e chegou na cidadezinha. E as pessoas ficaram desesperadas, não sabiam o que fazer. Já tinham poucos recursos, mas tinham que aderir ao apagão, né? Aí toda a cidade combinou que era isso que tinham que fazer. Daí, quando chegava a noite aquela escuridão na cidade, né? E aí, um dia ia passando um moleque lá perto da casa do seu João, que era o homem que falava com os animais. Passou por lá e viu luzes acesas. Mas ele achou muito estranho aquilo - Mas como? A cidade toda tinha entrado no apagão haviam cortado a energia da cidade. E luz dentro da casa, a casa iluminada, mas ele não sabia como que ele podia ter feito isso, né? Daí ele encontrou o pessoal da cidadezinha, né, e disse que na noite passada, tinha visto a casa do seu João iluminada. Então no cair outra noite, resolveu ir lá ver de novo. E era época de natal... E era época de natal. E aí, todo mundo – putz a gente vai deixar de ter

nossas árvores, nossas luzinhas, a cidade enfeitada. E passaram pela casa dele, tudo iluminado. E todo mundo no escuro. “Mas meu Deus, o que que tá acontecendo?” – a cidade toda, né? E foi a fofoca, aquele bafafá: - O que que será que tá acontecendo? O que que ele anda fazendo? O que que tá acontecendo? E resolveram fazer um complô, resolveram combinar uma noite e invadir a casa do seu João pra ver o que ele tava fazendo. Ta. Daí chegou a noitinha e toda a cidade escura, foram tudo pra casa do seu João. Chegaram lá, e tudo iluminado, de novo. Aí, PAAM, abriram a porta, né. Conseguiram abrir a porta, pegaram um tronco e PÁA. Chegaram lá, o seu João conversando com um monte de vaga-lume. Aí descobriram o segredo do seu João e ficaram tudo: “Bah, a gente agora que vai querer esses vaga-lume pra gente, pa pa pa... Saíram correndo e pegaram a garrafa começaram a botar os vaga-lume pra dentro da garrafa pra levar pras suas casa, né, pra deixar iluminada suas casa pra todo mundo. Todo mundo queria o segredo do seu João. Todo mundo queria iluminar suas casa. Ta, levaram todos os vaga-lume dele e ficaram tudo engarrafado os vaga-lume. E na casa dele, eles estavam todos soltos, né, ali no bando. E quando eles chegaram lá ele tava conversando, contando histórias pros vaga-lumes, tava lendo um livro e contando pros vaga-lume. Aí os vaga-lume tavam tudo engarrafado na casa das pessoas e tudo amontoado, sem ar. E não funcionava, não funcionavam na casa das pessoas. Teve gente que fez decoração, fizeram abajur especial e botaram eles dentro, botavam eles dentro do pinheirinho de natal. E não acendia. “Mas qual que é? Por que esses vaga-lume acendem pro seu João e não ascendem pra nós? Mas o que será que o seu João fazia que eles acendiam?” Daí eles tentaram começar a conversar com os vaga-lumes. “Mas será que o seu João tinha razão em conversar com os vaga-lumes, que eles ascendiam? Será que era verdade que ele falava mesmo com os vaga-lumes e com os animais?”. E aí: - Bah, vamo ter que ir lá se humilhar pro seu João. Vamo ter que ir lá pedir pra ele conversar com os vaga-lume. E a cidade toda se reuniu e foi pra casa do seu João. “Ah, não, porque a gente não pode ficar no escuro, a gente precisa dos vaga-lume. Aí eles foram pra falar com ele. E a cidade toda foi atrás do seu João. – Olha, seu João, dá um jeito, que os vaga-lume não tão querendo piscar. O senhor se entenda com eles, que a gente quer luz. Ta, daí seu João foi de casa em casa falar com os vaga-lumes. Aí ele se reuniu com a cidade e disse: - Olha, os vaga-lumes falaram que vão voltar a brilhar, só que, se eles forem soltos, fiquem em liberdade e fazer vocês, um por um, beijar os meus pés e prometer nunca mais me apedrejar, nunca mais debocharem de mim e vão acreditar, bom agora vocês podem acreditar, porque eles vão voltar a brilhar. Depois dessa conversa, vocês vão ver e vocês vão acreditar que eu não sou um homem louco, que a gente pode conversar com os animais. Aí todo mundo: - Bah a gente vai ter que beijar o pé desse cara!

Será que é verdade? E se for uma atochada desse cara? Putz...”. Daí: - Ta vamo fazer isso, né? Aí, um por um, beijou o pé dele, pediu desculpas e prometeu que agora nunca mais iam duvidar do seu João e nunca mais iam apedrejar ele e que iam passar a acreditar nas coisas que ele fazia. Aí, então, voltaram pras suas casas e soltaram os vaga-lumes das garrafas, e os vaga-lumes começaram a brilhar novamente. Aí então toda a cidade passou a respeitar o seu João e quando fizeram uma linda árvore de natal, todos os vaga-lumes foram espontaneamente enfeitar a árvore de natal. E toda a cidade entrou em harmonia, os animais também e nunca mais maltrataram o seu João.

Sujeito 20

Pessoal: Estória engraçada

Tava eu acordando de manhã cedo pra ir pra aula de inglês. Isso era nos Estados Unidos, na Carolina do Norte, eu a minha irmã e a minha prima. E eu não sabia lidar muito com a neve e quando a gente acordou, o carro tava todo coberto de neve, o vidro tava todo coberto de neve. Então eu, como eu me considero uma menina muito esperta, resolvi ferver um pouco de água quente na cozinha e levar pra rua e atirar a chaleira de água quente no vidro, dizendo: “Meninas, o problema já está resolvido!”. De repente, quando eu vi: “crackcrackcrackcrackcrack”! A água virou gelo, e não era mais só floco de neve, era gelo em todo o vidro! Bom, quando eu vi, tinha o nosso vizinho americano na frente, olhando pr'aquela situação ridícula e rindo que se matava. Aí a gente começou... como não tinha o negocinho que tira a neve, a gente pegou pá de fazer bife e começamos a raspar o vidro, tentando tirar. E ele rindo no outro lado. Foi quando eu resolvi ser um pouco humilde e ir lá perguntar pra ele, falar com ele, né: “Senhor, a gente não tem... a gente não sabe muito bem como lidar com a neve. Eu não sou daqui... o senhor poderia nos dar uma orientação?”. Então ele nos emprestou o... Ah não. Tá, daí tem outra coisa: eu com a minha atitude maravilhosa, não é, resolvi fazer o mesmo no carro do vizinho porque tinha sobrado um pouquinho de água na chaleira. Daí no fim, o que que aconteceu é que a gente não conseguiu tirar aquele gelo do vidro, a gente acabou faltando aula, teve que esperar que o sol derretesse.

Fictícia: Ruídos de passos à noite

Eu morava numa cidadezinha perto de Santa Maria. Era um lugar calmo, tranqüilo. Não existia nada, nenhum movimento à noite... era simplesmente uma paz. Até mesmo porque as pessoas sempre iam pro centro de Santa Maria quando precisavam de alguma coisa. Esse era um local onde só as pessoas moravam ainda. Mas uma coisa incomodava, que sempre quando eu ia ver televisão, ou eu ia sentar pra ver um livro, sempre eu ouvia ruído de uns passos de alguém na rua. Sempre que eu olhava, não tinha ninguém. Mas eu voltava a sentar e ouvia de novo: ruído de passos. Isso começou a me incomodar, porque “puxa vida, quem que tá vindo aqui em casa, sempre a noite?”. Bom, daí um dia eu resolvi apagar as luzes de casa pra ver se essa pessoa não ficaria com vergonha, não ficaria inibida, não é... deu ficar espiando ela. Porque sempre quando eu ia lá, alguma coisa desaparecia. Aí um dia eu tava na janela, com as luzes apagadas e a cortina fechada, espiando. Quando eu vi, o ruído de passos era o meu cachorro que botava os meus sapatos e andava na frente de casa.